



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
LETRAS**

**GABRIELA DE ANDRADE BATISTA**

**A FORMA VERBAL *TXA* DA LÍNGUA APURINÃ: UM FENÔMENO DE  
GRAMATICALIZAÇÃO**

Belém  
2021

GABRIELA DE ANDRADE BATISTA

**A FORMA VERBAL *TXA* DA LÍNGUA APURINÃ: UM FENÔMENO DE  
GRAMATICALIZAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará (PPGL/ILC/UFPA), como requisito para obtenção do grau de Mestra em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Análise, descrição e documentação das línguas naturais

Orientador:  
Prof. Dr. Sidney da Silva Facundes

Belém

2021

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará**  
**Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

---

D278f de Andrade Batista, Gabriela.

A forma verbal txa da língua Apurinã: um fenômeno de gramaticalização / Gabriela de Andrade Batista. — 2021.  
137 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Sidney da Silva Facundes  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,  
Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em  
Letras, Belém, 2021.

1. Aruák. 2. Apurinã. 3. Gramaticalização. 4. Verbos. I.  
Título.

CDD 410

---

GABRIELA DE ANDRADE BATISTA

**A FORMA VERBAL *TXA* DA LÍNGUA APURINÃ: UM FENÔMENO DE  
GRAMATICALIZAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará (PPGL/ILC/UFPA), como requisito para obtenção do grau de Mestra em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Análise, descrição e documentação das línguas naturais

Orientador:  
Prof. Dr. Sidney da Silva Facundes

Data de aprovação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/2021.

Banca examinadora:

\_\_\_\_\_ - Orientador  
Prof. Dr. Sidney da Silva Facundes  
Universidade Federal do Pará (UFPA)

\_\_\_\_\_ - Examinador interno  
Prof. Dra. Carmen Lúcia Reis Rodrigues  
Universidade Federal do Pará (UFPA-Bragança)

\_\_\_\_\_ - Examinador externo  
Prof. Dra. Ana Vilacy Galúcio  
Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG)

\_\_\_\_\_ - Membro suplente  
Prof. Dra. Marília de Nazaré Oliveira Ferreira  
Universidade Federal do Pará (UFPA)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha força de vontade para conseguir completar mais esta etapa acadêmica. Também agradeço imensamente a minha mãe, Jaqueline e meu irmão Joaber, que sempre estão ao meu lado em todos os momentos da minha vida.

Agradeço em especial ao meu orientador, professor Sid, pela oportunidade e privilégio em ter recebido todas as suas contribuições e também por ter aceitado me orientar, por todos os incentivos e também pelas críticas construtivas, pela ajuda e todo o apoio que recebi ao longo da minha jornada acadêmica desde a graduação até agora no Mestrado.

Sou grata também a minha banca avaliadora de qualificação e defesa, as ilustres professoras Ana Vilacy, Marília Ferreira e Carmen Lúcia Rodrigues que com suas críticas construtivas muito contribuíram para que este trabalho chegasse a sua versão final.

Um agradecimento especial também ao meu cachorro Luke, meu melhor amigo, por literalmente estar sempre ao meu encalço, sendo a maior companhia que tive o privilégio de ter ao longo desses anos, por todo o carinho (entre mordidas também) e amor mútuo.

Também sou grata a professora Marília Freitas por ter sido a primeira a acreditar em mim durante esse percurso acadêmico, e por sempre ter uma participação especial em todas as minhas conquistas, serei eternamente agradecida por todas as imensas contribuições que tornaram possível chegar até aqui.

E dedico um agradecimento especial ao povo Apurinã, por me permitirem imergir no aprendizado da sua língua e cultura, em específico ao Valdmiro Apurinã, por todas as nossas horas de trabalho e pela paciência e disposição em sempre ajudar. A Erivaldo Apurinã, ao seu Osvaldo Apurinã por terem nos recebido e acolhido tão bem durante a viagem de campo, por terem contribuído de forma significativa para que eu pudesse concluir esta pesquisa. Agradeço também a todos os outros que tornaram nosso convívio na aldeia uma experiência única e especial.

A todos, muito obrigada!

*“[...] No language is justly studied merely as  
an aid to other purposes.  
It will in fact better serve other purposes,  
philological or historical,  
when it is studied for love, for itself.”*

(TOLKIEN, 1955)

## RESUMO

Domínios semânticos como polissemia e homonímia não dão conta de explicar satisfatoriamente determinados comportamentos do verbo *txa* da língua Apurinã (Aruák), falada por comunidades indígenas que vivem ao longo dos afluentes do Rio Purus no sudeste do estado do Amazonas. Por isso, o processo de gramaticalização torna-se a melhor forma de analisar e descrever a forma em que este verbo se manifesta na língua, em contextos diferentes, com significados distintos e comportamentos sintáticos díspares, mas que, no entanto, apresentam a mesma forma. Acerca do verbo *txa* Facundes (2000), constatou em sua gramática da língua que este pode funcionar como verbo pleno, pró-verbo, cópula e verbo auxiliar. A hipótese de que esta forma verbal tenha passado ou esteja passando por um processo de gramaticalização advém do pressuposto de que há certa relação semântica entre as diferentes ocorrências do verbo, mas com diferentes comportamentos morfossintáticos associados. Mediante isso, considera-se que na língua está em progresso esse fenômeno de gramaticalização (HEINE, 2001), em que certas formas verbais “fonte” dão origem a significados “alvo”, os últimos mais abstratos, como resultado de um processo de desbotamento semântico. Para a realização desta pesquisa, foi selecionado um *corpus* composto por 32 textos que fazem parte do banco de dados da língua Apurinã, mais alguns dados coletados com falantes nativos da língua, em um levantamento sistemático das diferentes ocorrências desses verbos, para então analisa-los e descrevê-los, a fim de observar o comportamento do verbo na respectiva língua, com a intenção de verificar a direção das mudanças linguísticas ocorridas, para uma visão mais ampla sobre o fenômeno que ocorre em Apurinã, mais em específico na forma verbal *txa*.

**Palavras-chave:** Aruák. Apurinã. Gramaticalização. Verbos.

## ABSTRACT

Semantic domains as polysemy and homonymy do not explain satisfactorily some behaviors related to the verb *txa* of the Apurinã (Arawak) language, spoken by indigenous communities that live along tributaries of the Rio Purus, southwest of the Amazonas state. Hence, the grammaticalization process is the option which better offers the possibility to analyze and describe the form of this verb manifestation in the language, which occurs in different contexts, with distinct meanings and syntactic behavior, but the same verb form. Facundes (2000) describes the *txa* verb as behaving as a full verb, pro-verb, copula verb, and auxiliary verb. The hypothesis is that there is some semantic relation between the different occurrences of the verb, but with morphosyntactic behavior that differ according to the verb meaning/function. Therefore, it is possible to consider that there is a grammaticalization process in progress in the language, wherein some “source” verbal meaning gives origin to a “target” meaning, this last one being more abstract, as a result of a semantic bleaching process. This research consisted of a selected a *corpus* composed of 32 texts, part of the Apurinã language database, plus some other texts collected with native speakers through field trip, a systematic survey of the different occurrences of this verb, their description and analysis, to visualize the verb’s behavior in the language, intending to verify the direction of the linguistics changing occurred and have a wide view about the grammaticalization phenomenon which occurs in Apurinã, more specifically with the verbal form *txa*.

**Keywords:** Arawak. Apurinã. Grammaticalization. Verbs.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Representação aproximada da localização dos Apurinã .....	23
<b>Figura 2</b> - Esquema da classificação interna de Payne (1991) para as línguas Maipure (Aruák).....	30
<b>Figura 3</b> - Reclassificação proposta por Aikhenvald (1999) da família linguística Aruák .....	33
<b>Figura 4</b> - Localização aproximada do povo Piro (Yine) .....	39
<b>Figura 5</b> - Estrutura silábica da língua Apurinã .....	47
<b>Figura 6</b> - Classificação dos verbos em Apurinã, conforme Facundes (2000).....	51
<b>Figura 7</b> - Esquema em pirâmide da adequação tipológica da língua com base em Dik (1989) .....	82

## LISTA DE IMAGENS

<b>Imagem 1</b> - Aldeia da comunidade Itexi Mitari .....	27
<b>Imagem 2</b> - Aldeia indígena Apurinã, Terra Nova.....	74

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> - Terras indígenas onde vivem os Apurinã .....	24
<b>Quadro 2</b> - Prefixos pronominais e sufixos em Proto-Aruák, proposto por Aikhenvald (2005).....	36
<b>Quadro 3</b> - Reconstrução fonológica para Proto-Apurinã-Piro-Iñapari, proposto por Facundes (2000, 2002) ....	42
<b>Quadro 4</b> - Inventário fonológico do sistema vocálico .....	45
<b>Quadro 5</b> - Inventário fonológico do sistema consonantal.....	46
<b>Quadro 6</b> - Marcadores pronominais em Apurinã, proposto por Facundes (2000) .....	49
<b>Quadro 7</b> - Hierarquização semântica dos verbos intransitivos em Apurinã .....	53
<b>Quadro 8</b> - Hierarquização gramatical dos verbos intransitivos em Apurinã.....	53
<b>Quadro 9</b> - Formalismo e Funcionalismo segundo Dik (1979) .....	79
<b>Quadro 10</b> - Concepções de Gramaticalização .....	92
<b>Quadro 11</b> - Ordenação de categorias cognitivas, proposto por Heine et al. (1991) .....	93
<b>Quadro 12</b> - Usos distintos do verbo txa da língua Apurinã .....	98
<b>Quadro 13</b> - Configurações morfossintáticas de txa .....	114
<b>Quadro 14</b> - Estrutura típica do desenvolvimento de auxiliares.....	118
<b>Quadro 15</b> - Verbos API.....	125

## **LISTA DE TABELAS**

<b>Tabela 1</b> - Aspectos semânticos dos verbos intransitivos conforme Chagas (2012).....	52
--	----

## LISTA DE ABREVIATURAS

1 primeira pessoa

2 segunda pessoa

3 terceira pessoa

AFET afetado

ASSOC associativo

ATRIB atributivo

ATRIB. INTENS atributivo intensificador

AUX auxiliar

DAT dativo

DISTR distributivo

ENF enfático

F feminino

FOC foco

FRUST frustrativo

FUT futuro

INT interrogativo

INTERR palavra interrogativa

IPFTV imperfectivo

LOC locativo

M masculino

N.POSSD não possuído

N.PROP nome próprio

O objeto

PASS passiva

PFTV perfectivo

PL plural

POSSD possuído

PRED predicado

REFL reflexivo

REL relacional

SG singular

VBLZ verbalizador

## SUMÁRIO

<b>1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....</b>	<b>16</b>
<b>1.2 Estrutura do trabalho .....</b>	<b>18</b>
<b>2 INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE O POVO APURINÃ.....</b>	<b>19</b>
<b>2. 1. Conhecendo os Apurinã: breve panorama sociohistórico.....</b>	<b>19</b>
<b>2.2. Localização e população Apurinã.....</b>	<b>22</b>
<b>2.3. Considerações socioculturais do povo Apurinã .....</b>	<b>26</b>
<b>2.4 Filiação genética da família Aruák.....</b>	<b>29</b>
2.4.1 <i>Considerações linguísticas sobre línguas Aruák .....</i>	<i>35</i>
2.4.2 <i>Subagrupamento Apurinã, Piro e Iñapari: algumas considerações.....</i>	<i>38</i>
<b>3 CARACTERIZAÇÃO DA LÍNGUA APURINÃ .....</b>	<b>44</b>
<b>3.2 A categoria verbal na língua Apurinã.....</b>	<b>47</b>
3.2.1 <i>Categoria verbal em Apurinã.....</i>	<i>48</i>
3.2.1.1 Verbos intransitivos.....	52
3.2.1.1.1 Intransitivos padrão.....	54
3.2.1.1.2 Intransitivos descritivos .....	54
3.2.1.2 Verbos transitivos .....	56
3.2.1.2.1 Verbos transitivos regulares.....	57
3.2.1.2.2 Verbos transitivos ambivalentes .....	57
3.2.1.3 A forma verbal awa .....	58
3.2.1.4 Verbos auxiliares .....	60
3.2.2.4 Verbos com nomes incorporados .....	61
3.2.2.4.1 Verbos com incorporação de nomes regulares .....	62
3.2.2.4.2 Verbos com incorporação de nomes classificatórios .....	63
<b>4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>65</b>
<b>4. 1 Organização e norteamto da metodologia .....</b>	<b>66</b>
<b>4.2 Corpus da pesquisa.....</b>	<b>69</b>
<b>4.3 Seleção e organização dos dados.....</b>	<b>70</b>
<b>4.4 Coleta de dados e viagem de campo .....</b>	<b>72</b>
<b>4.4 Perfil dos colaboradores.....</b>	<b>75</b>
<b>5 REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>77</b>
<b>5.1 Funcionalismo .....</b>	<b>77</b>
<b>5.2 Mudança Linguística .....</b>	<b>83</b>
<b>5.3 Gramaticalização .....</b>	<b>89</b>

5.3.1	<i>Princípios da gramaticalização</i> .....	92
5.3.1.1	Unidirecionalidade.....	93
5.3.2	<i>Gramaticalização de verbos</i> .....	94
<b>6</b>	<b>GRAMATICALIZAÇÃO DO VERBO <i>TXA</i> DA LÍNGUA APURINÃ</b> .....	<b>97</b>
<b>6.1</b>	<b>O verbo <i>txa</i> da língua Apurinã</b> .....	<b>97</b>
6.1.1	<i>Txa</i> ‘dizer’: verbo pleno.....	100
6.1.2	<i>Txa</i> ‘fazer’: Pró-verbo .....	104
6.1.3	<i>Txa</i> ‘ser’: cópula.....	107
6.1.4	<i>Txa</i> verbo auxiliar .....	111
<b>6.2</b>	<b>Discussão sobre a gramaticalização de <i>txa</i></b> .....	<b>114</b>
<b>6.3</b>	<b>Busca por cognatos de <i>txa</i> da língua Apurinã em Iñapari e Piro</b> .....	<b>121</b>
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>129</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>133</b>

---

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

---

A gramaticalização é um fenômeno que vem sendo alvo de pesquisa e investigação há relativamente pouco tempo, sendo foco para muitos autores, como Meillet ([1912], 1965), Heine (1991 e 2004), Hopper (1987), Hopper & Bybee (2001) e Hopper & Traugott (1993) que se destacam no quadro linguístico. Esse fenômeno é um processo espontâneo em línguas naturais, o qual reverbera mudanças linguísticas que ocorrem gradualmente, dentro de um *continuum* que pode ser observado diacronicamente ou sincronicamente e em diversos níveis da língua, sejam estes fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos ou até mesmo pragmáticos.

Neste trabalho, a proposta emergiu a partir da necessidade de investigar um fenômeno de gramaticalização na língua Apurinã, por meio de um estudo com foco na mudança linguística. Para tanto, fez-se uso de alguns tipos de modelos teóricos com o propósito de realizar análises para mostrar como o fenômeno de gramaticalização pode ser observado em uma língua natural.

Apesar de existirem vastos estudos sobre gramaticalização, poucos são voltados para línguas indígenas, sobretudo o estudo de gramaticalização em línguas Aruák, em específico Apurinã. Em trabalhos anteriores nessa língua, algumas hipóteses foram suscitadas sobre a possível gramaticalização, especialmente em compostos nominais e o verbo *awa* (cf. FACUNDES, 2000 e FREITAS, 2017). Algumas observações iniciais sobre o *status* do verbo *txa* foram feitas por Batista (2018), porém ainda sem um levantamento adequado para a análise e descrição do que ocorre com esta forma verbal.

No estágio inicial desta pesquisa, ainda em 2018 foram examinados padrões mais internos de Apurinã acerca do uso de *txa*, no qual foi feito um levantamento preliminar em dados acerca do comportamento desse verbo, por isso não foi possível obter resultados satisfatórios que pudessem mostrar o que de fato ocorre com *txa*. Então, neste trabalho busca-se aprofundar, ampliar estudos, análises e descrições em torno do estudo da gramaticalização do verbo *txa* da língua Apurinã.

O interesse para esta pesquisa surgiu primordialmente pela forma como esse verbo é usado na língua. O verbo *txa* pode se comportar de quatro formas distintas, atestadas até o momento por Facundes (2000): auxiliar, *dicendi* (verbo principal), cópula e pró-verbo, que foram preliminarmente estudadas por Batista (2018). No entanto, noções meramente semânticas, como polissemia e homonímia, não foram suficientes para dar conta de explicar o

uso da forma verbal em questão. Por isso, a abordagem da Gramaticalização oferece uma maneira mais consistente de análise e descrição, pautada em aspectos funcionais, assim como fatores pragmáticos que também podem auxiliar no entendimento destas estruturas.

No âmbito desta pesquisa foi possível abordar a perspectiva sincrônica do fenômeno, ao considerar apenas dados do *status* atual da língua em uso. Tal visão se volta para a identificação de graus de gramaticalidade das formas verbais em questão que buscam entender como estas se desenvolveram a partir dos deslizamentos funcionais a elas conferidos pelos padrões fluídos de uso da língua, conforme afirmam Gonçalves, Lima-Hernandes e Casseb-Galvão (2007).

Dessa forma, quando uma determinada palavra se gramaticaliza a tendência é de que se torne cada vez mais gramatical, através de um *continuum* que ocorre gradualmente e unidirecionalmente. Por isso, ao lidar com a gramaticalização, prima-se os aspectos morfossintáticos, semânticos e discursivos. Desse modo, o estudo da gramaticalização preocupa-se tanto com as construções menores, como um afixo, quanto com os segmentos de discursos ainda maiores.

À vista disso, este estudo sobre a gramaticalização do verbo *txa* intenta contribuir em um nível mais amplo para a contínua documentação da língua Apurinã, que sofre risco de extinção, e por isso torna-se a relevante realizar trabalhos que possam documentar e descrever a língua.

Portanto, a escolha deste tema justifica-se tanto pela importância linguística quanto social e cultural, por tratar-se de uma investigação que aborda um fenômeno, até então, pouco explorado em Apurinã, além de contribuir para o conhecimento adquirido acerca da categoria, função e significados do verbo estudado poderá colaborar para uma melhor compreensão do funcionamento da língua e, conseqüentemente, para a elaboração de materiais e estratégias de ensino nas escolas indígenas, em certa medida. Ademais, este trabalho também contribuirá para o fortalecimento do registro da língua e cultura deste povo.

Como objetivo geral, esta dissertação pretende analisar e descrever o processo de gramaticalização que ocorre com o verbo *txa* da língua Apurinã, com a finalidade de identificar a forma e uso desse verbo, para então determinar os possíveis estágios pelos quais *txa* passou ou ainda passa durante esse processo de mudança linguística. Em relação aos objetivos específicos, este trabalho pretende:

- Analisar e descrever o verbo *txa*, indicando seu domínio fonte e significados alvo associados, atestáveis sincronicamente na língua;
- Elaborar uma organização sistemática do comportamento da forma verbal;
- Traçar o caminho da gramaticalização pela qual *txa* passou/está passando.

Isto posto, vale acrescentar que a discussão acerca da importância em estudar línguas indígenas não se restringe somente ao âmbito da Linguística, mas também aos aspectos antropológicos e políticos, pois grande parte desses povos sofrem com o risco da sua população diminuir gradativamente.

Silva (2019), diz que a língua é uma entidade que se reinventa, se auto-organiza, constrói significados ao mesmo tempo em que é reconstruída. Essa observação coaduna com o contexto da pesquisa, por meio da qual busca-se, de algum modo, observar esse aspecto relativo à mudança linguística em Apurinã, em um domínio pautado na gramaticalização, um fenômeno que lida com a gênese de formas gramaticais e, dessa maneira, contemplar como os usos distintos da forma verbal *txa* podem estar ligados à fatores pragmáticos associados a elementos de interação social dos usuários da língua, bem como outros aspectos mais internos da língua.

## 1.2 Estrutura do trabalho

Este trabalho encontra-se dividido em sete partes, a saber: introdução, informações sobre o povo Apurinã, caracterização da língua, procedimentos metodológicos, referencial teórico, gramaticalização da forma verbal *txa* e considerações finais.

A presente introdução apresenta o trabalho, com a finalidade de abordar quais foram as motivações para que este estudo fosse realizado. Aqui, discorre-se acerca das justificativas, objetivos geral e específicos, além de mostrar a estrutura da dissertação.

Em seguida, no segundo capítulo é feito um panorama geral a respeito das informações relevantes acerca do povo Apurinã. Para tanto, será apresentada a localização, população, considerações gerais dos aspectos socioculturais e filiação genética. O terceiro capítulo versa sobre os aspectos linguísticos da língua Apurinã, com ênfase na fonologia, estrutura silábica, ortografia e tipologia com o intuito de mostrar a categoria verbal da língua, foco da pesquisa.

Em seguida, o quarto capítulo tem por finalidade mostrar o percurso metodológico utilizado para a feitura da pesquisa, apresentando as etapas realizadas para que se alcançasse a proposta do trabalho. São mostradas a seleção e organização do *corpus*, perfil dos colaboradores e notas sobre a viagem de campo.

O quinto capítulo apresenta as principais teorias que nortearam a pesquisa, como o funcionalismo, a mudança linguística, método histórico-comparativo e gramaticalização. O sexto capítulo, objetiva apresentar a análise e descrição processo do gramaticalização da forma verbal *txa*, por meio da qual são mostrados os resultados acerca dos quatro usos desse verbo na língua em questão. Por fim, será visto as considerações finais e referências bibliográficas.

---

## 2 INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE O POVO APURINÃ

---

Para compreender o povo Apurinã é importante conhecer a história dessa comunidade indígena. Para tanto, o presente capítulo tem por finalidade discorrer acerca do percurso social e histórico dos Apurinã, além de abordar os aspectos culturais e, sobretudo, os linguísticos para situar a filiação genética da língua do referido povo. Ademais, será realizada algumas considerações a respeito da distribuição geográfica a fim de situar a localização dos Apurinã ao longo do rio Purus, no estado do Amazonas. Tais informações corroboram para entender a constituição dessa comunidade indígena que procura manter a sua identidade linguística e cultural.

Cabe frisar que este capítulo foi construído, principalmente, com base em Facundes (2000), Schiel (2004), Schiel e Smith (2008), Schröder e Costa (2008), Freitas (2017) e também dados retirados dos *sites* da Fundação Nacional do Índio (FUNAI)<sup>1</sup> e também do Instituto Socioambiental (ISA)<sup>2</sup>, além de algumas observações coletadas durante a pesquisa de campo realizada na aldeia *Itixi Mitari* que constitui uma das comunidades Apurinã.

### 2. 1. Conhecendo os Apurinã: breve panorama sociohistórico

O termo Apurinã refere-se a uma etnia indígena e a uma língua pertencente à família linguística Aruák. Conforme Facundes (2000), Apurinã é o equivalente em português para se referir aos *Pupŷkarywakury*, tanto o povo quanto a língua falada por eles. Esta denominação para os Apurinã designa pessoas pertencentes a essa etnia, no entanto, para outros o termo apenas significa “índio”. O termo “Apurinã”, de acordo com Ehrenreich (1891, p. 109 *apud* Facundes, 2000, p. 3), é provavelmente proveniente de “Ipuriná”, nome dado pelo povo Katawixi, que habitou uma região próxima ao Apurinã.

Entre os estudos relacionados a esse povo, boa parte evidencia alguns dos conflitos que marcaram os Apurinã. Tais confrontos ocorriam às vezes internamente, entre os próprios Apurinã e, também, com outros povos indígenas, ou entre os Apurinã e com os *kariwa* (não indígena). Esses acontecimentos ocasionaram massacres, perseguições e guerras pelas terras indígenas. Por essas razões, os Apurinã são caracterizados como um povo com inclinação para guerras e de acordo com Facundes (2000), esse caráter guerreiro é apontado como um dos

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br>

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.socioambiental.org/pt-br>

principais motivos da dispersão geográfica deste povo, que ficará mais evidenciada posteriormente na presente seção.

Em relação aos conflitos com outros indígenas, de acordo com Schröder e Costa (2008), o referido povo já entrou em confronto com quase todos os povos indígenas do Rio Purus, exceto com os antigos Juberi. Mas já guerrearam com os Deni, Jamamadi, Juma, Kanamari, Katawixi, Kulina, Machineri e Paumari, que temeram os Apurinã por muito tempo, enquanto que alguns historiadores do século XIX, não citados com especificidade pelos autores referenciados, descreveram que os Juma eram o único povo que não tinha medo deles.

Desde meados do século XIX, durante a década de 70, de acordo com Schiel e Smith (2008), as terras Apurinã passaram a sofrer ocupação. Mesmo antes disso, esse povo já era explorado. Nesse contexto, alguns indígenas chegaram a trabalhar para os donos de feitorias da época, enquanto outros estabeleciam um tipo de comércio com os não-índios, para obterem algumas especiarias não nativas para consumo próprio, especialmente borracha e óleo. A partir desse contato, iniciou-se o que seria o prenúncio da mudança em seus costumes de subsistência. Segundo Labre (1872, p. 29), usando os termos da época, os Apurinã estavam “aprendendo a colher com a gente civilizada”.

À vista disso, percebe-se a imagem deturpada acerca do que seria civilização pois a visão que se tem acerca do processo de “civilizar índios”, significa impor a língua, cultura e os costumes de não-indígenas em uma determinada comunidade indígenas, ocasionando na substituição dos seus hábitos, cultura, costumes e língua pelos da sociedade envolvente. Tal fato ocorria de forma imposta, pautado na visão de que povos brancos/não-indígenas são os dominantes.

Por tudo isso, aos poucos a identidade dos povos indígenas é e continua sendo substituída, tendo como consequência a diminuição de seus rastros históricos e culturais, além de corroborar com mudanças linguísticas de forma considerável, em que, às vezes, culminam até mesmo com a extinção de línguas indígenas. Logo, fica demarcado o preconceito acerca dessas comunidades, que hoje em dia representam uma minoria em território nacional, apesar da importância histórica e cultural que têm.

Por séculos os povos indígenas construíram a formação de sua civilização, organização social, costumes, línguas e identidade cultural. Então, a soberba do homem branco é notável quando estes denominam indígenas como “não civilizados”, estabelecendo, dessa forma, uma relação eurocêntrica que persiste até hoje em forma de preconceito.

Entre outras formas de exploração pelas quais o povo Apurinã passou, destaca-se o vivenciado durante o período da borracha na região Norte do país. Nesse momento, os Apurinã

também entraram em contato com os não-índios que por sua vez exploravam muitos indígenas que trabalharam de forma quase escrava nos “barracões de borracha”, que os empregavam como capangas ou “caçadores” com a função de proteger as áreas de demarcação do comércio estabelecida pelos seringalistas, que usavam esses indígenas, como por exemplo, para expulsar os Paumari de determinadas partes da região. É importante ressaltar que todas essas práticas ocasionaram mortes e conflitos no território dos Apurinã.

Tais massacres também foram um dos fatores que contribuiu para a expansão do comércio da borracha na Amazônia. Schiel e Smith (2008) afirmam que, na relação com os “índios”<sup>3</sup>, seja na disputa por terras, seja na arregimentação e controle do trabalho indígena, eram utilizados níveis de violência muito maiores com os Apurinã do que os maus tratos sofridos pelos seringalistas.

No caso dos Apurinã tal mortandade não foi suficientemente documentada, então, de maneira geral, sabe-se que ocorreram práticas violentas que foram afirmadas por meio da memória oral e dos documentos referentes a esse período pelo Serviço de Proteção aos Índios (SPI).

Conforme Schiel (2004), em meados de 1910, por meio da queda da exploração borracheira ocasionada pela concorrência asiática, os seringais foram abandonados pelos patrões. No entanto, os seringueiros e indígenas continuaram produzindo borracha para a sua subsistência, além de coletarem castanha para venda. Nesse mesmo período, o governo criou o Serviço de Proteção aos Índios e a Localização dos Trabalhadores Nacionais (SPILTN), posteriormente conhecido como SPI<sup>4</sup>, órgão que foi extinto em 1967, posteriormente após a Fundação Nacional do Índio (FUNAI<sup>5</sup>) foi criada.

Por anos consecutivos, os conflitos ocorriam mais por questões territoriais, devido ao fato de que algumas comunidades Apurinã se localizam em regiões ricas em recursos naturais exploráveis e, por esse motivo, houve a implementação de algumas empresas em áreas dessas terras indígenas, como foi o caso da Madeira Nacional (Manasa), que se instaurou em uma extensão que abrangia parte da Terra Indígena Tumiã, situada na foz do rio Seruini e a Terra Indígena Guajahã.

Outro caso semelhante, como relembra Freitas (2017), foi o da empresa Agro Pastoral Novo Horizonte ou Zugmann, que gerou um conflito no qual Zé Lopes Apurinã, importante

---

<sup>3</sup> Grifo meu.

<sup>4</sup> <http://www.funai.gov.br/index.php/servico-de-protecao-aos-indios-spi?start=6> (Acesso em 03 de março de 2020)

<sup>5</sup> <http://www.funai.gov.br/index.php/servico-de-protecao-aos-indios-spi?start=6> (Acesso em 03 de março de 2020).

liderança indígena, foi morto, além de deixar vários indígenas feridos. Nesse confronto, a empresa contestou a demarcação, mas foi julgada improcedente (FUNAI, 1997, ms. Dedoc/FUNAI *apud* SCHIEL, 2004, p. 111).

Ainda hoje as comunidades Apurinã resistem e lutam pelo reconhecimento dos seus direitos, no entanto, continuam sofrendo invasões, principalmente por indústrias e empresas que pretendem explorar recursos naturais da reserva indígena desse povo.

O panorama aqui abordado descreveu de forma geral parte da história registrada nas literaturas sobre os Apurinã, povo este que atualmente vive em mais de 100 comunidades, em uma grande dispersão territorial. Infelizmente, todos estes os conflitos citados contribuíram para diminuir uma parcela significativa da comunidade indígena dos Apurinã que, ainda resistem as dificuldades impostas pela sociedade circundante.

A subseção posterior irá situar a localização e a distribuição territorial baseada em dados estatísticos que mostram a quantidade de indígenas remanescentes na atualidade.

## **2.2. Localização e população Apurinã**

Os *Pupÿkarywakury*, de acordo com Lima-Padovani (2020), ocupam tradicionalmente as margens de vários tributários do rio Purus, no sudoeste do Estado do Amazonas, e em comunidades ao longo da rodovia 317, que liga as cidades do Rio Branco e Boca do Acre.

Segundo a referida autora, há também um número bastante significativo de Apurinã vivendo fora das aldeias, principalmente nas periferias das cidades de Rio Branco (AC), Boca do Acre (AM), Pauini (AM), Lábrea (AM), Tapauá (AM), Jatuarana (AM), Manaus (AM). Alguns Apurinã vivem em terras indígenas de outras etnias, por exemplo, com os Paumari nos lagos Paricá, Marahã; com a etnia Jamamadi do Lourdes, e também com os Torá, na terra indígena de mesmo nome no município de Manicoré (AM), e com etnias Tupí em Rondônia (FACUNDES 2000; LIMA-PADOVANI; 2016).

O rio Purus é tributário do Amazonas, entre o Juruá e o Madeira. Sua cabeceira se localiza nas proximidades dos Andes, mas especificamente na Serra da Contamana, no Peru. O rio Purus percorre aproximadamente 3.300 km até sua desembocadura no rio Solimões, no Estado do Amazonas, atravessando no território brasileiro os estados do Acre e Amazonas.

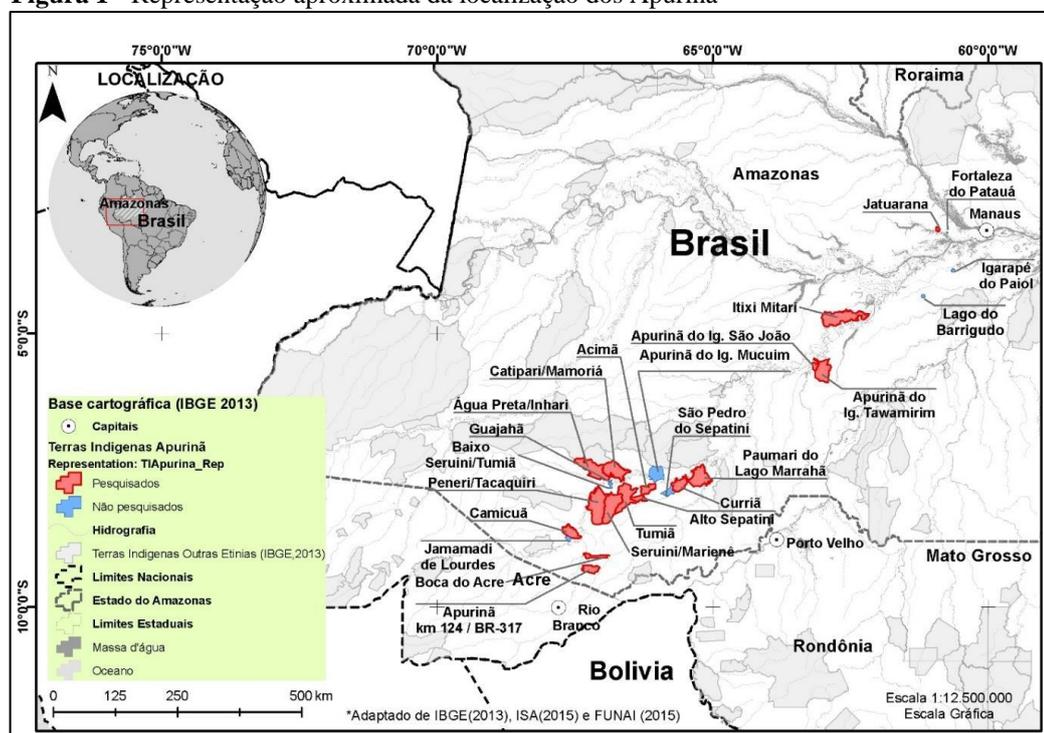
A divisão desta área, delimitada por critérios geográficos, socioculturais e da morfologia fluvial, é feita em três partes principais: Alto, Médio (Médio-alto e Médio-baixo) e Baixo Purus. A primeira compreende a porção acreana da bacia, que banha os municípios de Santa Rosa do Purus e Manuel Urbano. A segunda o médio Purus, porção sul da bacia no estado do Amazonas, é subdividida ainda em duas partes: Médio-alto, local do rio que cruza o município de Boca do Acre,

e o Médio-baixo, parte onde o rio cruza os municípios de Pauini, Lábrea, Itamarati e Canutama; por fim a terceira, o baixo Purus na parte mais próxima a foz, ponto onde o rio corta os municípios amazonenses de Tapauá, Anori e Beruri (SOUSA *et. al*, 2006).

O meio ambiente em torno do rio Purus influencia diretamente nas moradias e também no modo de vida dos Apurinã, sobretudo, acerca das áreas de partes alagáveis e as de partes não-alagáveis – várzea e terra-firme, pois, segundo o Instituto Socioambiental (2014), as moradias mais “centrais”, que se encontram mais para o alto de igarapés, são moradias de terra-firme; enquanto que as situadas na beira do rio alternam-se entre terra-firme e várzea, pois o rio, neste caso, nem sempre alaga dos dois lados.

Ao visitar uma aldeia Apurinã é possível notar que as casas, em sua maioria, são construídas de modo que fiquem um pouco altas, não diretamente no solo, para evitar possíveis imprevistos caso o nível de água suba consideravelmente. Abaixo segue um mapa (Figura 1) que demonstra a localização dos Apurinã:

**Figura 1** - Representação aproximada da localização dos Apurinã



Fonte: Lima-Padovani (2016).

Os Apurinã vivem em 24 terras indígenas, de acordo com dados disponibilizados pela FUNAI, sendo que em algumas dessas comunidades o povo Apurinã compartilha espaço com outras etnias. No Quadro 1 são listadas essas terras, de acordo com a FUNAI<sup>6</sup>.

<sup>6</sup> <http://www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/terras-indigenas>. Acessado em 26 de abril de 2020.

**Quadro 1** - Terras indígenas onde vivem os Apurinã

<b>Terra indígena</b>	<b>UF</b>	<b>Município</b>
<b>Acimã</b>	AM	Lábrea
<b>Água Preta/Inari</b>	AM	Pauini
<b>Alto Sepatini</b>	AM	Lábrea
<b>Apurinã do Igarapé Mucuim</b>	AM	Lábrea
<b>Apurinã do Igarapé São João</b>	AM	Tapauá
<b>Apurinã do Igarapé Tauamirim</b>	AM	Tapauá
<b>Apurinã Km 124 BR-317</b>	AM	Boca do Acre, Lábrea
<b>Baixo Seruini</b>	AM	Pauini
<b>Boca do Acre</b>	AM	Boca do Acre, Lábrea
<b>Caititu</b>	AM	Lábrea
<b>Camicua</b>	AM	Boca do Acre
<b>Catipari/Mamoria</b>	AM	Pauini
<b>Fortaleza do Patauá</b>	AM	Manacapuru
<b>Guajahã</b>	AM	Pauini
<b>Igarapé Paiol</b>	AM	Manaquiri
<b>Iteixi Mitari</b>	AM	Tapauá, Anori, Beruri
<b>Jatuarana</b>	AM	Manacapuru
<b>Lago do Barrigudo</b>	AM	Beruri
<b>Paumari do Lago Marahã</b>	AM	Lábrea
<b>Peneri/Tacaquiri</b>	AM	Pauini
<b>São Pedro do Sapatini</b>	AM	Lábrea
<b>Seruini/Mariene</b>	AM	Lábrea, Pauini
<b>Torá (Torá e Apurinã)</b>	AM	Humaitá, Manicoré
<b>Tumiã</b>	AM	Lábrea

Fonte: Fundação Nacional do Índio (FUNAI), *adaptações nossas*<sup>7</sup>.

<sup>7</sup> As adaptações referem-se à seleção dos dados disponíveis, pois no site da FUNAI continham outras informações além destas, mas que não são pertinentes para este trabalho.

Os Apurinã vivem espalhados, como foi frisado em relação aos mapeamentos já realizados acerca da distribuição de suas comunidades. Facundes (2000), em sua tese, afirma que há motivações para que isso ocorra, especialmente pelos conflitos internos do passado. Outro fator que também contribuiu para esta dispersão foram as epidemias e outras enfermidades que assolaram os Apurinã. Este processo de deslocamentos desse povo ainda carece de uma investigação sistemática, como frisa Facundes (2000).

A respeito da população Apurinã, atualmente, de acordo com o Siasi/Sesai<sup>8</sup> (2014), totalizam-se aproximadamente 9.487 indígenas dessa etnia que vivem espalhados nas regiões supracitadas, conforme mostra a Figura 1. Todavia, as informações sobre a demografia desse povo variam dependendo da fonte; por isso, não é possível saber com precisão quantos Apurinã de fato ainda existem.

Frisamos que neste trabalho não serão utilizados dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), pois são números que não representam a realidade indígena do país, o que se justifica conforme o trabalho de D'Angeles (2019), onde o autor explica que em um dos últimos censos, constatou-se que cerca de 900 pessoas não sabiam qual língua indígena falam, mas afirmam “falar” e por isso são classificadas em uma determinada etnia, sem saber ao certo se esta pessoa se encaixa na etnia. No total “somam-se mais de 2.400 pessoas que informam ao IBGE conhecer/falar alguma língua, das quais muitas podem ser invenções apenas” (D'ANGELIS, 2019, p. 22). Com base nessa informação os dados apresentados pelo IBGE têm muito mais a ver com autodenominação ou auto identificação do que fator étnico, cultural e até mesmo genético, alcançando assim, além dos limites de quem vive a herança indígena real no Brasil.

Em relação aos Apurinã, estima-se, de acordo com Facundes e Brandão (2007), que aproximadamente um quarto do povo fala a sua própria língua, restringindo-se geralmente aos mais velhos. A maioria dos Apurinã adota o português como sua língua majoritária de comunicação. Ainda que existam alguns indígenas de faixa etária mais nova, crianças e adolescentes que conseguem entender Apurinã, a maioria não fala a língua e optam pelo uso do português.

Durante a pesquisa de campo foi possível observar essa prática no cotidiano dentro da aldeia, em que os mais velhos falavam em Apurinã com as crianças e adolescentes e os mesmos conseguiam compreender, porém, respondiam usualmente em português e em alguns raros momentos trocavam uma palavra ou outra em Apurinã com os mais velhos, mas não entre si.

---

<sup>8</sup> <https://pib.socioambiental.org/pt/povo/apurina/1512>. Acessado em 26 de abril de 2020.

Alguns indígenas adultos conseguem se comunicar de modo mais efetivo na língua, já os mais velhos ainda usam o Apurinã de forma mais frequente e natural.

Este povo, a partir da vivência conflituosa e migratória sofreu diversas modificações em sua cultura e língua, como foi tratado na seção anterior sobre seus aspectos sociohistóricos, que abordou o contato com não-índios, cuja convivência afetou os Apurinã, especialmente no período da borracha na Amazônia, além de conflitos internos, a conversão para o Cristianismo e outros fatores que provocaram mudanças dentro da comunidade de forma direta, tendo em vista que afetou, assim, a cultura do povo. Mediante isso, a próxima subseção irá abordar esses aspectos socioculturais dos Apurinã.

### **2.3. Considerações socioculturais do povo Apurinã**

Em relação à organização do sistema de parentesco em Apurinã, Facundes (2000) aponta que existem dois clãs: *Xiwapurynyry* e os *Měetymanete*. Conforme o mesmo autor, o pertencimento é definido pela linhagem paterna, em que são impostas restrições alimentares diferentes para cada grupo, por exemplo *Xiwapurynyry* não podem consumir a ave nambu (nambu relógio e nambu macucau), já os *Měetymanete* não podem consumir porco do mato.

De acordo com Silva (2019, p. 39), esta divisão está relacionada ao passado mítico do povo, visto que ambas as metades são provenientes de duas entidades nascidas no começo do mundo. Para os Apurinã, os *měetymanety* são filhos de Tsurá, o criador do mundo, e os *xiwapurynyry* de Kanhinhary, denominado como o que “governa o mundo de baixo”.

Pessoas do mesmo grupo consideram-se, por muitas vezes, como irmão (*nyтары*) e irmã (*nyтару*); por isso não podem casar entre si. Anteriormente, a quebra dessa regra implicava uma forte recriminação dos envolvidos, porém, hoje em dia, esse sistema já não é tão utilizado, o que evidencia a modificação de seus costumes com o passar do tempo, tanto que é possível ver um Apurinã casado com um *kariwa*.

O sistema de nomenclatura também se dá através da divisão entre os dois grupos, em que cada um possui seu repertório de antropônimos (cf. SILVA, 2019); porém, atualmente muitos Apurinã não aprenderam esse vocabulário.

No tocante à organização das aldeias, as comunidades usualmente vivem em casas agrupadas em um mesmo local ou dispersas na região indígena. Freitas (2017) exemplifica que no Tumiã, há várias colocações espalhadas a uma certa distância umas das outras; enquanto que no Acimã, muitas casas ficam na mesma área.

Quando fomos a campo, em março de 2020, na terra indígena Itexi Mitari, na comunidade Terra Nova, pude observar que a aldeia era povoada por casas que estavam alocadas umas próximas às outras por toda a extensão da área, como mostra a Imagem 1 abaixo.

**Imagem 1** - Aldeia da comunidade Itixi Mitari



Fonte: Acervo próprio (2020).

Geralmente as moradias são construídas com madeira e ficam suspensas, onde habitualmente costuma viver uma única família. Os compartimentos das casas geralmente não são bem divididos, pois os Apurinã costumam dividi-las em dois compartimentos apenas: quarto(s) e cozinha, como pude observar.

O povo vive de subsistência, através da agricultura, cultivo, coleta, caça, pesca e criação de animais de pequeno porte, como galinhas e porcos, além do cultivo de pequenas hortas pela aldeia, próximas das casas, por exemplo. É comum ver a construção de um roçado em alguma parte de terra cultivável, que pode ser próximo à aldeia ou em outra área mais afastada, onde plantam mandioca, banana, batata, pupunha, castanha, entre outras variedades de plantações.

Atualmente, também, é pouco visto os Apurinã usando instrumentos como arco e flecha para caça; é bem mais comum atividades de pesca, com uso de redes e artimanhas de pescaria. De acordo com Brandão (2007), eles costumam aproveitar o período de friagem para a coleta de peixes.

A festa tradicional dos Apurinã é o Xingané (*kyynyry*), que ocorre geralmente quando há encontro entre outros Apurinã (vindos de outras terras indígenas), para comemorar aniversários, casamentos, ou até mesmo para superar a perda de algum ente querido, e outras festividades. Segundo Freitas (2017), o evento se caracteriza da seguinte forma:

Alguns homens que são considerados os melhores para a função cantam as músicas do xingané (cujas temáticas giram em torno, em geral, de um dado animal), sendo acompanhados por outros homens e também pelas mulheres. Enquanto cantam, os Apurinã formam duas fileiras, de um lado os homens e de outro as mulheres, uma fileira de frente para a outra, em que os integrantes de uma mesma fileira encontram-se de braços dados, um ao lado do outro, indo para frente e para trás (esse estilo de dança se chama *katsamarĩanỹ*); as crianças também participam. Uma outra organização é feita em fila, em que os participantes se deslocam pelo terreiro sob o comando do primeiro da fila (esse estilo de dança se chama *katsamarĩanỹ*), formando, ao final, um espiral. Por ocasião da festa, são preparadas comidas e bebidas típicas, como o *kumry* (beiju, espécie de broa de farinha), além de carne de caça, vinhos de banana, milho, entre outros. A festa perdura a noite toda, terminando ao amanhecer. (FREITAS, 2017, p. 27)

Em relação aos hábitos tradicionais, é comum ver o consumo do rapé e do *katsupary*. Sobre o rapé, esta mistura consiste em um pó para inalação, que ajuda a descongestionar o nariz entupido (por gripe, resfriado e alergia), dores de cabeça ou uso apenas por hábito. Durante a viagem de campo Osvaldo Apurinã explicou o preparo do rapé:

“Primeiro planta o *awiry*, espera ficar grande, então tira as folhas do rapé, ele é uma árvore que tem no roçado. Tira as folhas e destala ele faz fogo e põe em cima e bota pra secar ele. Ele seca tudinho, fica bem sequinho e tu pila ele todinho até ele ficar esse pozinho, tem que fazer tudo isso aí e então já pode cheirar”. (Osvaldo Apurinã durante coleta de dados, viagem de campo realizada em março de 2020).

A respeito do *katsupary*, este consiste em um preparo diferente, é próprio para a mastigação e causa um efeito de dormência no rosto, especialmente na área da mandíbula e maxilar e, por isso, costuma ser usado para aliviar dores, especialmente de dente, por conter um efeito quase que anestésico. Osvaldo Apurinã também esclarece como funciona o preparo do *katsupary*:

“Primeiro se faz um roçado, tira uma “cuivara” pra plantar o *katsupary*. Depois afofa a terra todinha até chegar na ponta e é ali que tu planta o quanto quiser... Vários pezinhos de *katsupary*, aí tu planta naquela arezinha ali, tudo isso tu precisas fazer. Aí depois que fica grande, tu vai e junta pra comer com o teu povo. O preparo dele fica dentro da folha, tu coloca dentro de um balaio feito com a folha da bananeira e faz um copinho, a copa fica aberta então coloca tudo aqui dentro, até encher. Depois coloca no fogo e depois de assado você já tem aquela mistura, tem o *piximatory* (cipó), tem *awiry* (rapé), tem *merury* que a gente tira da mata e amiúda o pau de cupuí e assa no fogareiro até virar aquela cinza e depois peneira, então você pode mastigar, tudo isso a gente faz pra poder mastigar o *katsupary*”. (Osvaldo Apurinã durante coleta de dados, viagem de campo realizada em março de 2020).

No que se refere à cosmologia, apesar de ter havido uma perda substancial desse tipo de conhecimento tradicional, entre os Apurinã, ainda é possível observar tais conhecimentos sendo transmitidos aos jovens, geralmente pelos adultos e mais velhos, que falam de *Tsurá* (conhecido como o Deus dos Apurinã), assim como outras histórias tradicionais orais, que são preservadas em certa medida, bem como conhecimentos do povo, tais como: os procedurais, como

instruções, por exemplo, para se produzir farinha, e as narrativas, como feitos, acontecimentos marcantes, histórias, e assim por diante.

Embora ainda haja certa preservação dessas tradições orais, o conhecimento da língua ainda é mais centralizado nos mais velhos, o que culmina com a perda histórica da cultura e também da própria língua, pois quando esses indígenas anciões falecem os conhecimentos tradicionais vão deixar de serem repassados aos mais jovens.

A próxima subseção se concentra em oferecer uma visão mais ampla acerca da filiação genética linguística dos Apurinã onde será visto as línguas que derivam da família Aruák bem como situar a língua Apurinã dentro dessa família linguística.

#### **2.4 Filiação genética da família Aruák**

Esta seção aborda de forma concisa o quadro dos estudos já realizados acerca da família Aruák, mais precisamente sobre os agrupamentos e subagrupamentos que constituem essa família linguística, de modo a entender com mais precisão onde a língua Apurinã se situa, e, além disso, mostrar as línguas geneticamente mais aproximadas de Apurinã, como é o no caso de Yine (Piro) e Iñapari, línguas que também fazem parte do escopo deste trabalho periféricamente.

Os estudos acerca da família Aruák constituem um acervo relevante sobre as línguas que a compõem e, entre tais trabalhos, destacam-se os de Payne (1991), Aikhenvald (2005), Brandão e Facundes (2007a, 2007b).

A primeira sistematização mais abrangente de informações acerca das línguas constituintes da família Aruák, foram feitas por meio do método científico da linguística histórico-comparativa, este estudo foi realizado por Payne (1991). Em seu trabalho o autor propôs uma classificação interna do grupo principal (Aruák), na qual coletou exhaustivamente dados ao longo de anos de pesquisa com as línguas que pôde agrupar e classificar a partir de fatores linguísticos pré-estabelecidos por meio de uma compilação mais confiável — ainda que preliminar, como o próprio autor diz —, das línguas que compõem tal família linguística.

No referido trabalho Payne (1991) propôs uma classificação interna do grupo principal Maipure<sup>9</sup>, na qual foi possível agrupar e classificar, a partir de fatores linguísticos mais consistentes, dados confiáveis de 24 línguas Aruák. Dessa forma, foi possível abarcar 203 conjuntos de cognatos que puderam contemplar em sua classificação cada ramo principal da árvore linguística da família em questão.

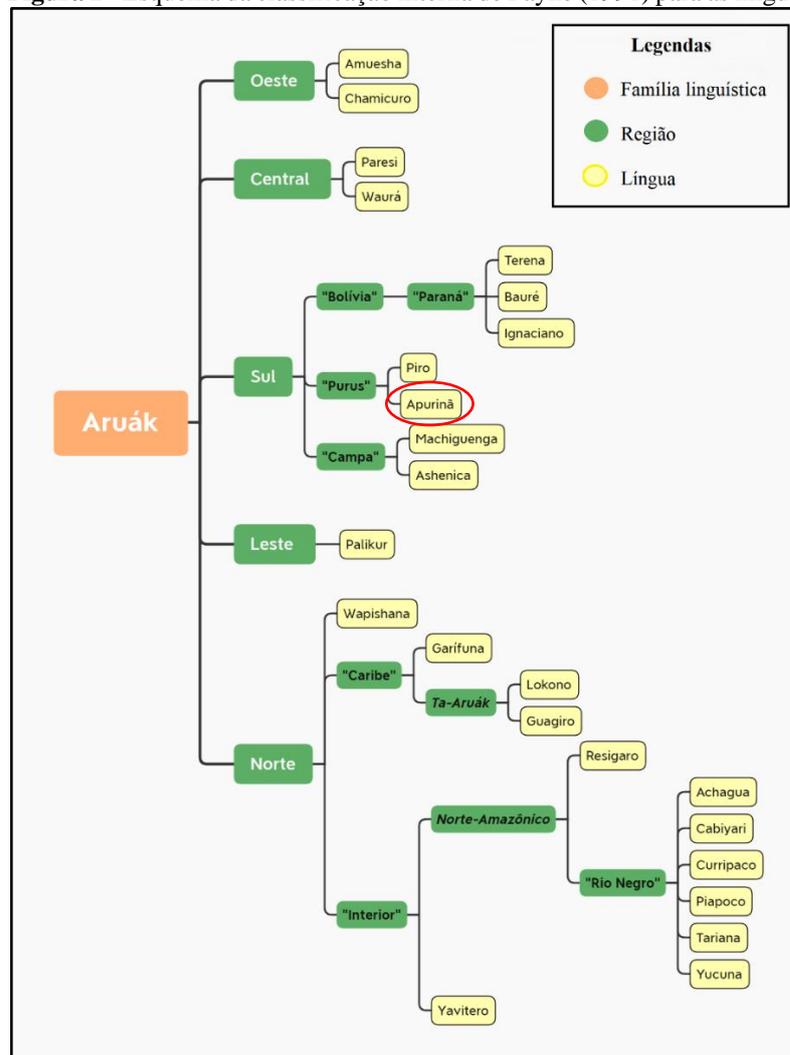
---

<sup>9</sup> Este nome se encontra em desuso para o que hoje chamamos de Aruák.

Payne (1991), através de sua extensa pesquisa, elaborou a reconstrução dos fonemas para o, até então chamado, Proto-Maipure (posteriormente chamado de Proto-Aruák). A partir de seu trabalho pioneiro foi possível que outros pesquisadores realizassem o mesmo, então surgiram novas reconstruções, análises e descrições que contribuíram para que se tivesse mais conhecimento linguístico sobre línguas Aruák.

O autor afirma que só não realizou subagrupamentos internos em sua reconstrução, e por isso, a descreveu como preliminar, tendo em vista que, naquele momento ainda não havia uma classificação que pudesse ser confiável e abrangente o suficiente para tal estudo. E através dos resultados alcançados por Payne (1991) foi possível identificar as línguas em seus agrupamentos e subagrupamentos, cuja sistematização norteou a elaboração do esquema (Figura 2) abaixo, que apresenta a primeira organização das ramificações da família Aruák:

**Figura 2** - Esquema da classificação interna de Payne (1991) para as línguas Maipure (Aruák)<sup>10</sup>



Fonte: Payne (1991, p. 89, tradução e adaptação nossas).

<sup>10</sup> Este esquema foi inicialmente adaptado por Freitas (2017), por este formato ser mais explicativo, em relação ao instituído por Payne (1991), aqui neste trabalho foram realizadas algumas novas modificações com a finalidade de torna-lo mais didático.

A Figura 2 é uma adaptação do esquema de classificação interna de Payne (1991) e através deste modelo se pode verificar que a família Aruák possui seis subníveis divididos com base na região (Oeste, Central, Sul, Leste e Norte) em que cada povo se situa.

Através da classificação proposta por Payne (1991), verifica-se que a língua apurinã é localizada no grupo da região Sul, especificamente no subnível Purus, onde também se inclui a língua piro. Facundes (2002), afirma que nesta classificação de Payne, a língua Iñapari encontra-se implicitamente no mesmo subgrupo que Apurinã e Piro.

Batista (2018) afirma que existem questões linguísticas que provocam certo “afastamento” da língua Iñapari dentro da família Aruák. Até o fim do século passado existiam apenas quatro falantes ainda vivos de Iñapari e devido à idade avançada, provavelmente estes indígenas já faleceram e juntamente a elas a língua também teria, supostamente, caído em desuso.

Muito recentemente Facundes (em comunicação pessoal) informou que há novos estudos que atestam ainda haverem falantes vivos de Iñapari. A referência a essa informação, no entanto, ainda não foi publicada e por tal motivo não pode ser citada neste trabalho. Infelizmente, existem pouquíssimos estudos feitos sobre Iñapari e uma base de dados muito restrita e preliminar, o que dificulta imensamente o trabalho com esta língua.

O trabalho de Payne (1991) foi fundamental para que se aprofundassem os estudos em línguas Aruák e também na família linguística de modo geral, pois anteriormente, haviam pouquíssimos trabalhos realizados e com bases de dados não tão confiáveis.

Filippo Salvatore Gilij, missionário italiano, foi o primeiro a reconhecer o grupo aruák em 1783, o qual comparou com a língua maipure (proveniente do Vale Orinoco, atualmente extinta) e à língua moxo (da Bolívia), foi esse estudioso que concedeu à família o nome da primeira das duas línguas. Posteriormente, esse grupo linguístico passou a chamar-se Aruák, por Daniel Brinton, por conta da língua Lokono, falada nas Guianas, após isso, como afirma Aikhenvald (2005), esse nome ganhou aceitação em uma proporção mais unificada nas décadas subsequentes.

Ainda no trabalho de Payne (1991), é citado que somente em 1928, Goeje publicou um conjunto de cognatos que envolviam todas as línguas Aruák, porém, este estudo, embora tenha sido inovador, compreendeu apenas uma lista simples de itens lexicais em um capítulo curto, onde pautava-se mais na descrição da língua lokono. Já em 1959, Shafer agrupou conjuntos de cognatos envolvendo cerca de treze fonemas reconstruídos, contudo conseguiu reconstruir fonologicamente apenas cinco palavras.

Alguns anos depois, em 1961, Taylor revisou este trabalho e falou a respeito da falta de confiabilidade nesses dados, uma vez que Shafer, em seus registros, não se preocupou com descrições fonológicas. Então, em 1965, Noble publicou um trabalho comparativo em línguas aruák, sem levar em consideração algumas fontes de dados importantes que já existiam naquele ponto, por assim resultar em uma reconstrução parcial do sistema fonêmico do Proto-Aruák. Ainda em sua revisão sobre trabalhos da família Aruák, Payne (1991) diz que Rodrigues em 1974 mencionou o mesmo problema em relação às fontes de dados utilizados por Noble, já que este último autor se baseou em “[...] quase que inteiramente em material fragmentado e deficiente [...]” (RODRIGUES, 1974, p. 51-52 *apud* PAYNE, 1991, p. 368, *tradução* FREITAS, 2017).

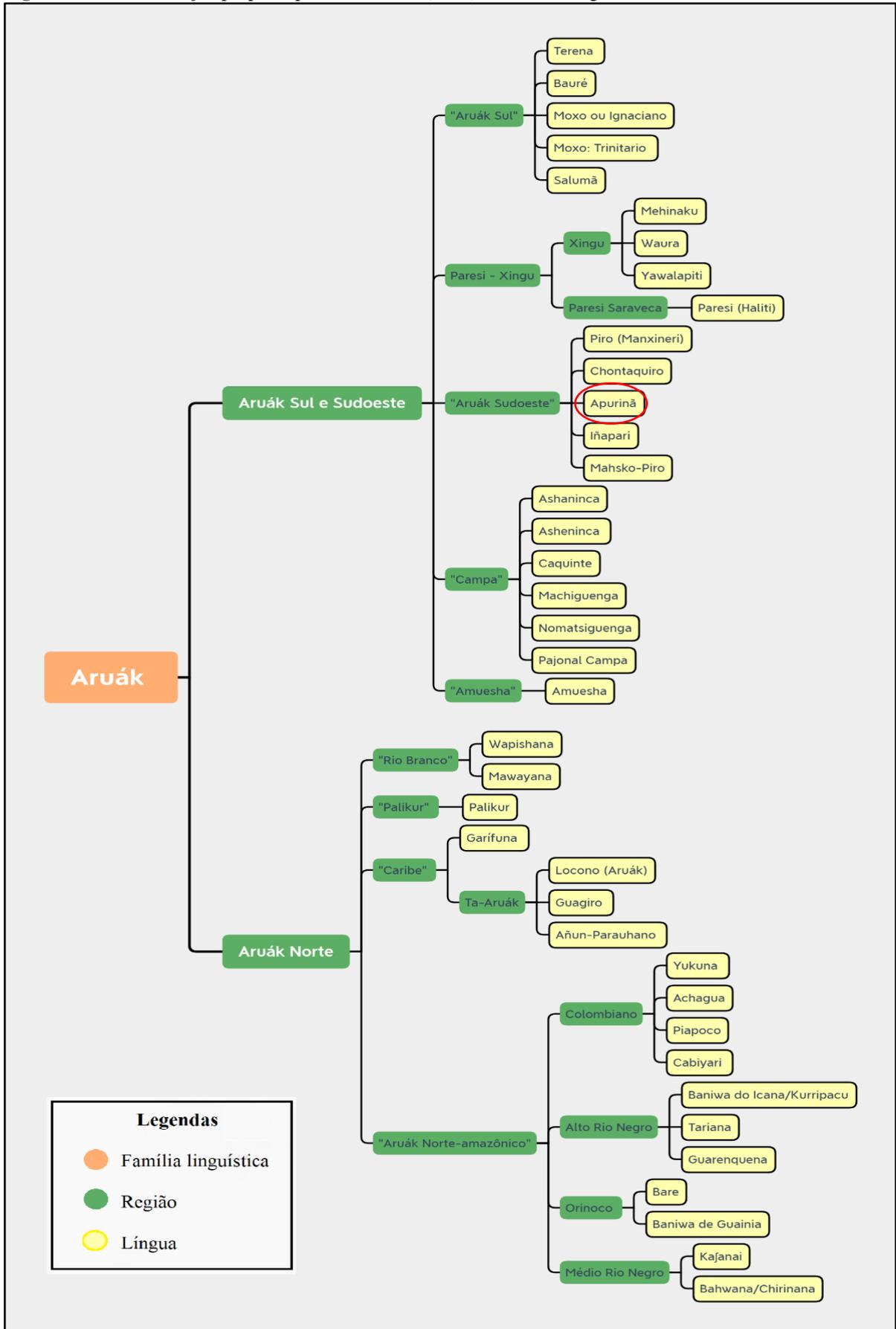
De acordo com Payne (1991), somente a partir de Matteson (1972, *apud* PAYNE, 1991), é que surge uma nova abordagem de estudos de Proto-Aruák, com uma melhor qualidade de dados em relação aos trabalhos anteriores, dessa vez com transcrições fonéticas adequadas, abrangendo 26 línguas do grupo aruák e 353 conjuntos de cognatos. Porém, ainda que fosse um trabalho mais completo, muitas das línguas em questão contavam apenas com palavras transcritas foneticamente, sem análise fonológica.

Ainda assim, Payne considera o trabalho de Matteson como uma premissa relevante para estudos comparativos de línguas aruák. O autor cita também outros trabalhos, entre eles os de Taylor durante 1951 e 1980, ainda que limitados a um subgrupo aruák; mais os trabalhos de Valenti em 1986; Wise, em 1976; Tovar em 1986 e outros. Por mais que existam diversos estudos sobre Aruák, como citado e revisado por Payne (1991), o autor assevera que ainda nos encontramos em estágio inicial de pesquisa. (PAYNE, 1991, p. 374, *tradução por* FREITAS, 2017).

Posteriormente ao trabalho de Payne (1991), que foi revisitado por diversos pesquisadores que se interessavam pela família Aruák, Aikhenvald (1999) propôs uma nova classificação interna para as línguas que compõem a família, sem deixar de mencionar as dificuldades acerca de dados mais abrangentes. Ainda que seu trabalho seja mais ampliado que os anteriores, a classificação proposta pela autora ainda tem um caráter parcialmente geográfico.

Ainda assim, apesar das adversidades, a autora elaborou sua reclassificação da família Aruák, considerando em suas análises comparativas traços fonológicos e gramaticais que foram identificados de forma semelhante entre as línguas, assim como as distribuições geográficas que foram contempladas na medida do possível.

Figura 3 - Reclassificação proposta por Aikhenvald (1999) da família linguística Aruák



Fonte: Aikhenvald (1999, p. 67-71, tradução e adaptação minhas).

Na reclassificação de Aikhenvald (1999), a língua Apurinã encontra-se no grupo Aruák Sul e Sudeste, especificamente no subgrupo Aruák Sudoeste (diferentemente da de Payne (1991) em que esta língua estava no subgrupo Purus, do Sul), juntamente as línguas: Piro (Manxineri), Chontaquiro, Mashko-Piro e Iñapari.

A partir desse ponto já podemos notar que Iñapari consta na classificação, como pertencente à família aruák, e está apenas implícita como ocorre em Payne (1991). Outro fator que também é relevante para a presente pesquisa consiste na questão de que Apurinã, Piro e Iñapari estão agrupadas como pertencentes ao mesmo agrupamento.

Aikhenvald (1999) considerou as línguas aruák que não foram extintas, e em um trabalho posterior publicado em 2005, a autora sumariza que ainda haviam cerca de 40<sup>11</sup> línguas vivas até aquele momento. A autora evidencia que “Os limites da família foram estabelecidos antes do século 20<sup>12</sup>. Ainda existirão problemas relativos às relações internas dentro da família e possíveis relações com outros grupos.”<sup>13</sup> (AIKHENVALD, 2005, p. 82, *tradução minha*).

Neste mesmo trabalho de 2005, a autora afirma que a família Aruák é o grupo com o maior número de línguas da América do Sul e abrange oito países: Bolívia Guiana, Guiana Francesa, Suriname, Venezuela, Colômbia, Peru e Brasil, sendo que antigamente também existiam povos Aruák na Argentina e no Paraguai; o grupo Aruák também se estende até à América Central, por quatro países: Belize, Honduras, Guatemala e Nicarágua. Aikhenvald (2005) ressalta que os primeiros povos americanos nativos encontrados por Colombo falavam Taino, uma língua Aruák já extinta.

Facundes (2002) também passa a adotar o termo Aruák para designar o grupo genético denominado Maipure por Payne (1991). De acordo com Facundes (2002), o termo Maipure era usado para referir-se a um conjunto de línguas consideradas indubitavelmente relacionadas geneticamente, pois acreditava-se que Maipure e Aruá correspondiam a subgrupos de um suposto grupo mais amplo de línguas geneticamente relacionadas, denominado Aruák.

Freitas (2017), reitera que posteriormente, por conta da disponibilidade de mais descrições de línguas desse grupo, foi possível chegar à conclusão de que não haviam evidências suficientes para afirmar que os subgrupos Maipure e Aruá seriam geneticamente relacionados. Por isso, ainda conforme a autora, a tendência geral em trabalhos comparativos

---

<sup>11</sup> É importante salientar que este número refere-se ao ano de 1999 quando Aikhenvald realizou este trabalho, portanto, no status atual, essa quantidade de línguas Aruák pode ser sido alterada.

<sup>12</sup> As línguas Aruák foram reconhecidas primeiramente por missionários, mais especificamente pelo Pe. Gilij por volta de 1783.

<sup>13</sup> “The limits of the Family were established by the early twentieth century. Problems still exist concerning internal relationships within the Family group and possible relationships with other groups.” (AIKHENVALD, 2005, p. 82)

recentes é usar apenas o termo Aruák para designar o que antes era chamado de Maipure, tendo este último caído em desuso, após o trabalho de Payne (1991), que por sua vez ainda usou esta denominação em desuso em sua análise), além de ser primeiro a fazer um estudo linguístico comparativo consistente das línguas hoje conhecidas como Aruák.

Em relação ao *status* das línguas aruák, retomando Aikhenvald (2005), é dito que a maioria destas línguas correm risco de extinção gradual, algumas mais lentamente, outras de um jeito mais acelerado, pois o português e o espanhol vêm ocupando gradativamente o espaço de línguas faladas por povos aruák, fato que gera uma preocupação nos linguistas que reúnem esforços para documentar essas línguas para que estas não se tornem extintas em decorrência do desuso que vem se desenvolvendo de maneira acentuada nas comunidades indígenas falantes de línguas aruák. Tais fatores somam-se ao fato de que as gerações de indígenas mais jovens preferem falar as línguas majoritárias, como o espanhol e o português, em suas interações diárias ao invés de suas línguas nativas.

Adicionalmente, há outros autores que apresentam propostas de classificação interna para a família Aruák, mas, para os propósitos do presente trabalho, acreditamos que as duas classificações apresentadas sejam suficientes para que tenhamos uma visão panorâmica acerca do lugar da língua Apurinã na composição de tal família linguística.

Na subseção, seguinte serão discutidos os principais aspectos que envolvem as características linguística acerca das línguas da família indígena Aruák.

#### **2.4.1 Considerações linguísticas sobre línguas Aruák**

Esta subseção trata de forma breve a respeito de algumas considerações sobre informações linguísticas agrupadas de estudos feitos sobre a família Aruák, e que incluem, especialmente, reconstruções e estudos comparativos realizados entre as línguas pertencentes a este grupo, como características salientadas que essas línguas têm em comum.

Ao que tange as reconstruções, Aikhenvald (2005) realizou uma comparação por meio de dados das línguas aruák, cujos resultados levaram à reconstrução de algumas formas do Proto-Aruák, neste caso, dos prefixos pronominais e sufixos em Proto-Aruák, como se pode notar no Quadro 2:

**Quadro 2** - Prefixos pronominais e sufixos em Proto-Aruák, proposto por Aikhenvald (2005)

<i>Pessoa</i>	<i>Prefixos</i>		<i>Sufixos</i>	
	<b>Sing.</b>	<b>Plu.</b>	<b>Sing.</b>	<b>Plu.</b>
<i>1<sup>a</sup></i>	<i>nu- ou -ta</i>	<i>wa-</i>	<i>-na -te</i>	<i>-wa</i>
<i>2<sup>a</sup></i>	<i>(p)i-</i>	<i>(h)i-</i>	<i>-pi</i>	<i>-hi</i>
<i>3<sup>a</sup> M</i>	<i>ri-, i-</i>	<i>na-</i>	<i>-ri, -i</i>	<i>-na</i>
<i>3<sup>a</sup> F</i>	<i>thu-, ru-</i>	<i>na-</i>	<i>-thu, -ru, -u</i>	<i>-na</i>
<i>'impessoal'</i>	<i>pa-</i>	-	-	-

Fonte: Aikhenvald (2005, p. 82, *tradução e adaptações nossas*).

A partir dessa reconstrução de um aspecto morfológico do Proto-Aruák, é possível perceber que as línguas relacionadas, indubitavelmente pertencentes à família Aruák, compartilham tais prefixos pronominais e sufixos.

Aikhenvald (2005), para poder realizar essa reconstrução revisitou diversos trabalhos anteriores acerca de línguas aruák. Com isso, a autora pôde detectar, em suas conclusões, que existem muitas dificuldades acerca de trabalhos com essas línguas, entre os quais, se incluem os problemas internos de classificação dentro da família e possíveis relações com outros grupos. Contudo, a partir dessa pesquisa, a autora conseguiu compilar informações relacionadas as línguas estudadas e, assim, listou características<sup>14</sup> típicas das línguas que compõem este grupo linguístico:

1. Palavras podem ser diferenciadas pelo acento em algumas línguas Aruák, tais como Baure e Waurá, além de Tariana, Achagua e Warekena. No mínimo, duas usam tom: Terena e Resígaro;
2. Línguas aruák têm poucos prefixos e numerosos sufixos, sendo que os prefixos são tipicamente monossilábicos, enquanto os sufixos podem apresentar uma ou mais sílabas. As raízes usualmente apresentam duas sílabas. Prefixos são bastante uniformes nas línguas desse grupo, enquanto sufixos não. Uma palavra independente em dada língua pode corresponder a um sufixo gramatical em outra;
3. A maioria das categorias gramaticais em línguas aruák é expressa no verbo;
4. Línguas aruák faladas no sul da Amazônia apresentam uma estrutura verbal mais complexa do que as faladas no norte;
5. Línguas aruák faladas no norte da Amazônia apresentam evidenciais (formas com as quais o falante especifica como ele obteve informação);

<sup>14</sup> A referida lista de características foi organizada e traduzida por Freitas (2017).

6. Verbos dividem-se em ativos e estativos (no caso de Apurinã, descritivos);
7. Todas as línguas Aruák compartilham afixos pronominais e pronomes pessoais. Sufixos pronominais são usados para codificar sujeitos de verbos estativos (descritivos) e objetos diretos. Os sujeitos de verbos ativos (não descritivos) podem ser expressos por prefixos. Algumas línguas perderam os sufixos pronominais (Yawalapiti, Chamicuro, Bare, Resígaro, Maipure e Tariana). Nas línguas Lokono, Guajiro, Añun e Taino (subgrupo Caribe), a forma para a primeira pessoa do singular ‘eu’ é *ta-*; para as demais línguas Aruák, tal forma corresponde a *na-*;
8. Muitas línguas aruák distinguem dois gêneros: masculino e feminino. Gêneros não são distintos no plural;
9. Algumas línguas apresentam um sistema complexo de classificadores, que caracterizam o nome em termos de sua forma, tamanho ou função (em Apurinã, também em textura);
10. Todas as línguas aruák distinguem singular e plural. O plural só é obrigatório para nomes com o traço [+humano];
11. Nas línguas aruák, os nomes se dividem em inalienáveis (que precisam ter um possuidor) e alienáveis (que não requerem um possuidor). Nomes inalienavelmente possuídos incluem partes do corpo, termos de parentesco, além de alguns outros; tais nomes apresentam uma forma ‘não possuída’ (no caso de Apurinã, isso não ocorre com os termos de parentesco), pelo acréscimo de um sufixo (por exemplo, em Paresi, termos *no-tiho* ‘meu rosto’ e *tiho-ti* ‘rosto (não possuído)’; em Apurinã, temos *ny-kywy* ‘minha cabeça’, *kywĩ-txi* ‘cabeça.de’). Nomes alienáveis ocorrem com um sufixo quando na forma possuída;
12. A grande maioria das línguas aruák apresenta um prefixo negativo *ma-* e sua contraparte positiva *ka-* (por exemplo, em Piro, *ka-yhi* ‘ter dente’ x *ma-yhi* ‘desdentado’; em Bare, *ka-witi-w* ‘uma mulher com olhos bons’ x *ma-witi-w* ‘uma mulher com olhos ruins, uma mulher cega’);
13. Muitas línguas aruák apresentam apenas os numerais um (*pa-*, também significando ‘alguém, outro’; em Apurinã (*h*)*ãty*) e dois ((*a*)*pi* em Apurinã, *ipi*);
14. O vocabulário compartilhado entre as línguas aruák consiste em sua maioria de nomes, sendo que apenas alguns poucos verbos estão retidos em boa parte das línguas desse grupo.

Por mais que as informações reunidas por Aikhenvald (2005) sejam pertinentes e contribuam para os estudos da família Aruák, ainda há a necessidade de realizar mais estudos que possam ampliar o que já é conhecido sobre as línguas deste grupo, e até mesmo este

compilado carece de certo aprofundamento, pois algumas características, de acordo com Freitas (2017), parecem ser categóricas demais, necessitando de mais explicações que as comprovem.

Embora existam outros autores que também apresentem propostas diferentes para a classificação interna da família linguística aruák, para os propósitos deste trabalho, acredita-se que as classificações aqui abordadas sejam suficientes para que se tenha informações, mesmo que concisas, sobre as línguas aruák e também sobre o lugar que a língua Apurinã ocupa dentro desse grupo.

Após esse percurso sobre a família Aruák, a próxima subseção visa discorrer acerca do subagrupamento postulado por Facundes (2002) e Brandão e Facundes (2007), composto por Apurinã, Piro e Iñapari.

#### **2.4.2 Subagrupamento Apurinã, Piro e Iñapari: algumas considerações**

Apesar desta pesquisa centralizar-se especialmente em Apurinã, também é pertinente abordar o subagrupamento ao qual essa língua pertence, pois, o estudo de gramaticalização do presente trabalho busca procurar formas cognatas das línguas geneticamente mais próximas de Apurinã. Assim, esta subseção apresentará algumas considerações sobre este subagrupamento, a fim de situar essas três línguas dentro da família Aruák.

Entre os trabalhos dessa natureza realizados entre as línguas Apurinã, Piro e Iñapari (API<sup>15</sup>), aqui nos pautaremos especialmente em Brandão Facundes (2002), (2007), Brandão e Facundes (2007) e Freitas (2017), que abordam, principalmente, estudos comparativos entre essas três línguas.

Os três primeiros autores citados tratam de aspectos relacionados à linguística histórica e à paleonlinguística, e culminam em formas reconstruídas que serão apresentadas mais detalhadamente adiante. Ademais, tais pesquisadores também esboçaram traços reconstruídos da cultura e pré-história dos povos.

No que diz respeito a tese de Freitas (2017), na qual foi estudada a posse predicativa e atributiva em Apurinã, também foi realizada uma comparação entre cognatos do subagrupamento. Apesar de todas essas contribuições, aqui me deterei somente na parte desses estudos que são relevantes para o presente trabalho.

De acordo com Brandão (2007), Piro é uma língua falada por um povo subdividido em dois grupos, um que vive no Peru, com uma população aproximada de 1263 pessoas (o censo

---

<sup>15</sup> Neste ponto em diante, a sigla API refere-se ao subagrupamento Apurinã, Piro e Iñapari.



(1989), bem como estudos tipológicos de línguas aruák. Hanson (2010) frisa que Matteson também realizou estudos antropológicos, que incluíam o esboço da gramática do Yine, baseada em estudos fonológicos e morfológicos (MATTESON, 1954; MATTESON e PIKE, 1958). A língua também conta com um trabalho intitulado Dicionario Piro (WISE, 2008), desenvolvido em colaboração com falantes de Yine, cuja publicação ocorreu em 1986.

Entre os estudos realizados em Yine (Piro), destaca-se o trabalho de Hanson (2010), que consistiu em uma gramática mais ampla e completa da língua, que serve de fonte principal para os estudos com a língua, inclusive o da presente dissertação, pois contém dados que auxiliam na comparação, que neste caso será feita entre verbos que possivelmente podem ser cognatos a *txa* da língua Apurinã.

Sobre a língua Iñapari existem poucas informações na literatura dos estudos aruák. Sabe-se que até o final do último século a língua contava com apenas 04 falantes anciões e que o povo localizava-se no Peru no Rio Piedras (sudeste da Amazônia peruana).

Em uma conversa informal com Brandão em 2018, a informação obtida foi de que muito provavelmente Iñapari havia se tornado uma língua morta, pois os falantes anciões já haviam falecido, à vista de que a última vez que se teve contato com essas pessoas foi ainda no final do século XX. No entanto, como dito na subseção anterior, em comunicação pessoal com Facundes em 2021, o autor afirma que em uma pesquisa mais recente, cujo os resultados ainda encontram-se em fase de avaliação para publicação, foi atestada a existência de falantes de Iñapari, bem como também são apresentados novos dados sobre a referida língua.

Ainda sobre Iñapari, foram realizados poucos trabalhos, a primeira documentação da língua, de acordo com Freitas (2017), foi realizada por Stiglich (1908 *apud* PARKER, 1999), na qual apenas uma lista com apenas 22 nomes foi transcrita pelo autor, que identificou a língua como sendo “Maneteri” ou “Mashco-Piro”, atestada futuramente como nomenclatura errônea, pois Iñapari e Mashco-Piro não correspondem à mesma língua, de acordo com Parker (1999).

Rivet e Tastevin (1921-1922 *apud* PARKER, 1999), posteriormente publicaram uma lista com 27 expressões em Iñapari, cujas transcrições foram feitas por Eugène Robuchon, que utilizou uma transcrição mais foneticamente embasada. Apesar desse cuidado, Freitas (2017) pontua que tal lista continha apenas 5 palavras. Em 1956, Hart e Russell coletaram 73 itens lexicais da língua, e muito depois, em 1991, Valenzuela comparou todos os dados existentes até o momento de Iñapari com outras 5 línguas Aruák, trabalho este que possibilitou atestar Iñapari como pertencente à família aruák (PARKER, 1999, p. 1).

Parker foi quem realizou os trabalhos relativamente mais amplos da língua, o primeiro em 1995, correspondente a um dicionário de léxico geral e o segundo um breve estudo sobre a

fonologia. Por isso, trabalhar com essa língua torna-se uma tarefa difícil pela escassez de dados e estudos realizados, mais especialmente pelo fato de a língua já não ser mais falada, até onde se tem informações.

Na literatura dos estudos realizados em Apurinã, Piro e Iñapari é comum encontrar essas três línguas agrupadas dentro do ramo pré-andino da família (cf. BRANDÃO e FACUNDES, 2007), geralmente dentro de um sub-ramo e acompanhadas ou não de Chontaquiro. Mashco-Piro ou de línguas Campa, do Peru. Através desses trabalhos comparativos, de acordo com os autores, a hipótese sobre a aproximação genética entre API é notória, principalmente em relação à quantidade de cognatos que podem ser encontrados, assim como os traços fonológicos e gramaticais.

Entre Apurinã e Piro, por terem pesquisas mais consistentes e uma *database* ampla que possibilitou e ainda possibilita diversos estudos, não restam dúvidas sobre a sua relação e, por tal motivo, encontram-se no mesmo subagrupamento. Mas, em relação a Iñapari, a dificuldade em incluir a língua neste mesmo ramo se dá, principalmente, pela falta de dados mais abrangentes e conclusivos, fato que permite a existência de algumas lacunas entre a comparação de Iñapari com Apurinã e Piro. Porém, ainda assim, a maioria dos estudiosos de línguas aruák inserem Iñapari como pertencente ao subagrupamento, pois mesmo que poucas evidências sejam concretas, as que existem reforçam essa hipótese, como explicam Brandão e Facundes (2007)

Em sua tentativa de identificar Iñapari como pertencente à família Aruák com base em retenções lexicais, Valenzuela (1991) apresenta os cognatos e respectivas correspondências que justificam a sua análise e, como resultado, identifica maior compartilhamento lexical entre Iñapari e línguas do grupo pré-andino. A comparação feita por Valenzuela restringiu-se ao Iñapari e às línguas pré-andinas Apurinã, Piro e Ashenika, de um lado, e às línguas não pré-andinas Bauré e Ignaciano, de outro. Como resultado dessa comparação, Iñapari compartilhou 36 cognatos com Piro, 27 com Apurinã, 25 com Asheninka, 27 com Bauré e 18 com Ignaciano. Com base na média superior de itens compartilhados com as línguas pré-andinas (53) em comparação com à média de itens compartilhados com línguas não pré-andinas (38), Valenzuela concluiu ter confirmado a inclusão de Iñapari dentro do ramo pré-andino. (BRANDÃO; FACUNDES, 2007b, p. 111)

Para atestar ainda mais a consistência do subagrupamento API e também somar com um estudo mais abrangente e com dados mais conclusivos, Facundes (2000, 2002) realizou, entre seus trabalhos comparativos entre API, uma reconstrução fonológica, com o objetivo de explicar como seria a constituição genética do Proto-API, cujo resultado revelou mais possibilidades entre a relação genética entre as três línguas, conforme pode ser verificado no Quadro 3 abaixo:

**Quadro 3** - Reconstrução fonológica para Proto-Apurinã-Piro-Iñapari, proposto por Facundes (2000, 2002)

Apurinã	Piro	Iñapari	P-API
<b>p</b>	p	<b>P</b>	*p
<b>t</b>	t tʃ/_i h/#_a	<b>t</b> <b>tʃ/_{e, a, i}</b>	*t
<b>t</b>	tç / {i_i, _u}	<b>T</b>	*tç
<b>ts</b> <b>tʃ/_i</b>	ts tʃ/_i	<b>T</b>	*ts
<b>tʃ</b>	tʃ	<b>tʃ</b>	*tʃ
<b>k</b>	k / _{*a, *o} ç / _{e, i, i, o}	∅ / #_{*a, *o} ʔ / v_*a	*k
<b>s</b> <b>ʃ/_i</b>	s	∅ / {a, e, o, u} h/#_ h/#_	*s
<b>s/_{u, i}</b>	ʃ	<b>h</b> ∅ / i_i	*ʃ
<b>ʃ/_i</b>	ç	∅ / i_i	*ç
<b>h</b> <b>∅/_?</b>	h	<b>h</b> ∅/_?	*h
<b>∅</b>	h/#_v	<b>∅</b>	*∅
<b>r</b>	r	<b>R</b>	*r
<b>r</b>	l	<b>R</b>	*l
<b>m</b>	m	<b>M</b>	*m
<b>n</b>	n	<b>N</b>	*n
<b>j</b>	j	<b>J</b>	*j
<b>w</b>	w	<b>W</b>	*w
<b>a</b>	∅ / p_ʃ	<b>A</b>	*a
<b>e</b>	e	<b>a / k_ca</b>	*e
<b>e / t_</b> <b>i</b> <b>ʃ / {h_p, p_ts, t_}</b> <b>k_#</b>	∅ / {t_n, tʃ_r, k_r, p_ʃ, t_l, (p, m) _j} i / k_r j / _v	<b>I</b>	*i

<b>i</b> <b>i / _j</b> <b>i / {h_r, h_t}</b>	$\emptyset / \{t\_n, t\_r, k\_r, p\_f, t\_l, m/p\_j\}$ $\emptyset / m\_j$ $i / \{h\_r, h\_t\}$ $i / \{\#\_, \zeta\_ , p\_#\}$ $\emptyset / p\_n$ $\emptyset / t\_k$	<b>i</b> <b>u / _ju</b> <b>i</b> <b>u / t_k</b>	<b>*i</b>
<b>u</b>	<b>o</b>	<b>U</b>	<b>*u</b>
<b>i</b>	<b>i</b> <b>e / {t_, k_}</b>	<b>i</b> <b>e / {t_, k_}</b>	<b>*i</b>

Fonte: Facundes (2000, 2002) *apud* Brandão e Facundes (2007).

Essa foi a primeira tentativa de estabelecer sinteticamente as correspondências fonológicas entre Apurinã, Piro e Iñapari. Contudo, Brandão e Facundes (2007) reforçam que sozinhas, essas correspondências não podem ser usadas para postular o Proto-Apurinã-Piro-Iñapari, pois ainda não dão conta de todas as correspondências encontradas em dados de outras línguas aruák, além disso, carecem do suporte de dados de outras línguas, também, desta família linguística e da identificação de inovações compartilhadas por API que são ausentes nas demais. Em consonância aos autores, aqui neste trabalho adotou-se o sub-ramo API como uma *working hypothesis*.

O próximo capítulo desta dissertação pretende mostrar a caracterização da língua Apurinã de acordo com a gramática da língua elaborada por Facundes (2000), por isso, agrupa os principais aspectos linguísticos que são pertinentes para o escopo desta pesquisa.

---

### 3 CARACTERIZAÇÃO DA LÍNGUA APURINÃ

---

Este capítulo tem o intuito de mostrar aspectos da língua Apurinã de forma concisa, por meio dos quais serão apresentadas características gerais, como informações tipológicas, o inventário fonético, aspectos fonológicos, restrições fonotáticas, estrutura silábica, ortografia e também os principais aspectos funcionais, voltados para especificidades morfossintáticas, com ênfase nos verbos da língua. É importante ressaltar que o presente capítulo tem a pretensão de abordar apenas informações que são pertinentes ao presente trabalho, para detalhes mais específicos de Apurinã, confere-se Facundes (2000), que elaborou em sua tese a gramática geral da língua. Tal estudo também serviu como maior referência para a elaboração desta caracterização resumida da língua que será apresentada aqui.

De acordo com Facundes (2000), em relação aos aspectos dos traços tipológicos, Apurinã é considerada uma língua polissintética, ou seja, possui um sistema morfológico complexo, pois suas funções gramaticais são expressas por morfemas presos, marcados, também, por afixos que possuem um amplo valor semântico.

Tais funções morfológicas são iminentemente ligadas a operações sintáticas, portanto, infere-se que as funções gramaticais são em maior parte operadas pelos aspectos morfossintáticos da língua. Além disso, essa língua é predominantemente aglutinante (em vez de fusional), apresenta a estrutura silábica (C)(V)V e as alternâncias morfofonológicas estão restritas às marcas pronominais proclíticas, além de algumas outras poucas formas presas verbais.

Além dessas particularidades morfológicas, o autor, em sua gramática da língua, estabeleceu as seguintes classes de palavras para a língua Apurinã: nomes, verbos, pronomes, demonstrativos, numerais, palavras interrogativas, onomatopeias, interjeições e partículas.

Na referida língua, existe a marcação no núcleo, como referência cruzada nos verbos. E sobre a ordem sentencial constituinte, os padrões tipológicos de ordem dos constituintes em Apurinã se correlacionam com línguas do tipo OV, entretanto a ordem mais frequente em textos é VO. Por exemplo, a língua tem posposição e não preposição.

O sistema de gênero baseia-se na distinção gramatical masculino-feminino; os nomes são marcados a partir da base de (in)alienabilidade, relacionado ao uso da classe de nomes e se estes são obrigatoriamente possuídos ou não. A classificação nominal, segundo Lima-Padovani (2016), consiste em nomes que recorrem em compostos produtivos ou incorporados ao verbo.

Percebe-se que a língua é composta de uma estrutura interna complexa. Em vista disso, será tratado de forma breve algumas de suas particularidades, a fim de situar os aspectos fonológicos e morfossintáticos, os quais são relevantes para o estudo da gramaticalização com a forma verbal *txa*.

As próximas seções irão apresentar informações na seguinte ordem: fonologia, traços fonéticos, sistema silábico; categoria verbal (escopo da pesquisa) e um resumo das demais classes.

### 3.1 Fonologia da língua Apurinã, seus traços fonéticos e sistema silábico

Esta seção se ocupa em mostrar informações suficientes sobre aspectos que envolvem a fonologia da língua, bem como seus traços fonéticos, a ortografia<sup>19</sup>, mais suas restrições fonotáticas, as quais que servirão mais à frente para compreender melhor os exemplos apresentados neste trabalho.

Na gramática de Facundes (2000), em seu segundo capítulo, é possível verificar que Apurinã possui o total de 35 segmentos fonológicos, compostos por 5 vogais orais breves, 5 vogais orais longas, 5 vogais nasais breves, 5 vogais nasais longas e 15 consoantes. O autor reforça a existência do contraste de nasalidade e prolongamento, configurado nas vogais altas, médias e baixas. Por isso, todas as vogais podem apresentar contrapartes nasais e longas, compondo assim um quadro relativamente extenso de sons vocálicos, que podem ser observados mais detalhadamente abaixo:

**Quadro 4** - Inventário fonológico do sistema vocálico

	Vogais curtas			Vogais longas		
	Anterior Oral/Nasal	Central Oral/Nasal	Posterior Oral/Nasal	Anterior Oral/Nasal	Central Oral/Nasal	Posterior Oral/Nasal
<b>Alta</b>	i / ĩ	ɨ / ỹ	u / ũ	i: / ĩ:	ɨ: / ỹ:	u: / ũ:
<b>Média</b>	e / ě			e: / ě:		
<b>Baixa</b>	a / ă			a: / ă:		

Fonte: Facundes (2000. *Adaptações nossas*).

<sup>19</sup> Relativo à ortografia Apurinã aqui empregada em sua forma vigente, faz-se uso dos símbolos do IPA, com as seguintes exceções: y = [i], i = [j] depois de vogal mas = [i] nos demais ambientes, x = [ʃ], tx = [tʃ], th = [c], nh = [ɲ]

Quanto às consoantes, a língua Apurinã conta, como dito anteriormente, com 15 segmentos, conforme postula Facundes (2000). O Quadro 5, abaixo, apresenta as consoantes de acordo com os seus pontos e modos de articulações.

**Quadro 5** - Inventário fonológico do sistema consonantal

Ponto \ Modo	Labial	Alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	<b>P</b>	<b>t</b>	<b>c</b>	<b>k</b>	
Nasal	<b>m</b>	<b>n</b>	<b>ɲ</b>		
Tepe		<b>r</b>			
Fricativa		<b>s</b>	<b>ʃ</b>		<b>h</b>
Africada		<b>ts</b>	<b>tʃ</b>		
Aproximante	<b>w</b>		<b>j</b>		

Fonte: Freitas (2017, *adaptações nossas*), adaptado de Facundes (2000).

Em Apurinã as consoantes não se distinguem em surdas e sonoras, pois dependendo do ambiente, segundo Freitas (2017), as consoantes oclusivas podem se realizar foneticamente como sonoras (em geral, depois de som nasal, mas há casos de ocorrência das oclusivas surdas como sonoras em início de palavras) ou como surdas. Ressalta-se também que a consoante /h/ varia com  $\emptyset$ , como exemplo temos: *hãty* ou *ãty* ‘um’, *hÿthe* ou *ÿthe* ‘vocês’, *hãtakury* ou *ãtakury* ‘jovem rapaz’.

Em relação às restrições fonotáticas, Facundes (2000, p. 115-117, *tradução feita por FREITAS, 2017*), afirma que

118. /h/ apenas ocorre em início de palavra, exceto quando precedido pela forma reduzida do pronome de primeira pessoa do singular, [nu#], que cliticiza o verbo [...].

122. /i/ não ocorre seguindo ou precedendo um som palatal, i.e. /tʃ, ɲ, ʃ, j/ ou a vogal alta anterior /i/ [...].

123. /j/ não ocorre precedendo /i/.

Essa restrição fonotática possa talvez estar associada à presença da vogal longa /i:/ na língua e explicada como um resultado de uma neutralização entre /i:/ e /ji/ [...].

124. /w/ [neste trabalho usamos /w/] nunca ocorre precedendo /o/ [aqui usamos /u/, conforme atual inventário fonológico empregado por Facundes e equipe]. Essa restrição fonotática, análoga àquela em (123), pode estar associada à presença da consoante longa /o:/ [u:/] [...].

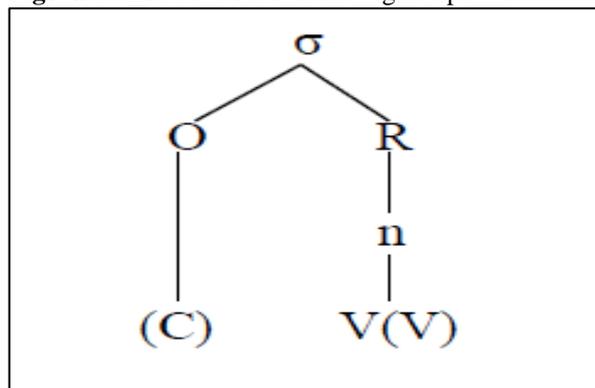
125. Vogais orais não ocorrem imediatamente precedendo uma vogal nasal [...].

126. Vogais longas orais não ocorrem em final de palavra em palavras polissilábicas.

Estas considerações norteiam algumas informações acerca do funcionamento da língua, já que o foco aqui não é tratar de fenômenos fonológicos ou outras peculiaridades dessa natureza. Este panorama serve de base para que se possa avançar entre a menor e a maior estrutura na língua e evidenciar os fatores mais relevantes para esta pesquisa.

Em Apurinã, Facundes (2000, p. 87 e 88) atesta que existem quatro tipos de sílabas na língua: CV, CVV, VV e V. No caso de sílabas CVV e VV, as vogais são alongadas quando forem fonologicamente idênticas. Em relação à estrutura silábica, Freitas (2017) elaborou o esquema abaixo ilustrado na Figura 5:

**Figura 5** - Estrutura silábica da língua Apurinã



Fonte: Freitas (2017, p. 48)

A partir dos esclarecimentos acerca dos aspectos fonético fonológicos e também sobre a ortografia da língua, a seção seguinte apresentará informações a respeito da categoria verbal da língua em questão.

### 3.2 A categoria verbal na língua Apurinã

A presente seção busca de forma geral apresentar alguns aspectos sobre a estrutura morfossintática de verbos da língua Apurinã de modo a evidenciar suas principais características.

A priori, saliento que a língua Apurinã se organiza morfossintaticamente em classes abertas e em classes fechadas (FACUNDES, 2000). A primeira constituída por nomes e verbos, a segunda por pronomes, demonstrativos, numerais, palavras interrogativas, onomatopeias, interjeições, ideofones e partículas. Entre estas, o presente trabalho dará ênfase a classe verbal, foco da pesquisa.

### 3.2.1 Categoria verbal em Apurinã

Nesta subsecção serão mostradas as características gerais de como se configura a classe de verbos na língua Apurinã, com base em Facundes (2000), Chagas (2007), Facundes e Chagas (2014), Freitas (2017) e Batista (2018), com o propósito de delinear um panorama geral sobre as classes verbais que existem na língua, bem como mostrar as suas estruturas internas, propriedades sintáticas, para então poder adentrar em aspectos mais específicos, como os que se referem aos paradigmas pronominais que os verbos podem selecionar, para assim distinguir as subcategorias dos verbos da língua Apurinã.

A classe verbal da língua Apurinã é a estrutura morfossintática mais complexa da língua e, de acordo com Facundes e Chagas (2014), os verbos da respectiva língua podem ser divididos em classes tradicionais, que correspondem a intransitivos e transitivos, todavia, quando analisados em maior profundidade acabam por revelar subclassificações que fogem aos padrões canônicos associados à marcação dos seus argumentos.

Embora a morfologia verbal seja predominantemente sufixal, as bases verbais podem admitir tanto prefixos quanto sufixos. Em sua tese, Facundes (2000), explica que sujeitos gramaticais entre expressões sintáticas de um argumento (verbal) podem coexistir, no entanto, precisam ter uma marca pronominal de sujeito correferencial anexada ao verbo. O objeto gramatical, por outro lado, funciona como a expressão sintática de um argumento (verbal), que pode coexistir, também, caso tenha uma marca pronominal de sujeito acoplada ao verbo.

A coocorrência do sujeito ou da expressão livre do objeto, com sua marca pronominal de correspondência correferencial, é possível apenas quando a expressão livre de sujeito /objeto é pós-verbal.

Ainda conforme o mesmo autor, é possível identificar um conjunto de formas pronominais que se ligam aos verbos, categorizadas em: *marcas pronominais de sujeito* — que vêm antepostas à base verbal —, e as *marcas pronominais de objeto* — pospostas à base verbal. Estas marcas podem ocorrer atreladas às bases verbais, como elementos correferenciais ao sujeito gramatical e/ou ao objeto gramatical da sentença, o que pode ser visualizado nos exemplos<sup>20</sup> abaixo retirados de Facundes (2000, *tradução nossa*):

(1)

a.	Atha	nhika-ry	ximaky
	1PL	COMER-3M.O	PEIXE

<sup>20</sup> As abreviaturas destes exemplos correspondem ao que foi elaborado por Facundes (2000). Todos os destaques que merecem ser ressaltados nos exemplos estarão destacados em azul.

‘Nós comemos peixe’

- b. Iuwata    **n**-atamata    nuta  
 FACA        1SG-VER        1SG

‘Eu vejo a faca’

A partir destes exemplos é possível verificar que além das formas verbais presas, existe, também, uma série de pronomes livres, que podem ocorrer como sujeitos gramaticais. Então, em (1a) o sufixo *-ry* (marca pronominal de objeto) co-ocorre com o objeto gramatical *ximaky* ‘peixe’, posposto ao verbo; em (1b) assinalamos a co-ocorrência de *-n* (marca pronominal de sujeito) com *nuta* (pronome livre), este último também posposto ao verbo. No Quadro 6, abaixo é possível ver quais são os marcadores pronominais em Apurinã:

**Quadro 6** - Marcadores pronominais em Apurinã proposto por Facundes (2000)

Pessoa/Gênero	Marcas de correferencialidade sujeito possuidor		Marcas de correferencialidade de objeto	
	Singular	Plural	Singular	Plural
<b>1</b>	<i>ny-</i>	<i>a-</i>	<i>-nu</i>	<i>-wa</i>
<b>2</b>	<i>py-</i>	<i>hĩ-</i>	<i>-i</i>	<i>-i</i>
<b>3M</b>	<i>y-</i>	<i>y-...-na</i>	<i>-ry</i>	<i>-ry</i>
<b>3F</b>	<i>u-</i>	<i>u-...-na</i>	<i>-ru</i>	<i>-ru</i>

Fonte: Facundes (2000, p. 181, *tradução nossa*).

Adicionalmente, outra distinção que pode ser feita acerca da classe verbal é a divisão em: *forma verbal básica*, que pode ser uma raiz livre — não analisada em menores unidades —, ou uma raiz com mais formativos presos a ela; ou *forma verbal derivada*, que pode formar-se a partir de bases nominais. As formas verbais da língua também podem derivar-se a partir de uma raiz presa mais o verbalizador *-ta*, possível de se visualizar no exemplo abaixo, também retirado de Facundes (2000, *tradução nossa*):

(2)

- a. karaywa-**ta**-nu  
 NÃO.ÍNDIO-VBLZ-1SG.O

‘Eu sou (ou ajo como) um não índio’

Algumas outras construções verbais possibilitam a incorporação de um nome simples, e caso seja inalievável, pode ocorrer com *-txi* ou não, como ressalta Freitas (2017). A autora

afirma que tal nome simples funciona como um argumento semântico do verbo no interior do qual ocorre, não exercendo, entretanto, qualquer função sintática nuclear na construção verbal formada.

(3)

- a. **Thapu-txi**                      **py-syka-ta-nu**  
 ARCO.DE-N.POSSD              2SG-DAR-VBLZ-1SG.O

‘Me dá um arco’

- b. **Py-syka-thapu-ta-nu**  
 2SG-DAR-ARCO.DE-VBLZ-1SG.O

‘Me dá um arco’

Raras ocorrências de construções verbais formadas a partir de nomes compostos + um verbalizador, também constam na língua, mas em menor escala, tais como:

(4)

- a. **i-iũka**  
 3SG.M-PINTA, MALHA.DE

‘pinta, malha dele’

- b. **y-tsupa**  
 3SG.M-FOLHA.DE

‘folha dele’

- c. **a-iũka-tsupa-ta**  
 1PL-PINTA, MALHA.DE.FOLHA.DE-VBLZ

‘Nós escrevemos’

Existem também, em alguns casos, verbos com nomes incorporados, os quais referem-se a propriedade do objeto nocional da construção ou, anaforicamente, a propriedades de um nome que tenha ocorrido anteriormente no discurso, conforme os exemplos de Facundes (2000, *tradução nossa*):

(5)

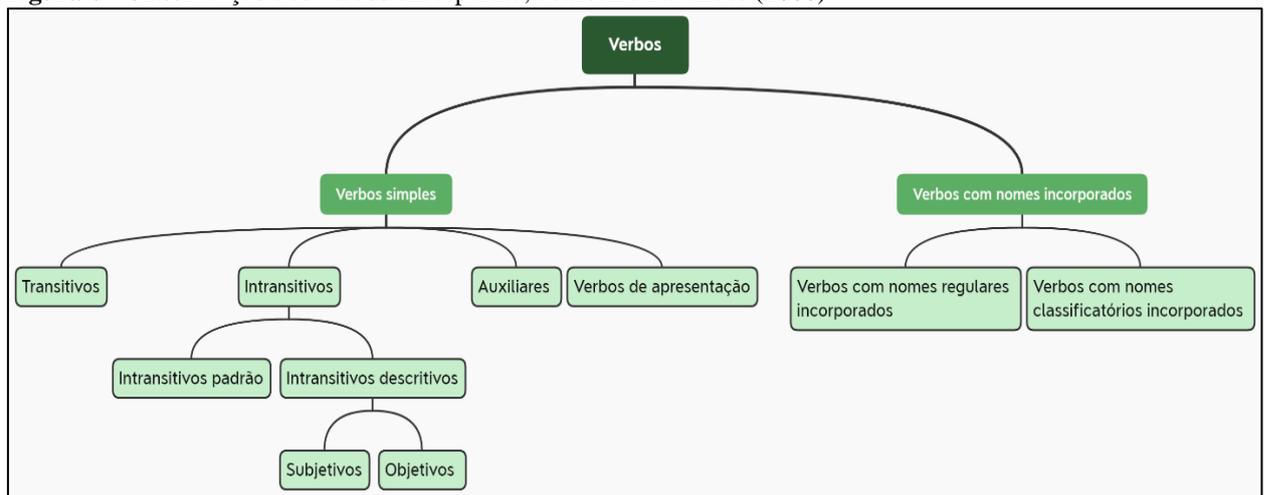
- a. **Ny-taka-pe-ta-ry**  
 1SG-COLOCAR-NC.POLPA.DE-VBLZ-3SG.M.O

‘Eu coloquei a coisa pastosa’

b. Atha i-ie ãa-ke txirãka-ke-ta  
 1PL 3SG.M PLANTA-NC.FINO, FLEXÍVEL.DE PARTIR.AO.MEIO-NC.FINO,FLEXÍVEL.DE-VBLZ  
 ‘Nós partimos ao meio a vara’

O autor fornece em sua gramática da língua um esquema sobre a estrutura interna dos verbos existentes na língua. Essas propriedades propiciam o surgimento de outras subcategorias, entre as quais a Figura 6 sumariza a representação dessas categorias.

**Figura 6** - Classificação dos verbos em Apurinã, conforme Facundes (2000)



Fonte: Facundes (2000, p. 274. *Tradução e adaptações nossas*).

Conforme a classificação proposta por Facundes (2000), a classe de verbos divide-se em duas grandes categorias: verbos simples e verbos com nomes incorporados. A primeira categoria se divide em quatro subclasses: verbos transitivos, intransitivos (padrão, descritivo — subjetivo e objetivo), auxiliares e de apresentação. Enquanto que os verbos com nomes incorporados, se dividem em: verbos com nomes regulares incorporados à base verbal e verbos com nomes classificatórios incorporados à base verbal.

Os verbos simples correspondem as formas básicas ou derivadas, que podem ter a raiz livre ou uma raiz mais formativos fonologicamente anexados. Além disso, Facundes (2000, p. 276) afirma que as formas mais simples que um verbo pode tomar são: uma raiz livre (RL), uma forma nominal (FN) mais verbalizador, ou radicais presos mais verbalizador, representados por:

$$V \rightarrow \begin{cases} \text{RL} \\ \text{FN} + \text{VBLZ} \\ \text{RP} + \text{VBLZ} \end{cases}$$

Fonte: FACUNDES (2000, p. 276, *tradução minha*).

Em relação à estrutura argumental, os verbos podem ser classificados em transitivos e intransitivos (também existem verbos auxiliares e de apresentação que se encaixam nesta categoria).

A partir desse ponto, após ver os aspectos mais gerais dos verbos da língua Apurinã, será possível adentrar nos aspectos morfossintáticos mais específicos de cada uma das categorias verbais, como será visto na próxima subseção.

### 3.2.1.1 Verbos intransitivos

De acordo com Facundes (2000), sabe-se que os verbos intransitivos (VI) selecionam apenas um argumento nuclear que funciona como sujeito ou objeto da oração intransitiva e que podem se dividir nas seguintes subclasses: intransitivos padrão e intransitivos descritivos.

Os intransitivos padrão são classificados semanticamente como ativos, já os intransitivos descritivos se subdividem entre ativos e estativos. A partir do trabalho elaborado por Chagas (2012), a autora afirma que os VI descritivos são uma classe semântica que se opõem aos VI ativos pelo seu caráter mais estativo, o que é possível visualizar a partir do seguinte esquema proposto na Tabela 1:

**Tabela 1** - Aspectos semânticos dos verbos intransitivos conforme, Chagas (2012)

Intransitivos ativos	Intransitivos descritivos	
<b>Ação, evento, processo</b>	Subjetivos	Objetivos
	Estado passageiro	Estado duradouro

Fonte: Chagas (2012, p. 119)

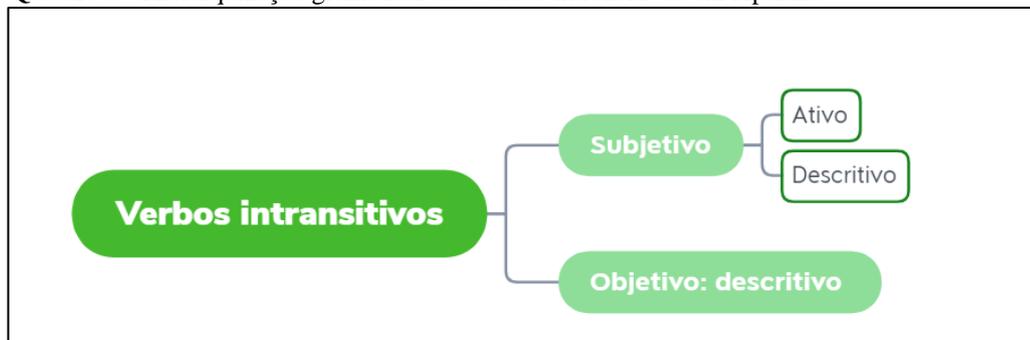
A Tabela 01 mostra essa divisão determinada a partir do ponto de vista semântico, em que os intransitivos ativos, expressam ação, evento e processo, enquanto intransitivos descritivos, são subdivididos em: subjetivos, que expressam um estado mais passageiro; e objetivos, que expressam um estado mais duradouro.

Então, a partir dessa classificação, Chagas (2012), apresenta uma hierarquização semântica dos verbos intransitivos em Apurinã, sistematizada da seguinte forma no Quadro 7:

**Quadro 7** - Hierarquização semântica dos verbos intransitivos em Apuriná

Fonte: Chagas (2012, p. 120. *Adaptações nossas.*)

O Quadro 7 apresenta a divisão entre VI ativos e descritivos, sendo essa segunda classe subdividida semanticamente em subjetivos e objetivos. Adicionalmente, os verbos intransitivos também apresentam uma classificação gramatical, que pode ser esquematizada a partir do Quadro 8 abaixo:

**Quadro 8** - Hierarquização gramatical dos verbos intransitivos em Apuriná

Fonte: Chagas (2012, p. 120)

A partir do Quadro 8, verifica-se que os VI se dividem em: subjetivos, subdivididos em ativos e descritivos; e objetivos descritivos, com base no esquema proposto por Chagas (2012). Em suma, a partir desse percurso acerca dos verbos intransitivos, é possível afirmar que essa classe apresenta seguimentos complexos, que ficarão mais evidentes a partir das subseções posteriores que tratam da divisão interna dos VI: padrão e descritivos.

### 3.2.1.1.1 Intransitivos padrão

Os verbos intransitivos padrão são tipologicamente monovalentes que expressam eventos. De acordo com Facundes (2000), são verbos que lexicalmente requerem apenas um argumento sintático, e esse único argumento pode coocorrer com marca pronominal correferencial de sujeito, caso o sujeito seja pós-verbal e opere em um sistema nominativo/acusativo. Exemplos:

(6)

a. <i>y-myteka</i>	<i>kyky</i>	b. <i>u-serena</i>	<i>sytu</i>
3M-CORRER	HOMEM	3F-DANÇAR	MULHER
‘O homem correu.’		‘A mulher dançou.’	

No exemplo (6a) a forma pronominal presa *y-* é correferencial ao sujeito gramatical *kyky*, posposto ao verbo, ambos codificam o argumento único de um verbo intransitivo padrão, o mesmo serve para o exemplo (6b), para a forma presa *u-* que é correferencial ao sujeito gramatical *sytu*.

### 3.2.1.1.2 Intransitivos descritivos

Essa classe inclui os verbos que expressam estados mais transitórios e/ou noção de propriedade e, também, são marcados por formas pronominais presas de sujeito ou de objeto dependendo do verbo.

**a) Verbos intransitivos descritivos subjetivos:** formas verbais que semanticamente expressam noção de estados mais transitórios e são marcados pelas (ou seus argumentos únicos são correferenciais às) formas pronominais presas de sujeito, e também operam em um sistema nominativo/acusativo.

(7)

a. <i>ny sãpaka</i>	<i>nuta</i>	b. <i>Ny-matukynawa-ta</i>
1SG-ESTAR.CANSAÇO	1SG	1SG-ESTAR.ENRAIVECIDO-VBLZ
‘Eu estou cansado’		‘Eu estou enraivecido’

**b) Verbos intransitivos descritivos objetivos:** marcam seu único argumento pelas formas pronominais presas de objeto agregadas a raiz verbal e operam um sistema ergativo/absolutivo. Semanticamente expressam estados mais permanentes, duradouros e/ou inerentes.

(8)

a. <i>hareka-nu</i> SER.BOM-1SG.O	b. Here-nu SER.BONITO- 1SG.O	c. <i>puukamara-ry mākaxi</i> SER.VERMELHO-3M.O-ROUPA
‘Eu sou bom’	‘Sou bonito’	‘A roupa é vermelha’

Em relação a semântica, o que distingue a classe de intransitivos padrão e descritivos é que, o primeiro expressa eventos e processos, enquanto que o segundo codifica noções que qualificam entidades no mundo. A distinção morfossintática entre as duas classes está atrelada ao tipo de marca de correferencialidade que pode ser empregada em cada uma das subclasses de intransitivos, pois, em apurinã, intransitivos padrão carregam apenas marcas de correferencialidade de sujeito, enquanto que há verbos intransitivos descritivos que carregam marcas de correferencialidade de objeto, assim como também há verbos desta mesma classe que podem carregar uma ou outra marca (FACUNDES 2000; CHAGAS 2007; FACUNDES & CHAGAS 2016).

Chagas (2007, p. 89) aponta algumas exceções em que o verbo semanticamente designa um estado permanente, porém o argumento único requerido vem codificado em uma forma pronominal presa de sujeito, assim, comportando-se como um descritivo subjetivo, como no exemplo abaixo:

(9)

a. <i>u-ipỹ-pe anãpa</i> 3SG.F-ESTAR.MORTO-PFTV-CACHORRO
‘A cadela está morta’

Também há outro caso em que, embora o estado descrito pelo verbo seja transitório, o argumento único requerido aparece na forma de um pronome preso de objeto, neste caso, comportando-se sintaticamente como um descritivo objetivo:

b. <i>Itapynyka-nu</i> ESTAR.COM.SONO-1SG.O
‘Eu estou com sono’

**c) Verbos intransitivos descritivos ambivalentes:** são uma subclasse dos verbos descritivos proposta por Chagas (2007), que não apresentam uma semântica lexical aspectual definida (como os subjetivos e objetivos), ou seja, podem codificar estados de dois tipos: adquiridos,

passageiros e transitórios; e também, inerentes, duradouros e permanentes. Recebem as formas pronominais presas de sujeito para codificar o argumento único ou, em estados mais permanentes e recebem a série das formas pronominais presas de objeto para codificar o argumento requerido pelo verbo. Freitas (2017) acrescenta que, neste caso, têm-se um caso de *S-fluído*, definido por Payne (1997 *apud* CHAGAS, 2007), em que um mesmo verbo, dependendo da semântica que expressa, pode ora ter um complemento *Sa*, ora ter um complemento *So*. Chagas (2007), portanto, nos dá os seguintes exemplos:

(10)

a. Ny-kiumanhi-txi  
1SG-VELHO-N.POSSD.  
'Eu estou velho'

b. Kiumanhi-txi-nu  
VELHO-N.POSSD-1SG.O  
'Eu sou velho'

c. Ny- pĩkare-ta  
1SG-ESTAR/SER.MEDROSO-VBLZ  
'Eu estou com medo'

d. Pa- pĩkare-nu  
ATRIB.INTENS-ESTAR/SER.MEDROSO-1SG.O  
'Eu sou medroso'

A autora também menciona a existência de um grupo muito restrito de descritivos que igualmente aos ambivalentes não apresenta uma semântica aspectual lexicalizada, sendo que podem codificar eventos mais transitórios ou mais permanentes e que ainda assim, não apresentam mudança na série de formas pronominais presas com as quais ocorrem, ou seja, podem ser subjetivos ou objetivos, mas nunca ambivalentes. Porém, essa questão ainda carece de investigações mais detalhadas.

A subseção posterior apresenta os verbos transitivos da língua apurinã e as suas características mais pertinentes para o escopo desta pesquisa.

### 3.2.1.2 Verbos transitivos

Verbos transitivos (ou bivalentes) diferenciam-se das demais classes verbais por aceitarem ambas as marcas pronominais, tanto de sujeito quanto de objeto. Portanto, Freitas (2017), diz que esses verbos aceitam a presença de dois argumentos, em que o argumento mais agentivo (ou proeminente) é marcado por formas pronominais presas de sujeito, enquanto o argumento menos agentivo é marcado por formas pronominais presas de objeto. Estes verbos operam em um sistema nominativo/acusativo e conforme Facundes (2000), existem dois tipos de transitivos: regulares e os (potencialmente) ditransitivos, posteriormente chamados por Facundes e Chagas (2014, p. 124) de ambitransitivos.

### 3.2.1.2.1 Verbos transitivos regulares

Essa subcategoria verbal é a mais típica na língua e requer a presença de dois argumentos, como citado anteriormente, e exigem, além de um SN sujeito, um SN objeto ou apenas as suas marcas de correferencialidade correspondentes. Os exemplos abaixo retirados de Facundes (2000. *Ttadução feita por LIMA-PADOVANI, 2020*) evidenciam tais questões:

(11)

- |   |   |
|---|---|
| <p>a. hātaku-<i>ru</i> apa-nany-ta-ry aũty<br/> GAROTA.F BUSCAR-PROG-VBLZ-3M.O UXI<br/> ‘A garota está procurando uxi.’</p> | <p>b. a-makatkaka-ry<br/> 1PL-TIRAR.COLOCAR PARA FORA-3M.O<br/> ‘Nós o tiramos para fora’</p> |
|---|---|

### 3.2.1.2.2 Verbos transitivos ambivalentes

Como característico dessa classe, os transitivos ambivalentes requerem dois argumentos e um terceiro opcional, que pode ser omitido, sem que a sentença se torne agramatical. Os argumentos requeridos podem ser: o agente (argumento causador volitivo da ação), o tema (argumento afetado pela ação deslocando-se física ou metaforicamente), e o argumento recipiente, beneficiário ou locativo.

De acordo com Lima-Padovani (2020), esse último, opcional na sentença, pode ser marcado por uma posposição e o terceiro argumento (recipiente, beneficiário ou locativo) ocorre acompanhado de uma marca de correferencialidade de objeto empregada no verbo. Os exemplos retirados de Facundes (2000) mostram melhor a configuração desta forma verbal:

(12)

- |   |                                      |                                   |
|---|--------------------------------------|-----------------------------------|
| <p>a. Mipake uwara-pira-ta-ry<br/> N.PROP ENSINAR-HISTÓRIA-VBLZ-3SG.M.O</p> | <p>y-sãkire<br/> 3SG.M-IDIOMA.DE</p> | <p>[pitha-munhi]<br/> 2SG-DAT</p> |
| <p>‘Mipake ensinou a língua dele (pra você)’</p>                            |                                      |                                   |

Com base nesse exemplo, depreende-se que o argumento acima entre colchetes não é obrigatório, pois sua ausência não configura a sentença como agramatical. Para Facundes (2000), este é o fator que torna esse verbo *potencialmente* ditransitivo (trivalente), pelo fato de serem requeridos apenas dois argumentos obrigatórios e um terceiro facultativo. Essas estruturas operam em um sistema nominativo/acusativo. Existem especificidades em verbos ditransitivos (trivalentes), todavia, não relevantes ao propósito deste trabalho.

### 3.2.1.3 A forma verbal *awa*

Entre a literatura da língua Apurinã, Facundes (2000) atesta a forma verbal *awa* como um verbo de apresentação, que opera sintaticamente para introduzir o participante do discurso, e pode ser primordialmente traduzido como “há/existe”, conseqüentemente, um gera sentido de presença e outro de existência.

No entanto, apesar de ser classificado dessa forma, este verbo se manifesta na língua em quatro formas distintas, como pontua Facundes (2000): (i) verbo de apresentação; (ii) sentido existencial; (iii) sentido locativo; e por fim, (iv) posse.

Em relação à manifestação de *awa* como verbo de apresentação, temos os exemplos abaixo retirados de Facundes (2000, p. 292, *tradução nossa*):

(13)

a. sãku      awa  
TRAÍRA    HAVER

‘Há traíra’

b. apuka-kuru      yuwata      awa  
ENCONTRAR-REL    FACA      HAVER

‘Há uma faca que foi encontrada’

Em relação ao o uso da respectiva forma verbal com um significado existencial, *awa* adota o sentido de “existir/viver”, como mostra o exemplo abaixo, extraídos de Freitas (2017, p. 230):

(14)

a. Ywa-munhi      awa      keku-txi  
3SG-DAT          EXISTIR    REDE.DE-N.POSSD

‘Ele tem rede’ Lit.: “Tem rede pra ele”

*Awa* também pode fazer referência a circunstâncias de lugar, no sentido de “viver em/com, habitar, residir”, como nos seguintes exemplos (FACUNDES, 2000, p. 292, *tradução nossa*):

(15)

a. nu-wãka-tu-kata n-awa  
1SG-XARÁ-GRANDE-ASSOC 1SG-VIVER

‘Eu vivo com meu xará’

b. uwã-ra      atha      wai      awa-pe-ru  
PTC-ESS 1PL    AQUI    FICAR-PFTT-3M.O

‘Então ficamos aqui’

E, por último, há também a ocorrência dessa forma verbal como verbo principal, com o sentido possessivo, como pode-se observar a seguir (FREITAS, 2017, p. 233):

(16)

a. Ny-karu awa nuta  
1SG-CICATRIZ.DE TER 1SG

‘Eu tenho cicatriz’ Lit.: “Eu tenho minha cicatriz”

b. Pitha awa-ry py-parĩka  
2SG TER-3SG.M.O 2SG-TRABALHO.DE

‘Você tem trabalho’

A partir da necessidade de aprofundar os estudos sobre a forma verbal *awa*, Freitas (2017) em sua tese fez uma análise profunda acerca de todas as formas em que esse verbo aparece em uso na língua, para explicar como uma mesma forma pode apresentar significados semânticos distintos em contextos diferentes.

De forma semelhante ao que ocorre no verbo *txa*, escopo da presente pesquisa, o verbo *awa* também passa por um processo de gramaticalização observado sincronicamente, atestado por Freitas (2017), que primeiramente apresenta as características prototípicas de *awa*, a saber:

- a) *Awa* = Possessivo: verbo de dois lugares, o qual requer uma estrutura funcional de dois papéis (sujeito e objeto), e uma estrutura argumental que requer os papéis de possuidor e possuído. De acordo com o exemplo retirado de Freitas (2017, p. 233):

(17)

17a. Kyky kuna awa-ry dinẽru  
HOMEM NÃO TER-3SG.M.O DINHEIRO

‘O homem não tem dinheiro’

17b. Nuta awa-pyty-ka-ku ny-mãka  
1SG TER-ENF-PRED-FUT 1SG-ROUPA.DE

‘Eu ainda vou ter muita roupa’ Lit.: “Eu vou ter mesmo minha roupa”

- b) *Awa* = Existencial: classificado por Facundes (2000) como *verbo de apresentação*, quando denota uma existência mais transitória, e como *existencial*, quando expressa uma existência mais duradoura. Nesse estado, *awa* requer como único argumento obrigatório um sujeito (que pode admitir adjuntos em circunstância opcionais), cujo papel semântico, de acordo com Freitas (2017), corresponde ao de “ente” (algo ou alguém que existe ou cuja existência é suposta). Conforme Freitas (2017), *awa* funciona também como verbo descritivo ambivalente, ou seja, seu argumento único pode vir sob (ou ser correferencial a) a forma pronominal presa de objeto ou de

sujeito; no primeiro caso operando um sistema ergativo/absolutivo, no segundo, em um sistema acusativo/nominativo. Exemplos retirados de Freitas (2017, p. 237):

(18)

- |  |  |
|--|--|
| <p>a. kutxi ywãtãa awa-ry nhipuku-ry<br/>         NAQUELE.LUGAR EXISTIR-3SG.M.O COMIDA-N.POSSD<br/>         ‘[...] porque lá tinha (havia) comida’</p> | <p>b. N-awa-panhi-ka nuta<br/>         1SG-EXISTIR-IPFTV-PRED 1SG<br/>         ‘Eu ainda existo’</p> |
|--|--|

- c) *Awa* = Locativo: requer a presença de um complemento locativo e de um sujeito e funciona, também, como um verbo ambivalente, isto é, pode ocorrer com marcas pronominais de sujeito e de objeto. Os exemplos abaixo, retirados de Freitas (2017), mostram melhor o uso de *awa* locativo:

(19)

- |   |   |
|---|---|
| <p>a. Nuta ãkiri awa-ry paraka-ã<br/>         1SG FILHO.DE ESTAR.EM-3SG.M BARRACA-LOC<br/>         ‘Minha filha está em casa’</p> | <p>b. Syrywyny n-awa<br/>         SERUINI 1SG-ESTAR.EM<br/>         ‘Eu sou do Seruini’</p> |
|---|---|

Após as acepções realizadas por Freitas (2017) a autora entra no âmbito da gramaticalização da forma verbal *awa*. Conforme a autora, a partir de evidências sincrônicas observadas na língua Apurinã, é possível identificar que *awa* se encontra no estágio II do processo, o qual, segundo Heine (2004), a expressão adquire um segundo padrão de uso, B, com efeito de ambiguidade entre A e B. Isso se prova, pelo fato de que tanto o significado existencial (tido como o domínio fonte), quanto o significado possessivo (domínio alvo) coexistem, estão disponíveis e em uso na língua, em certo casos pode haver até mesmo ambiguidade entre eles, — o que muito se assemelha ao que acontece com *txa* e que será visto mais adiante na seção de análise).

Freitas (2017) afirma que a relação estabelecida entre os domínios de *awa* (existencial e possessivo) é a de que a expressão de posse na língua se originou a partir da expressão de existência, pois apresenta mais um significado menos abstrato.

### 3.2.1.4 Verbos auxiliares

Esta subseção por tratar-se de uma apresentação concisa acerca da classe verbal da língua apurinã, tem por finalidade situar apenas os principais aspectos morfossintáticos, por

essa razão não cabe expor aqui em detalhes a classe de verbos auxiliares, pois, mais a frente, na seção destinada a análise sob a perspectiva da gramaticalização do verbo *txa*, tal classe estará em voga, e serão dados maiores esclarecimentos, evidências e exemplos de como funcionam dentro da língua.

De antemão, em relação a classe de verbo auxiliar, tem-se a forma verbal *txa*, utilizada em predicados verbais, seguindo os verbos, por servir como uma base “hospedeira” para alguns morfemas presos, sendo assim, um elemento gramatical na sentença. Facundes (2000) apresenta quatro formas distintas nas quais esse verbo se manifesta: (i) verbo pleno; (ii) cópula; (iii) pró-verbo, e (iv) auxiliar.

A hipótese acerca do processo de gramaticalização destes verbos surgiu a partir da observação de que noções apenas semânticas, como de homonímia e polissemia, não dariam conta de explicar satisfatoriamente o comportamento dessas duas formas verbais, tal como os seus quatro usos (de cada uma); portanto a gramaticalização é a forma que melhor explicaria as possíveis funcionalidades dessas formas verbais.

### 3.2.2.4 Verbos com nomes incorporados

Existem certos verbos na língua Apurinã que incorporam nomes adjacentes a suas raízes e, conforme Facundes (2000), estes podem se dividir em dois tipos: a) nome regular, que são nomes inalienáveis não classificatórios e/ou nomes alienáveis; e em b) nome classificatório. Até o momento atual o autor atesta que essa incorporação foi encontrada apenas em verbos transitivos, pois, devido aos aspectos morfossintáticos relacionados aos argumentos requeridos, essa categoria permite que seja agregada esse tipo de construção (nome incorporado a um verbo).

Os nomes incorporados em verbos funcionam conforme as regras morfológicas de posicionamento dentro da estrutura verbal, ou seja, esses nomes podem ocorrer em apenas um lugar específico do verbo. Facundes (2000, p. 298) mostra como essa estrutura funciona com o seguinte esquema, em que raiz presa é representada por RP e raiz livre por RL:

$$V \rightarrow \left[ \begin{array}{c} \text{RP} \\ \text{RL} \end{array} \right] + \text{---} + ta$$

Fonte: FACUNDES (2000, p. 298, tradução minha)

O autor também afirma que ao incorporar um nome ao verbo, é exigida a presença do verbalizador *-ta*, e também acrescenta que esta categoria pode se dividir em duas: verbos com incorporação de nomes regulares e verbos com incorporação de nomes classificatórios. As subseções seguintes mostrarão mais sobre estas classificações.

### 3.2.2.4.1 Verbos com incorporação de nomes regulares

Os verbos que incorporam nomes regulares expressam seu argumento semântico dentro do verbo em que ocorrem, isso significa que em certos nomes, quando usados como unidade sintática expressando o argumento do verbo, podem também ocorrerem incorporados a este verbo e, ainda assim, continuam a ter sua função semântica que a sua forma não incorporada. Facundes (2000, p. 298) fornece os seguintes exemplos:

(20)

- |   |   |
|---|---|
| <p>a. <i>tapu-txi py-syka-ta-nu</i><br/>ARCO-UNPOSS 2SG-DAR-VBLZ-1SG.O</p> <p>‘Me dê o arco’</p>          | <p>b. <i>py-syka-tapu-ta-nu.</i><br/>3F.S 2SG-DAR-ARCO-VBLZ-1SG.O</p> <p>‘Me dê o arco’</p>           |
| <p>c. <i>nuta py-syka-ta-nu py-tuy</i><br/>1SG 2SG-DAR-VBLZ-3M.O 2SG-COISA</p> <p>‘Me de suas coisas’</p> | <p>d. <i>py-syka-tuy-txi-ta-nu</i><br/>2SG-DAR-COISA-UNPOSS-VBLZ-1SG.O</p> <p>‘Me de suas coisas’</p> |

O autor explica que no exemplo (20a) *tapu-txi* ‘arco’ ocorre não incorporado ao verbo, mas sim como uma unidade sintática que expressa o objeto nocional da forma verbal. A mesma forma incorporada ocorre em (20b), também expressando o objeto nocional do verbo. Os demais exemplos (20c, d) seguem um padrão análogo, exceto pelo fato de que em (20c) o nome não incorporado é possuído, enquanto que em (20d), é não possuído, e marcado pela marca *-txi*.

À vista disso, Facundes (2000) afirma que as análises desses elementos nominais incorporados podem ser descritas como resultado de **posse** na língua, no qual o elemento que possui adquire propriedades sintáticas do objeto do verbo. Para mais detalhes, conferir Freitas (2017), onde é possível conhecer mais sobre como funciona a posse em Apurinã.

### 3.2.2.4.2 Verbos com incorporação de nomes classificatórios

Facundes (2000), define essa classe como tipos de verbos que podem incorporar nomes classificatórios, doravante NC. Em Apurinã existem dois tipos de nomes classificatórios: (i) NC<sub>1</sub>, que são usados para se referir apenas a significados literais, parte de um domínio fonte; (ii) NC<sub>2</sub>, que podem ser usados tanto para o domínio fonte, quanto também para se referir a significados alvo, que são metaforicamente mais amplos. Os NC<sub>2</sub> são definidos como tipos de nomes inalienáveis, que podem ocorrer com uma função classificatória, como parte de uma formação produtiva de um composto nominal.

Então, um nome classificatório incorporado (NCI) ocorre produtivamente incorporado a um verbo, de maneira análoga ao modo como os NC<sub>2</sub>s ocorrem produtivamente, como parte de compostos substantivos produtivos (FACUNDES, 2000, p. 301), e podem ser representados da seguinte forma:

$$\begin{array}{l} V \rightarrow \\ RL \end{array} \left[ \begin{array}{c} RP \\ \end{array} \right] + \text{NCI} + ta$$

Fonte: Facundes (2000, p. 301, *tradução minha*)

Nos exemplos abaixo, retirados de Facundes (2000, p. 301), é possível ver que *-ke* e *-pe* são nomes classificatórios ocorrem incorporados a um verbo na língua,

(21)

a. *a-txirãka-ke-ta-ry*

1PL-PARTIR-VARA-VBLZ-3M.O

‘Abrimos um objeto longo, fino e flexível’

b. *ny-taka-pe-ta-ry*

1SG-COLOCAR-MASSA-VBLZ-3M.O

‘Eu coloco a massa no objeto’

Além disso, Facundes (2000), constatou que os NCIs podem ser usados como elementos com função anafórica e, também, por manterem uma cópia não incorporada na mesma sentença ou até mesmo serem usados anaforicamente para referirem-se a propriedades do subconjunto de outras estruturas nominais que ocorrem precedendo o discurso (dentro ou fora da mesma sentença).

(22)

a. *ata i-ye ãã-ke txirãka-ke-ta*

1PL 3M-PROX PLANTA-GALHO PARTIR-GALHO-VBLZ

‘Nós partimos o galho’

b. ata kumyry-pe ysunãka-**pe**-ta-ka  
 IPL MANDICOA-MASSA.DE SECAR-MASSA-VBLZ-CAUS

‘Colocamos a massa da mandioca para secar.’

Nestes exemplos é possível verificar a presença do classificatório *-ke* incorporado ao verbo, assim como parte de uma forma nominal expressando o objeto nocional. O mesmo ocorre com o exemplo (22b) em relação a forma *-pe* que expressa o objeto nocional, nomeado *kumyry-pe* ‘massa da mandioca’.

A repetição do mesmo NCI e não incorporado, conforme Facundes (2000), se assemelha à repetição característica dos marcadores de concordância. Todavia, diferentemente destes marcadores de concordância típicos, a repetição do mesmo NC em uma sentença é estruturalmente opcional, conforme os exemplos mostrados anteriormente.

Por isso, o referido autor afirma que as propriedades de “duplicação” dos nomes incorporados ao verbo e de sua utilização anafórica distinguem verbos com o NCI de verbos com nomes regulares incorporados e, além disso, Facundes (2000) complementa que se houver uma possibilidade (que ainda carece de investigações) de que nomes regulares incorporados possam funcionar como o objeto gramatical, tal possibilidade não existe para nomes classificatórios. Isto porque os NC não podem substituir o objeto que modificam, e nos casos em que um NC é incorporado a um objeto nocional, este não se manifesta de forma totalmente expressa na sentença, como em (21); uma marca pronominal correferencial com um objeto nominal pode ser encontrada no verbo.

Após estas considerações acerca da língua Apurinã, o próximo capítulo se concentra em apresentar a metodologia adotada para a feitura deste trabalho.

---

## 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

---

Pesquisas linguísticas, como de praxe, requerem métodos adequados que exigem planejamento prévios, ajustes, definições de etapas, materiais e testes para que seja possível verificar o que pode ser suprimido ou acrescentado com base na hipótese a ser atestada. Com base nisso, para que esta pesquisa tenha sido realizada, algumas etapas foram necessárias e, a partir disso, o presente capítulo pretende apresentar o percurso adotado para a metodologia.

Primeiramente, destaca-se que um trabalho no qual se abarque o processo de gramaticalização da forma verbal *txa* da língua Apurinã se faz necessário investigar com mais profundidade um fenômeno que até então não havia sido estudado antes nessa língua. Para tanto, torna-se necessário desenvolver uma metodologia que possa contribuir com esse tipo de trabalho que ainda é pouco explorado no âmbito acadêmico.

A importância desta pesquisa se dá por dois caminhos, o primeiro relativo à linguística, em que a contribuição ocorre pelo fato deste ser um estudo pioneiro sobre a gramaticalização de um determinado verbo na língua Apurinã, e um segundo relativo a fatores extralinguísticos.

No tocante ao âmbito linguístico, embora Facundes (2000) e Freitas (2017) tenham levantado hipóteses sobre a gramaticalização de *txa*, aqui é onde tal estudo de fato está sendo desenvolvido, em que procurou-se ampliar o escopo da pesquisa, através de dados que possam embasar e comprovar que o fenômeno está em voga na língua. Dessa forma, a contribuição desta pesquisa se dá justamente por trazer um estudo relevante sobre essa forma verbal, que, até então, ainda não foi investigada com profundidade.

Em relação à importância da pesquisa em um âmbito extralinguístico, considera-se que este trabalho contribui para que os registros da língua se tornem cada vez mais robustos, à vista de que Apurinã, assim como outras línguas indígenas, corre risco de extinção, por isso, é primordial que pesquisas como esta sejam feitas. Em relação a proposta desta dissertação, a vista de que existem poucos trabalhos que contemplem a gramaticalização, intenta-se que esta metodologia possa auxiliar ou servir de base para outros estudos que lidem com este mesmo fenômeno.

Para que fosse realizado este trabalho, inicialmente tomou-se como base algumas questões norteadoras baseadas em hipóteses, como:

- 1- A forma verbal *txa* passou ou está passando por um processo de gramaticalização?
- 2- Quais são as quatro formas de uso distintas da forma verbal *txa*?
- 3- Caso *txa* esteja passando por um processo de gramaticalização, qual seria o domínio fonte e como os domínios alvos se desencadearam?

A partir dessas questões iniciais foi possível nortear quais tipos de dados seriam necessários compilar para que as primeiras análises fossem feitas. O trabalho é, sobretudo, de cunho analítico descritivo, sendo esta análise embasada pela morfossintaxe e semântica, bem como também foi pertinente incluir teorias acerca do funcionalismo, mudança linguística e, especialmente, da gramaticalização.

Tais questionamentos serviram para que fossem suscitadas as primeiras hipóteses supracitadas em forma de questões norteadoras, para que então os primeiros encaminhamentos metodológicos pudessem ser decididos.

Como a base primordial dessa pesquisa é a gramaticalização, o passo inicial foi uma revisão bibliográfica na literatura sobre esse assunto. Estudos postulados por Hopper (1987), Heine e Traugott (1991), Hopper e Traugott (1993), Heine (1997), Heine e Kuteva (2004) e Gonçalves, Lima-Hernandes e Casseb-Galvão (2007) foram os principais na contribuição da construção teórico-metodológica e também na análise.

Após essa etapa foi possível delimitar os alcances da pesquisa, que lida com a identificação das quatro formas de uso do verbo *txa*, análise dessas quatro formas a fim de verificar como tais questões se encaixam no processo de gramaticalização e em quais estágios do fenômeno é possível inserir o verbo.

A próxima subseção irá apresentar de forma mais ampla como os processos metodológicos desta pesquisa se sucederam.

#### **4. 1 Organização e norteamto da metodologia**

Nesta seção busca-se descrever objetivamente o passo a passo da pesquisa, desde o ponto de partida até os processos que nortearam a fase final. Cabe ressaltar que o estudo deste trabalho segue a perspectiva sincrônica, ou seja, aqui, é considerado o *status* atual da língua Apurinã, pois não existem dados mais antigos que sejam suficientes para passar pela análise do fenômeno de gramaticalização da forma verbal *txa*, por isso, torna-se dificultosa e imprecisa uma análise de cunho diacrônico, então, optou-se por realizar o presente trabalho apenas com dados atuais de Apurinã.

Conforme essas acepções adotadas, o objetivo consiste em mostrar quais etapas seguiram-se para que fosse possível analisar como a forma verbal *txa* se manifesta na língua Apurinã em relação ao processo de gramaticalização, com a finalidade de entender sobre quais estágios podem ser identificados e também quais são os domínios fonte e alvos que podem ser

admitidos. Para tanto, foram considerados os ambientes sintáticos e semânticos que propiciaram tal mudança linguística, com a finalidade de analisar e descrever essas ocorrências.

Gonçalves, Lima-Hernandes e Casseb-Galvão (2007) apresentam questionamentos que corroboram para dar o ponto inicial de trabalhos no domínio da gramaticalização, dentre os quais, três se encaixam nesta pesquisa: (i) quais são os mecanismos que favorecem os deslizamentos funcionais das palavras? (ii) quando os linguistas tratam da unidirecionalidade, a que tipo de categoria se referem? (iii) haveria um gatilho social para a expansão de usos na comunidade de fala?

Estas questões serão desenvolvidas com mais profundidade no capítulo de análise, por isso aqui, neste capítulo cabe citá-las para mostrar como esse processo se deu. A priori, é sustentável pautar-se em um âmbito voltado puramente aos fatores funcionais, que se preocupam sobre como a língua opera papéis sociais e se desvela em determinados contextos de uso.

Na língua Apurinã é possível verificar que essa renovação do sistema linguístico é o que opera sobre o surgimento das outras formas de uso de determinadas palavras, como no caso da forma verbal *txa*. Essa renovação se dá por mudanças linguísticas naturais que ocorrem durante a evolução de uma língua (por meio de comunidade de fala, aspectos de tempo e espaço, entre outros), ou através de mudança ocasionadas por meio de contato linguístico, especialmente com o português.

Ao que tange o caso da forma verbal *txa*, especula-se que as formas de uso distintas desse verbo foram surgindo a partir da necessidade de *uso* dentro da comunidade de fala, no sentido de que o possível domínio fonte do referido verbo não abrangesse determinados contextos de usos discursivos, então, a partir dessa necessidade outros usos de *txa* foram surgindo, com outros sentidos semânticos e construções morfossintáticas, no entanto, com a mesma forma.

A partir da necessidade de contemplar os usos encontrados para *txa*, quatro tarefas, elencadas a seguir, foram estipuladas na tentativa de compreender fatores que teriam contribuído para a gramaticalização do verbo em questão. Estas tarefas foram adaptadas de acordo com as necessidades da presente pesquisa a partir de Casseb-Galvão e Lima-Hernandes (2007, p. 164):

1. identificar todas as ocorrências do objeto investigado no *corpus*, organizando-as e categorizando conforme as quatro formas distintas de uso do verbo *txa*, a saber: verbo principal (dicendi), pró-verbo, cópula e verbo auxiliar, agrupando-as simultaneamente por padrões funcionais de contexto de uso;

2. rastrear a etimologia e as acepções do termo registradas no dicionário da língua, obra lexicográfica realizada por Lima-Padovani (2020), assim obtendo qual significado aparece como entrada principal, para poder realizar uma comparação acerca dos domínios alvo;

3. postular uma escala sincrônica de usos a partir da abstratização de acepções;

4. apreender a dinâmica social de usos, a partir da análise dos dados e também vendo como são operadas dentro de sentenças, considerando também aspectos de outros âmbitos, fora os da linguística.

5. Neste ponto é retomado o aspecto funcional, pois remete-se à situação interativa, à cena de comunicação e, em consequência, os movimentos linguísticos da comunidade de fala. Conforme Casseb-Galvão e Lima-Hernandes (2007, p. 164), quando a mudança categorial é operada, um rearranjo paradigmático é desencadeado e, nesse momento, nota-se a expansão de uso do elemento gramaticalizado.

Dentro de uma realidade “ideal” para uma pesquisa no âmbito de mudança linguística, especificamente a gramaticalização, seria mais completa uma análise diacrônica, na qual seria possível verificar se o falar da comunidade de fala ora pesquisada sofreu mudanças que ainda estão em progresso ao longo de um período ou se é apenas um movimento geracional.

Entretanto, no contexto de pesquisas realizadas com línguas indígenas, a realidade é discrepante em relação a pesquisas realizadas com comunidades que falam línguas majoritárias (como português e espanhol, por exemplo), pois não temos acesso a dados mais antigos destes falantes, e no caso da gramaticalização de *txa* que é bastante específico, trata-se de um *corpus* ainda mais restrito, logo se torna uma tarefa impossível reunir dados antigos o suficiente para uma análise diacrônica que assistam à presente pesquisa.

Com base no estudo sincrônico no qual a pesquisa se pauta, os dados aqui compilados para análise correspondem a tempos atuais, referentes ao *status* recente de Apurinã. Esses dados serão apresentados com mais detalhes nas seções 4.2, 4.3 e 4.4, as quais correspondem a: coletas de dados *in loco*, dados retirados do banco de dados Apurinã (organizados por Facundes e equipe) e também de textos presentes em materiais didáticos da língua.

Outro aspecto que buscou-se nesta pesquisa foram formas cognatas à *txa* em Piro e Iñapari, línguas que correspondem ao subagrupamento API proposto por Facundes e Brandão (2007a, 2007b) que podem ser conferidos na seção 2.4 do capítulo 2. A análise desses dados consistiu na tentativa de verificar se haviam formas cognatas entre essas três línguas, com a finalidade de fomentar ainda mais as hipóteses relativas à gramaticalização de *txa*, no entanto, de antemão, frisa-se que não foram encontradas formas cognatas à *txa* em Piro e Iñapari. Em pesquisas futuras esta questão poderá ser revisitada e estudada com mais profundidade.

Após elencar essa introdução sobre os processos metodológicos, a seguir são mostradas as etapas realizadas para a feitura deste trabalho:

1. Levantamento bibliográfico sobre análise funcionalista, mudança linguística e gramaticalização, método comparativo com base na linguística histórica, bem como sobre os estudos realizados sobre línguas Aruák, especialmente Apurinã, Piro e Iñapari;
2. Elaboração e delimitação teórico-metodológica de acordo com as leituras de referência sobre o estudo de gramaticalização em verbos;
3. Análise preliminar com base no *corpus* (32 textos na língua Apurinã), para formação de hipóteses acerca da forma verbal *txa*;
4. Organização, sistematização, quantificação das ocorrências dos verbos nos dados;
5. Análise dos dados, com princípios sintático-semânticos, seguindo os passos para identificação de estágios de gramaticalização e esquemas de evento (cf. HEINE, 1991, 1997, 2001; HOPPER (1987));

A seguir, nas próximas subseções, serão mostrados mais detalhadamente os procedimentos da metodologia empregada neste trabalho.

#### **4.2 Corpus da pesquisa**

Nesta subseção pretende-se mostrar quais elementos fizeram parte do *corpus* utilizado para realizar a pesquisa. Os dados podem ser categorizados em quatro etiquetas: (i) elicitación de dados, que correspondem a entrevistas realizadas com Valdmiro Apurinã durante encontros realizados em Belém (PA) para coleta de dados; (ii) elicitación de dados durante a viagem de campo realizada em março de 2020, que será mais detalhada na subseção 4.4; (iii) dados retirados do material de conversação em Apurinã, denominado *Amu Asãkirewata Pupĩkary Sãkyre*, elaborado por Facundes e equipe de pesquisa, em que foram utilizados os textos de narrativas orais e também de conversação; (iv) textos coletados por Freitas (2017) durante suas viagens de campo, que fazem parte do banco de dados de Apurinã.

Em relação ao *corpus* referente à Piro e Iñapari, que correspondem a seção de cognatos, pode-se classificar em duas etiquetas: (i) referente aos dados de Piro, que foram delimitados a partir da necessidade de encontrar formas cognatas em exemplos retirados da tese de Hanson (2010) intitulada *A grammar of Yine (Piro)*. A tese de Hanson (2010) é um trabalho que apresenta detalhadamente aspectos da língua Yine (Piro), tanto em aspectos fonético-fonológicos, quanto em morfofonologia, estrutura gramatical, classes de palavras, morfossintaxe, etc.

Em relação à Iñapari, tem-se a etiqueta (ii) que corresponde ao trabalho de Parker (1995) intitulada *Datos de La Lengua Iñapari*, na qual o autor fornece algumas notas sobre a fonologia e ortografia da língua e, em seguida, apresenta um dicionário de Iñapari, com significados em espanhol. Infelizmente não existe um trabalho que detalhe a língua Iñapari com uma maior abrangência, sendo este dicionário uma das únicas formas de conhecer a língua em seus aspectos linguísticos.

No entanto, apesar de ter sido feita uma busca por formas cognatas à *txa* nessas duas línguas, não foi possível atestar cognatos que possam sustentar hipóteses sobre uma correlação entre Apurinã, Piro e Iñapari, logo, não pôde ser traçada nenhuma relação entre o que acontece relativo à Apurinã (e o processo de gramaticalização de *txa*) com Piro e Iñapari.

A próxima subseção tem a incumbência de abordar a forma que os dados foram selecionados e organizados.

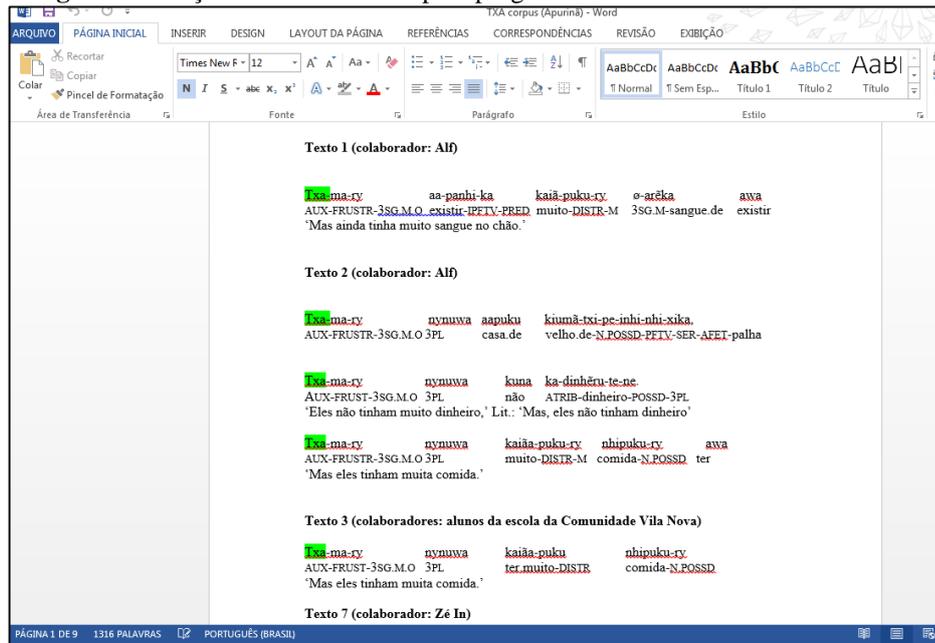
### **4.3 Seleção e organização dos dados**

Apurinã conta com um banco de dados amplo, coletado por Facundes e equipe ao longo de vários anos de pesquisa com essa língua. Estes dados podem ser acessados principalmente no *Fieldworks Language Explore (FLEx)* e entre este material constam dados de natureza textual, lexical, gramatical, etc. Por isso, a presente pesquisa contou, também, com este banco de dados e com outros dados coletados atualmente, que agora compõem o banco de dados principal de Apurinã.

Primeiramente, os dados destas etiquetas, supracitadas na subseção anterior, foram organizados e selecionados cautelosamente, compilando um total de 32 textos, entre os quais foram retiradas todas as ocorrências de *txa* em seus respectivos contextos, para então quantificar tais estas ocorrências e organizá-las conforme cada tipo de uso referente às formas verbais. Este primeiro momento serviu para identificar, especialmente, a configuração sintática em que estes verbos apareciam e quais ambientes propiciavam o seu uso.

Como citado, estes dados constam no FLEx, porém, para facilitar a manipulação destes textos de acordo com as especificidades desta pesquisa, foi utilizado o *Microsoft Word 2016*, para selecionar os contextos e poder utilizar ferramentas de quantificação em tabelas através do *Microsoft Excel 2016*, ambos programas básicos fornecidos pela *Windows*.

**Imagem 1 - Seleção de *txa* nos textos pelo programa Word**



Fonte: Batista (2021).

**Imagem 2 - Quantificação de *txa* no programa Excel**

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	
1	<b>Tipo de ocorrência Text.</b>						<b>Liq.</b>	<b>Quant.</b>	<b>OBS.</b>	<b>CLASS.</b>	<b>TOTAL DE OCORR.</b>
2	<b>AUX.</b>										34
3		1, 2, 3, 7,		1, 3, 1, 2	txa-ma-ry (início de frase)	aux-frustrativo-2SG.M.O					
4		3, 4, 5, 6, 1, 6, 2, 3, 9, 3, 1, 1, 2			i-txa (em posição não inicial de frase)	3S.M-AUX.					
5					a-txa						
6					i/u-txa-ne	3PLM/3PLF-aux-3PLF					
7					i-txa-ry-na	3pl.m-aux-3sg.m.o-3pl.m					
8					i-txa-ry	3sg.m-/aux-3sg.m.o					
9					nhi-txa/ru	1SG-AUX/-3SG.F.O					
10					u-txa	1SG.F-aux					
11					txa-nu	AUX-1SG.O					
12					i-txa-ma	3sg.m-aux-frust					
13	<b>CÔP.</b>										27
14		6, 12, 13		1, 1, 1	txa-wa (ff)	ser-REFL					
15				1, 2, 3, 4, 6, 1, 5, 3, 1, 1, 4, 9	i-txa (N.I)	3S.M-SER					
16					y-txa	3S.M-SER					
17					i-txa-wa / u-txa-wa (F.F)	3S.M/F. - SER-REFL					
18					nhi-txa/wa	1SG -ser-/REFL					
19					pi-txa/wa	2SG -ser-/REFL					
20					a-txa	1PLU-ser					
21					txa-nu	ser-1SG.O					
22	<b>DIZ.</b>										2
23		15		4	1 u-txa	3SG.F-dizer					
24					1 i-txa	3SG.M-dizer					
25	<b>PRO-VER.</b>										1
26				3	2 a-txa	1PL-fazer					

Fonte: Batista (2021).

Em relação a etiqueta (i), as sessões de coletas de dados elicitados com Valdmiro Apurinã ocorreram em Belém, quando este colaborador vinha à visita. Aproveitando esse momento eram feitas escalas que eram organizadas entre Facundes e equipe para que todos pudessem realizar entrevistas para coletar material.

Durante as primeiras sessões, realizadas durante abril de 2019, foram coletados dados mais experimentais, com a finalidade de identificar quais ambientes morfossintáticos propiciavam o uso de *txa*. Essa primeira coleta de dados foi mais exploratória, em busca de

contextos em que a forma verbal era usada produtivamente, contando com uma lista de exemplos limitados dos quatro usos de *txa* (verbo principal, cópula, pró-verbo e auxiliar). Em outras sessões de coleta de dados com Valdmiro Apurinã, durante maio de 2019, já foi possível trabalhar com a coleta de narrativas, que serão melhor detalhadas na próxima subseção.

Em relação à etiqueta (ii), foi realizada uma viagem de campo em março de 2020 para a aldeia indígena Terra Nova em Itixi Mitari, na qual permanecemos por volta de uma semana com Facundes equipe, todavia, como dito anteriormente, por motivos de risco em decorrência da pandemia, causada pela COVID-19, precisamos retornar urgentemente para Belém.

Por motivos documentais o *corpus* das etiquetas (i) e (ii) ainda estão sendo manipulados e organizados adequadamente no programa FLEX para que façam parte do banco de dados de Facundes e equipe.

A próxima subseção pretende mostrar as etapas da coleta de dados, tanto as que correspondem a etiqueta (i), com Valdmiro Apurinã, quanto ao referente à etiqueta (ii) durante a viagem de campo.

#### **4.4 Coleta de dados e viagem de campo**

Esta subseção detalhará o processo de coleta de dados para a presente pesquisa, para tanto, foi dividida em dois momentos: o primeiro relativo à coleta de dados elicitados com Valdmiro Apurinã, durante o tempo em que ele esteve em Belém; o segundo referente à viagem de campo realizada para uma aldeia indígena apurinã.

Como dito anteriormente, foram realizadas coletas de dados com um falante de Apurinã. Valdmiro Apurinã esteve em Belém em alguns momentos de 2019, e as coletas de material foram realizadas em dois momentos, o primeiro no mês de abril e outro no mês de maio.

O primeiro momento serviu para explorar quais as possibilidades contextuais em que surgiam o verbo *txa*, com a coleta de dados utilizando materiais comuns, como notebook, gravador de áudio, celular e cadernos. Para tanto, foram feitas algumas perguntas comuns na tentativa de fazer com que a forma verbal fosse utilizada, por exemplo, através de perguntas sobre “Como se faz a canoa?”, em que favorece o uso de *txa* ‘fazer’, como pró-verbo, o qual faz referência lexical de outros verbos e por isso costuma aparecer em textos procedurais na língua.

Estas perguntas exploratórias também ocorriam da seguinte forma: era perguntado ao falante como ele falava na língua uma determinada frase, como por exemplo “Como pergunta

na língua ‘como está o roçado?’, então surgiam respostas como *kiātukupa itxa kikiu?* ‘como está o roçado?’, em que *txa* ‘ser’ verbo cópula era usado.

A partir de então foi sendo possível perceber quais tipos de contextos propiciavam os contextos de uso de *txa* em suas quatro formas (verbo dicendi, pró-verbo, cópula e auxiliar), sendo que a forma de verbo auxiliar era a mais difícil, pois por não ter um significado lexical concreto, inicialmente foi dificultoso de entender quais eram os contextos de uso, apesar deste ter sido mais produtivo na língua, mas estas explicações serão melhor detalhadas no capítulo de análise da presente dissertação.

Durante as eliciações de maio foi possível coletar alguns textos, que são a fonte de material mais substancial para encontrar as quatro formas de uso do verbo *txa*. Entre esses textos, era comum que fosse apenas perguntada algo do dia-a-dia, como por exemplo: “como se prepara o roçado?”, “como é a aldeia na qual você mora?”, “como você e seu pai caçavam?”, entre outras. A partir de então, foram surgindo narrativas em que o verbo *txa* era usado.

Sobre a segunda parte de coleta de dados, realizada por meio da viagem de campo, como dito anteriormente, nossa equipe viajou para a aldeia Terra Nova (Imagem 1) em Itixi Mitari, situada no estado do Amazonas. Por ter sido o primeiro contato direto em uma aldeia indígena e também com os Apurinã, inicialmente foram realizadas apenas conversas para que fosse compreendida um pouco da realidade por eles vivenciada, a partir de então foi necessário realizar o mesmo processo exploratório em busca dos contextos favoráveis para que fosse realizado o verbo *txa* em contextos produtivos.

Algumas sessões de coletas de dados foram coletivas, nas quais eram requeridas algumas narrativas orais e, pela natureza deste trabalho, a busca era por ocorrências que surgissem de forma o mais natural possível das formas verbais. Contudo, foram escassas as vezes em que ocorreram, especialmente porque as temáticas destas narrativas não propiciavam o uso de *txa*, por isso, nas sessões individuais era mais comum a solicitação de narrativas procedurais ou que narrassem a vida na aldeia, ou algumas outras temáticas relacionadas a práticas comuns do cotidiano dos Apurinã naquele contexto.

Entretanto, esta viagem de campo não foi proveitosa suficientemente, devido ao início da pandemia do COVID-19. Inicialmente o planejado era a permanência de Facundes e equipe na aldeia por 19 dias, porém, devido às circunstâncias, passamos 05 dias, o que dificultou bastante a coleta de dados esperada de toda a equipe, considerando que eram apenas 03 falantes da língua que se encontravam disponíveis para as entrevistas, para serem entrevistados por seis membros da equipe para realizarem a coleta de dados em diferentes escalas de trabalho com os falantes.

**Imagem 2** - Aldeia indígena Apurinã, Terra Nova



Fonte: Acervo da autora (2020).

O processo de coleta dos dados serviu para que uma certa quantidade de textos em Apurinã fossem registrados. A busca por todos os contextos de uso da forma verbal foi dificultosa e nem todas surgiram no decorrer destas sessões, por isso foi necessário o uso dos dados referentes às etiquetas (iii) e (iv) mencionadas na subseção 5.3.

Inicialmente estavam previstas pelo menos duas ou três viagens ao campo que durassem em média 15 a 20 dias em aldeias apurinã de regiões diferentes, o que corroboraria para uma análise mais ampla, contudo, apesar de tais contratemplos, temos aqui resultados significativos através do uso dos dados já coletados, que foram possíveis de serem utilizados para as análises, como o banco de dados Apurinã, materiais didáticos de Apurinã, além de outras coletas de dados.

Para que as sessões de entrevistas fossem realizadas, foram necessários alguns recursos, como gravadores de áudio, celular com gravadores e que também foi usado para fotografar. Após utilizar tais instrumentos para coletar os dados os mesmos eram armazenados em computadores, para onde eram passados os registros e que também serviram para registrar as anotações sobre a pesquisa.

Neste trabalho de construção do *corpus* da presente pesquisa a principal dificuldade surgiu devido à pandemia da COVID-19, pois eram planejadas no mínimo duas viagens à campo e talvez até mesmo uma terceira. Porém, conseguimos viajar apenas uma vez e passamos um tempo ainda menor do que o esperado, em consequência da pandemia que oferecia risco tanto aos indígenas quanto aos pesquisadores.

Infelizmente, até o momento atual, já em 2021, a pandemia segue oferecendo risco por ainda não estar controlada. Mediante tal contexto, qualquer tipo de contato com algum apurinã

segue suspensa com o intuito de resguardar esse povo. O perigo principal está atrelado ao fato de que os apurinã são uma comunidade minoritária que corre risco de extinção, portanto, todas as atividades linguísticas com este povo foram suspensas, sendo que o único contato dos apurinã com não-indígenas, neste momento, está restrito aos agentes de saúde.

Outras viagens de campo seriam realizadas, como dito anteriormente, na qual passaríamos períodos de pelo menos 15 dias coletando dados em outras aldeias geograficamente espalhadas (que seriam definidas por Facundes, conforme as necessidades da pesquisa). A tentativa era de poder investigar a possibilidade de haverem outras variações do uso de *txa*, em outros contextos e configurações morfossintáticas, ou até mesmo variações de ordem sociolinguística, visando o cunho analítico da presente pesquisa, baseados principalmente na sintaxe, semântica e gramaticalização a partir de um ponto de vista sincrônico.

Portanto, estes motivos culminaram em um banco de dados mais restrito do que o planejado, o que afetou principalmente a parte de observar variações de cunho sociolinguístico ou de outras naturezas, como já foi explicado. Apesar disso, foi possível trabalhar adequadamente com o *corpus* reunido para esta pesquisa, ainda que esses dados tenham sido reduzidos em relação ao planejamento original, todavia, a pesquisa teve andamento de forma significativa.

A próxima seção irá mostrar qual o perfil dos colaboradores da pesquisa, os falantes de Apurinã que contribuíram para a coleta de dados.

#### **4.4 Perfil dos colaboradores**

Para realizar a coleta de dados produtivamente, o requisito principal para a seleção dos colaboradores era de que fossem falantes nativos de Apurinã. O propósito da coleta de dados tem a ver com a compilação de um material que possa atender as especificidades da presente pesquisa, que neste caso busca pelas quatro formas distintas de uso do verbo *txa* (verbo principal, pró-verbo, cópula e auxiliar), que são dados que contribuem para documentação e registro da língua em estudo.

Posto isso, foi possível realizar as sessões de coletas de dados com três colaboradores que vivem na aldeia indígena Terra Nova, a saber: Osvaldo Apurinã, Erivaldo Apurinã e Letícia Apurinã. O primeiro é o indígena mais velho que vive na aldeia, com idade entre 75-80 anos e os outros dois são mais jovens, na faixa etária entre 27 e 36 anos.

A dinâmica funcionou através da coleta de narrativas orais, que partem de tradições costumeiras dos apurinã. As perguntas eram feitas de forma simples, como por exemplo: como se faz o roçado, como se faz o rapé (cf. seção 2.3), como é a vida na aldeia, sobre alguns “causos” cotidianos, viagens para outras aldeias, algumas histórias do passado e também parte da cosmologia, especialmente sobre *Tsurá*<sup>21</sup>. Além destas narrativas, também foram solicitados que alguns textos e frases fossem traduzidos para a língua, na tentativa de obter alguns contextos de *txa*, no entanto foi uma tarefa um tanto árdua, que mais adiante, na seção de análise será discutida a produtividade destas formas verbais.

O próximo capítulo se ocupa com os referenciais teóricos utilizados para embasar a realização da presente pesquisa.

---

<sup>21</sup> *Tsurá* é conhecido pelos Apurinã como parte da cosmologia destes indígenas, uma divindade.

---

## 5 REFERENCIAL TEÓRICO

---

Neste capítulo serão apresentados os principais quadros teóricos que regem esta pesquisa, bem como auxiliaram na metodologia. Para tanto, a intenção é apresentar as principais teorias na qual este trabalho se circunscreve, tal como a Gramaticalização, enfoque central das análises aqui realizadas, e juntamente a esta teoria outros estudos também se fizeram presentes, como o Funcionalismo e a Mudança linguística, que auxiliaram no entendimento do fenômeno aqui investigado.

Primeiramente, o Funcionalismo, à luz de autores como Castilho (2012), Givón (1995), Nichols (1984) e Dik (1981; 1989), se faz presente para que se possa entender a linha seguida para a realização das análises, alinhadas a perspectiva morfossintática e também semântica.

Em seguida, a segunda seção se concentra em apresentar a Mudança linguística, com base em Bagno e Casseb-Galvão (2017), Bagno (2015), Heine *et al.*, (1991) e Bybee (2015), com a finalidade de compreender como a língua muda de acordo com o tempo e espaço, bem como compreender em que local a gramaticalização se encaixa nesse processo.

Por fim, a última seção dará ênfase aos aspectos teóricos da Gramaticalização, apresentados de forma geral em seus aspectos teóricos a partir da perspectiva de estudos realizados por autores como Meillet (1912), Heine *et al.* (1991, 1997), Heine e Kuteva (2004), Hopper e Traugott (1993) e, Hopper e Bybee (2001). A pretensão é situar os princípios que explicam como esse processo funciona em línguas naturais, sobretudo a gramaticalização em verbos, foco da presente pesquisa.

### 5.1 Funcionalismo

A primeira teoria que situa o presente trabalho é o Funcionalismo, que para Castilho (2012), contextualiza a língua na situação social em que se dá a interação verbal, cujas representações estruturais são estudadas. Para captar a “situação social”, diferentes metodologias são propostas. Então, esta *estratégia* de abordagem de fenômenos linguísticos tem em comum eleger ora o discurso, ora a semântica como componentes centrais de uma língua, refletindo continuamente como a língua funciona nesses ambientes.

Para este mesmo autor, o termo “função” encerra por si três questões:

- (i) O uso das línguas para um determinado propósito;
- (ii) As relações estruturais entre os signos;

(iii) Os papéis assumidos pelos constituintes em uma sentença.

A priori enxergamos o Funcionalismo em oposição a visão *formal* da língua. Por isso, Dik (1989) admite que para esta teoria funcional a língua é um instrumento de interação social, cuja competência comunicativa é o correlato psicológico, em outras palavras, é a capacidade de manter a interação por meio da linguagem, assim, o discurso é um marco globalizador, dentro do qual se deve estudar a semântica e a sintaxe.

Conforme o que foi dito nos parágrafos anteriores, esse caráter discursivo é o que permite os estudos funcionalistas a adentrarem em aspectos mais profundos da estrutura de uma língua, como a sintaxe e a semântica, uma vez que o Funcionalismo entende que o sistema é instável.

Então, pensando sobre esses aspectos, é possível vincular esta interface do Funcionalismo, a qual pressupõe o uso da língua dentro do meio discursivo, com o processo no qual qualquer língua natural sofre com o passar dos tempos, ocasionando uma mudança linguística e mais profundamente, outros fenômenos que podem estar imbricados nesse processo.

Como o enfoque do trabalho se dá no fenômeno de Gramaticalização, aqui busca-se intercalar a relação entre o Funcionalismo e a Gramaticalização, desse modo quando admite-se que os estudos funcionalistas buscam verificar como se estabelece a comunicação de uma determinada língua, implica dizer que, no caso de Apurinã, a busca dos contextos selecionados para que fosse observado como o verbo *txa* é usado na língua, foram feitos com base no discurso natural dos falantes.

O capítulo de metodologia explicou que entre os dados da pesquisa, a maioria corresponde a narrativas orais e também a conversas cotidianas, bem como durante a pesquisa de campo também foi possível de observar os contextos discursivos no qual surgiam os contextos em que o verbo escopo da pesquisa era usado.

Isto implica diretamente na base analítica na qual se seguiu a pesquisa, que teve o Funcionalismo como base, então, para entender a estrutura, sintaticamente e semanticamente falando, é necessário primeiro observar como se dá o discurso entre os falantes de Apurinã, para isso o Funcionalismo serve como a principal base teórica, pois é a partir dessa abordagem que é possível compreender essa dinâmica e funcionalidade que ocorre entre estrutura e função, forma e significado.

Contudo, para avançar sobre o entendimento do Funcionalismo, é importante entender como ele se diferencia da perspectiva formalista, para tanto, Dik (1978: 4, *apud* CASTILHO

2012), apresenta um quadro que sintetiza as principais diferenças entre os dois paradigmas (formal e funcional):

**Quadro 9** - Formalismo e Funcionalismo segundo Dik (1979)

PARADIGMA FORMAL	PARADIGMA FUNCIONAL
A língua é um <b>conjunto de sentenças</b> .	A língua é um <b>instrumento de interação social</b> .
A função primária da língua é a <b>expressão dos pensamentos</b> .	A função primária da língua é a <b>comunicação</b> .
O correlato psicológico da língua é a <b>competência</b> : a capacidade de produzir, interpretar e julgar sentenças.	O correlato psicológico da língua é a <b>competência comunicativa</b> : a habilidade de conduzir a interação social por meio da língua.
O estudo da competência tem uma prioridade <b>lógica e metodológica</b> sobre o estudo do desempenho.	O estudo do sistema linguístico deve ter lugar no <b>interior do sistema de usos linguísticos</b> .
As sentenças de uma língua devem ser descritas <b>independentemente do contexto</b> em que ocorrem.	A descrição dos elementos linguísticos de uso de uma língua deve proporcionar pontos de <b>contato com o contexto</b> em que ocorreram.
A aquisição da língua é <b>inata</b> . Os <i>inputs</i> são <b>restritos e não estruturados</b> . A teoria do estímulo é pobre.	A criança descobre o sistema que subjaz à língua e ao uso linguístico, ajudada por <i>inputs</i> de dados linguísticos extensos e <b>altamente estruturados</b> , presentes em <b>contextos naturais</b> .
Os universais linguísticos são propriedades <b>inatas do organismo biológico e psicológico</b> dos homens.	Os universais linguísticos são especificações <b>inerentes às finalidades da comunicação</b> , à constituição dos usuários da língua e aos contextos em que a língua é usada.
A Sintaxe é <b>autônoma</b> em relação à Semântica. A Sintaxe e a Semântica são autônomas em relação à Pragmática, as prioridades vão da Sintaxe à Pragmática via Semântica.	A Pragmática é a <b>moldura</b> dentro da qual a Semântica e a Sintaxe devem ser estudadas. A Semântica é <b>dependente</b> da Pragmática, e as prioridades vão da Pragmática para a Sintaxe via Semântica.

Fonte: Castilho (2012. *Grifo meu.*)

O Quadro 9 apresenta as principais distinções os paradigmas formais e funcionais, onde é possível observar melhor como o Funcionalismo atua, especialmente ao que tange à forma de como a Linguística passa a enxergar as línguas naturais em relação ao âmbito social, por meio do qual mostra a forma que a língua é usada em uma determinada interação verbal, a qual considera os aspectos discursivos, como os contextos de uso, finalidade e competência

comunicativa, uso dos elementos linguísticos para atingir a comunicação, a partir do uso de componentes da língua que fazem parte de sua estrutura interna.

Logo, compreende-se que o Funcionalismo é uma abordagem que coincide com as postulações de que a língua tem funções cognitivas e sociais que desempenham um papel central na determinação das estruturas e dos sistemas que organizam a gramática de uma língua, concentrada no seu uso em um determinado contexto.

A partir desse ponto, se pode conceber a Gramaticalização como um processo que, também, abrange a atitude linguística de um falante, cujo processo de uso da língua advém da criatividade<sup>22</sup> para tornar um item lexical em gramatical, dentro de um contexto que seja capaz de ambientar e sustentar tal mudança linguística.

Castilho (2012) afirma que as estruturas lexicais de uma língua não são fechadas, pois representam as continuadas gramaticalizações das necessidades sociais de expressão e de intercomunicação, e estas gramaticalizações fazem com que tais estruturas percam cada vez mais suas substâncias semânticas e deixem de ser mais lexicais gradativamente, ocasionando em estruturas mais gramaticais.

Tais ocorrências podem ser observadas no capítulo de análise do presente trabalho que tem a intenção de mostrar como tais mecanismos funcionam na língua Apurinã, principalmente os que estão relacionados ao uso do *txa*, forma verbal que vem sendo utilizada em diferentes ambientes morfossintáticos e semânticos de acordo com a necessidade de uso em determinados contextos sociocomunicativo. Nesse sentido, é importante verificar tais ocorrências com a intenção de seguir os pressupostos funcionalistas, especialmente ao se que refere ao esclarecimento entre a forma e a função, especificamente nas funções que parecem exercer influência na estrutura gramatical (cf. CASTILHO, 2012, p. 21).

Desta forma, entende-se que a análise da estrutura gramatical, feita com base no método funcional, se propõe a analisar a língua, a priori, através do discurso e seu viés pragmático, para então perpassar pelo âmbito semântico, com o objetivo de entender o sentido dos itens, para poder então, finalmente entrar na estrutura interna da língua por meio da sintaxe.

No presente trabalho, esse aspecto discursivo é considerado para entender os contextos de uso da forma verbal *txa*, no entanto, não serão feitas acepções tão profundas acerca do viés pragmático, pois para entender o processo de gramaticalização que opera o verbo em questão, é necessário compreender os quatro contextos de uso, para então imergir na estrutura e forma,

---

<sup>22</sup> Entende-se aqui por *criatividade* como o processo no qual um falante se apropria de sua autonomia discursiva para utilizar um item linguístico em um determinado contexto, no qual este acaba por ganhar ou perder substância semântica.

a fim de compreender tais contextos e como operam na língua ocasionando essa mudança que é vista a partir do viés sincrônico.

Nichols (1984) admite que o Funcionalismo inclui os elementos da situação comunicativa, pois é neste processo que se constitui a estrutura e função, forma e significado. Para esta autora existem três tipos de gradações do funcionalismo:

- (i) conservador: não se propõe a fazer uma análise da língua, todavia, considera inadequado o exame formalista e estruturalista;
- (ii) moderado: também considera o formalismo e o estruturalismo inadequado, mas, frente a isso, desenvolve uma proposta de análise com base funcionalista;
- (iii) extremado: considera não haver restrições sintáticas para a formação de enunciados, uma vez que as regras se baseariam nas funções de cada contexto e não nas suas estruturas.

A partir destas três gradações propostas por Nichols (1984), a que mais parece se encaixar nesta pesquisa é a segunda, correspondente ao funcionalismo moderado, em que se considera o formalismo e estruturalismo inadequados para compreender o fenômeno de gramaticalização da forma verbal *txa*, mas que se torna possível a partir de uma análise funcionalista, pois como dito anteriormente, o foco está em compreender como a forma e uso atuam em relação à este processo de mudança linguística.

Mais à frente, Givón (1995) diz que nem língua nem gramática podem ser entendidas sem referência à comunicação, à interação social, à cultura, à mudança, à variação; neste ponto conclui-se que a dinamicidade da língua existe na medida em que se percebe que os espaços são preenchidos a depender do uso feito pelos falantes, consolidando a língua como instrumento sócio-interativo-comunicativo.

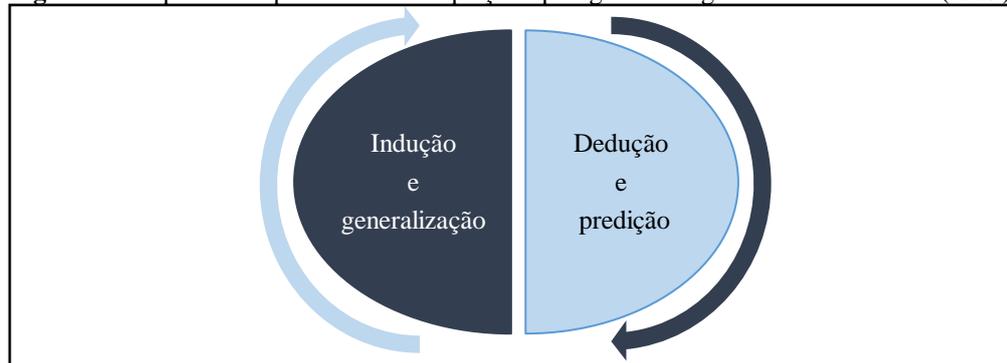
Outro ponto de vista pertinente que se encaixa no roteiro da presente pesquisa é o postulado de Dik (1981), que não defende a sintaxe como autônoma em relação ao uso da língua, mas sim que ela se interliga a todos os outros meios que existem de estruturação, todavia, motivados a serem executados por via pragmática. Então, não cabe estruturar a teoria sobre a gramática a partir da exposição e regras, mas sim em tentar explicar tais regras tanto como consequência das funções assumidas quanto do uso (DIK, 1981).

Para Dik (1989), a gramática funcional se concretiza através de várias capacidades que atuam em concomitância, tanto em relação a fatores linguísticos, quanto extralinguísticos, tais como:

- (a) produção, manutenção e exploração de uma base de conhecimentos que dependem da necessidade de uso;
- (b) dedução, lógica e probabilística de outros conhecimentos anteriormente obtidos;
- (c) derivação de conhecimentos a partir do ambiente no qual está inserido, que poderá ser utilizado tanto para construção quanto para interpretação de expressões linguísticas;
- (d) compreensão de como e o que dizer a um destinatário em uma determinada situação comunicativa, com uma intenção comunicativa.

Para este autor a adequação tipológica pressupõe um ciclo em que se imbricariam dois movimentos, conforme mostra a Figura 7:

**Figura 7** - Esquema em pirâmide da adequação tipológica da língua com base em Dik (1989)



Fonte: Elaborado pela autora (2018)

A Figura 7 ressalta como funcionariam os dois movimentos, o primeiro, da esquerda para a direita (indução e generalização), implica que o elemento parte do sentido mais concreto para o mais abstrato; o outro movimento, da direita para a esquerda (dedução e predição), conota que o elemento mais abstrato, pois parte para o mais concreto.

Novamente podemos lembrar da Gramaticalização, especialmente em relação ao primeiro movimento proposto por Dik (1989), pois tal fenômeno infere que um item lexical, cujo domínio possui sentido mais concreto, se torne gradativamente um item gramatical, acessório, ao qual podemos atribuir o sentido mais abstrato, processo esse que faz parte da mudança linguística de uma determinada língua.

Por isso, infere-se que Dik (1989) acredita que a gramática deve ser vista pelo viés funcional, observada pelo seu aspecto estrutural como um mecanismo que possibilita seu uso em um meio pragmático, por meio de um contexto, por isso, tal concepção de *gramática funcional* (cf. DIK, 1989), não objetiva descrever ou prescrever regras em torno de como se usa ou de como se deve usar a língua, mas sim, intenta descrever e explicar o funcionamento daquilo

que é efetivo no uso de uma língua, o que funciona dentro do sistema linguístico, por meio de expressões e elementos linguísticos e pragmáticos.

Outra acepção relevante que se encaixa no roteiro da presente pesquisa é a ideia de gramática emergente, proposta por Hopper (1987), que defende a ideia de que a gramática de uma língua não é um “produto finalizado”, as estruturas não podem ser estipuladas de modo definitivo, tampouco devem ser fixas. Hopper (1987) frisa que a língua se molda de acordo com o discurso, portanto o que existe é uma *gramaticalização* constante, o que é observável em diversas línguas naturais, incluindo Apurinã.

Portanto, a partir destas explanações acerca dos pressupostos postulados por tais autores supracitados, é possível inferir que o Funcionalismo se torna o meio mais eficaz de propor a análise que sustenta a hipótese de gramaticalização do verbo *txa* da língua Apurinã, bem como fornece os meios mais adequados para que sejam feitas as considerações sobre o uso de tal forma verbal na língua em seus ambientes, tanto discursivos quanto funcionais (em termos de estrutura, função e uso).

Após tais discussões a respeito do Funcionalismo é possível progredir para outro âmbito que constitui este trabalho, para tanto, a próxima seção irá apresentar um panorama geral sobre Mudança linguística.

## 5.2 Mudança Linguística

Após compreender a base funcionalista que norteia a presente pesquisa é pertinente fundamentar a Mudança linguística, que se estabelece aqui tanto ao lado da visão funcional quanto da Sociolinguística Variacionista, em que são consideradas a heterogeneidade e instabilidade sistêmicas da língua. Bagno, Casseb-Galvão e Rezende (2017) chamam atenção para vertentes mais recentes, como a *linguística funcional centrada no uso* (LFCU), na qual existe forte preocupação em compreender e descrever as alterações formais e funcionais das entidades linguísticas.

A partir dessa preocupação os linguistas ampliam a forma de analisar a língua, conforme tais autores supracitados, que atrelam essa possibilidade ao sociofuncionalismo, uma base linguística que contempla análises de fatores internos e externos à constituição sistêmica da língua.

Quando se fala de fatores internos, a relação que ocorre é puramente voltada para aspectos de estrutura da língua, tais como a fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e outros, mas quando se tratam de fatores externos, consideram-se elementos que são “de fora” do

sistema interno, que sejam mais voltados ao falante, como condição socioeconômica daquele indivíduo, faixa etária, gênero/sexo, escolaridade e outros. Fatores de ordem cognitiva também são considerados, principalmente os relativos à capacidade analógica, metafórica e metonímica dos usuários das línguas.

A partir dessas acepções, Bagno, Casseb-Galvão e Rezende (2017) tratam a mudança linguística como um processo cognitivo e social, por isso, os autores chamam atenção para a natureza do que motivaria a mudança linguística de uma língua. Bybee (2015) em seus estudos também fala sobre a mudança linguística estar relacionada a fatores socioculturais, resultados de experiências interativas dos indivíduos em comunidade, já os fatores sociocognitivos decorrem do processamento cerebral das representações linguísticas, pressupondo as conceitualizações individuais e compartilhadas em coletividade. Estes dois fatores podem ser entendidos da seguinte forma:

- (i) Fatores socioculturais: envolvem a densidade populacional, a distribuição dos papéis sociais atribuídos às mulheres e aos homens, o grau de contato e interação com outras comunidades de fala etc, são dependentes da vida das comunidades. Também são relevantes a este fator aspectos como sua matriz econômica e produtiva, hierarquia social, seu sistema político, instituições, sistema de ensino, grau de desenvolvimento tecnológico, maior ou menor integração às redes de comunicação, intercâmbios culturais, tecnológicos e comerciais nos níveis local, nacional e global, a composição étnica e etária dessa comunidade, suas relações ecológicas com o território que habita etc.
- (ii) Fatores sociocognitivos: decorrem de determinadas características dos seres humanos, de recursos intelectuais e potencialidades cognitivas. Segundo Bertoque e Casseb-Galvão (2015, p. 121), “o sistema biofísico humano processa as relações cognitivas elaboradas a partir do modo como o interactante percebe o mundo”.

Estas acepções confirmam mais ainda que o ser humano, para usar uma língua necessita de elementos que o reafirmem como um ser social, para que a língua possa se desenvolver. Para tanto, um indivíduo precisa estar em comunidade, para que então um código seja usado, desse modo entra em vigor o signo linguístico.

À vista disso, segundo Bagno, Casseb-Galvão e Rezende (2017) entende-se que a mudança linguística é um fenômeno inerente à língua, passível de ser estudado cientificamente e resultante das multifacetadas da formação humana, incontornavelmente social. Nesse sentido tal

fenômeno se constitui por qualquer alteração na forma ou na função dos elementos da língua, visível em determinada comunidade de falantes.

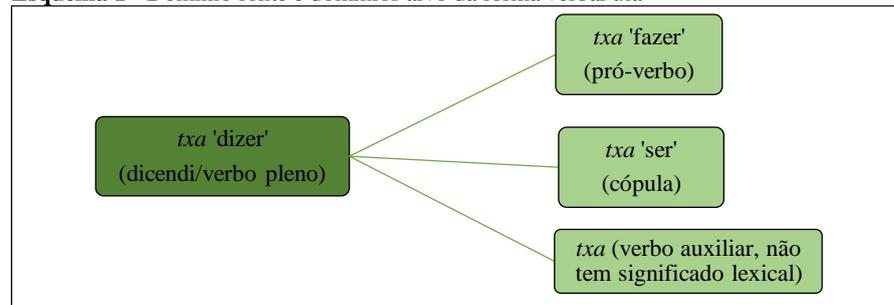
Tais fatores correspondem a uma das maiores características das línguas naturais, o fato de não serem estáticas, mas sim dinâmicas, o que denota a existência de uma constante mudança. Essa dinamicidade é ligada diretamente à comunidade de fala, a um coletivo de pessoas que muda, revitaliza, desusa e inova aspectos internos de uma determinada língua, conscientemente ou não.

Por isso, Bagno, Casseb-Galvão e Rezende (2017) asseveram que a mudança linguística pode significar para determinada geração de falantes a morte da língua de sua língua que ela conhece e que não há uma consciência coletiva de que a língua está em constante renovação, ou até mesmo é plausível considerar que a língua esteja a todo o momento morrendo e nascendo. Para Heine *et al.* (1991) essa renovação não é abrupta nem aleatória: o próprio comportamento humano altera as configurações linguísticas a serviço de necessidades interativas.

Em face disso, a correlação desta acepção com o presente trabalho é justamente tornar possível verificar como a mudança linguística se deu em um aspecto da língua Apurinã, neste caso, relativo ao processo de gramaticalização que ocorre com a forma verbal *txa*, sendo que tal fenômeno caminha juntamente à mudança linguística.

No caso de Apurinã, como dito anteriormente, o escopo da pesquisa se dá de forma sincrônica, mas ainda assim é possível observar fatores tanto externos quanto internos da língua que influenciam diretamente em mudanças linguísticas, como no caso de *txa*, verbo que apresenta quatro usos distintos, a saber: dicendi, pró-verbo, cópula e auxiliar. A partir disso, a correlação entre Apurinã e os falantes de Apurinã têm relação direta com a forma em que a língua mudou ao longo do tempo, bem como fatores externos, como o contato linguístico com o português, que muito serviu para que a língua tivesse passado (e continuasse passando) por mudanças.

A hipótese formulada neste trabalho é de que o domínio fonte da forma verbal *txa*, correspondente ao verbo como dicendi ‘dizer’, teria originado outros domínios alvo, neste caso as formas do verbo que são usadas como pró-verbo, cópula e verbo auxiliar. Isso implica dizer, que este domínio fonte possui mais substância semântica e com o passar do tempo, a comunidade de fala passou a *mudar* a forma desse uso central, o que ocasionou um desbotamento e perda de substância semântica, formando assim outros contextos de uso para uma mesma forma, e que pode ser representada da seguinte forma:

**Esquema 1 - Domínio fonte e domínios alvo da forma verbal *txa***

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Aqui, por se tratar de um capítulo mais teórico, não serão dados detalhes acerca de como a mudança linguística opera no processo de gramaticalização da forma verbal *txa*, então o Esquema 1 apenas serve para ilustrar os domínios em que se pautam os usos de tal verbo.

Então, retomando os pressupostos teóricos sobre a mudança linguística, é pertinente afirmar que a língua, a partir do momento em que reconhecemos seu caráter heterogêneo, multifacetado, dinâmico e fluído por meio de um sistema linguístico, nos permite inferir as várias formas que um falante constrói enunciados, baseando-se em suas vivências, contato (cultural e linguístico), capacidades cognitivas de apreender e em poder usar uma língua. Isso reflete diretamente na formação social do indivíduo e o modo como este conceitua os eventos do mundo, como organizam representações e as compartilham no processo interacional.

A visão de que as línguas mudam conforme o tempo é uma constatação objetiva por meio dos registros e documentações históricas, afinal, são perceptíveis as formas como os falantes se apropriam dos recursos de uma língua que possibilitam mudanças a cada geração<sup>23</sup>, interdependentemente das escolhas linguísticas e do ambiente que propicia a mudança.

Bagno, Casseb-Galvão e Rezende (2017) chamam atenção para o fato de que geralmente é difícil a aceitação da mudança linguística. Tratando-se de línguas majoritárias, como o português, por exemplo, com base no senso comum, a gramática normativa ganha espaço e aceitação, afinal confere o uso “certo e apropriado” da língua, entretanto, a realidade linguística é outra.

Bagno (2017, p. 332) atenta para o fato de que o usuário comum “não tem uma visão em perspectiva nem prospectiva, de longo prazo, da história de sua língua”; ou seja, um falante, geralmente, tende a desconhecer as experiências de contato entre diferentes povos que identificam diferentes estágios de desenvolvimento desse sistema linguístico, que muito se afasta da proto-língua ou língua de colonização, constatação que se relaciona com o que foi dito

<sup>23</sup> Neste trabalho entende-se como geração a mudança do tempo em uma perspectiva que considera a passagem de décadas, séculos, eras e milênios. Até mesmo a mudança de uma geração dentro de uma família ou comunidade linguística, levando em consideração a inovação de hábitos, cultura, tanto em perdas quanto em ganhos.

anteriormente a respeito da consciência dos falantes em relação as mudanças da língua que falam, e isso também se atrela ao fato de que a língua está o tempo inteiro se renovando.

Por isso, depreende-se que o falante é o responsável pela mudança linguística a partir do momento em que modifica o meio social em que vive e, também, conforme os contatos que estabelece.

Em línguas indígenas existe sempre um contato linguístico que opera diretamente nesse processo de mudança linguística (e social, abrangendo cultura, tradição e identidade). No caso de Apurinã, a língua de contato é o português brasileiro e à vista disso, é notável em registros da língua observar as modificações tanto comportamentais quanto linguísticas desse povo.

Basta comparar trabalhos realizados em diferentes épocas sobre Apurinã onde é possível verificar que sempre existe uma inovação, renovação ou mudança na língua bem como na identidade linguística dessa comunidade, como se pode ver no capítulo 2 deste trabalho, em que foram apresentadas algumas informações sobre o povo e também como eles sofreram mudanças ao longo dos anos até chegar ao momento em que temos conhecimento hoje.

Tal constatação de que a língua Apurinã sofreu mudanças possibilitou a realização da presente pesquisa, o que se comprova pelo fato de que Facundes (2000) em seu trabalho realizado a partir de coleta de dados durante os anos 90, atestou a forma verbal *txa* como um verbo auxiliar e no decorrer de novas pesquisas foi possível detectar que existem outras formas de uso para esse verbo.

Este movimento revela um *continuum* que persiste, não só em Apurinã, como em outras línguas naturais. E também, futuramente é possível que haja uma forma ainda mais gramaticalizada de *txa* que necessite de uma nova descrição e análise.

Também temos como exemplo clássico que opera diretamente na mudança linguística a inserção da chamada “Globalização” e a “Era digital” que são tidos como marcos para a mudança da língua, seja por neologismos, estrangeirismos e gramaticalização, ou seja, sempre irão existir fatores linguísticos e extralinguísticos que influenciam diretamente sobre o uso de uma determinada língua, demarcados pelo tempo, espaço e comunidade de fala.

Por isso, Braga e Paiva (2015 *apud* BAGNO e CASSEB-GALVÃO, 2017, p. 14) se baseiam na compreensão de que a mudança linguística segue uma orientação panacrônica, em que “os resultados empíricos dos estudos históricos podem lançar luz sobre a variação sincrônica, explicando distribuições aparentemente arbitrárias, e testar hipóteses relacionadas à direção dos processos de gramaticalização” (BRAGA e PAIVA, 2015, p. 143).

Bybee (2015) reconhece processos envolvidos nos mecanismos de mudança linguística que são envolvidos com a gramaticalização, tais como amalgamação e redução fonética;

especialização ou perda de contraste paradigmático; expansão de categoria; descategorização; fixação de posição; desbotamento ou generalização; mudança semântica por acréscimo de significação a partir do contexto, metáfora, etc.

Bagno (2017) reconhece como três principais fatores cognitivos da mudança linguística: (i) economia linguística (ii) gramaticalização (iii) analogia. Bybee (2015) divide sua abordagem da mudança linguística em: (i) mudança sonora (ii) mudança analógica (iii) gramaticalização (iv) mudança sintática, desenvolvimento e mudança de construções (v) mudança lexical.

Aqui neste trabalho, vamos abordar a mudança linguística relacionada a processos de gramaticalização, que considera a mudança de formas lexicais para uma forma mais gramatical. Este conceito será melhor apresentado na próxima subseção, a qual se trata exclusivamente da Gramaticalização.

De antemão, é possível destacar que Traugott e Trousdale (2013) consideram qualquer pareamento de forma e de significado como uma construção, e definem a língua como um conjunto, uma rede de construções, isso funciona como se fosse uma cadeia na qual a língua se insere dentro de uma determinada comunidade de fala.

Por isso, esses autores reúnem os processos de mudança linguística sob a perspectiva da mudança construcional (qualquer alteração na forma ou no significado) e da construcionalização (alteração conjunta na forma e no significado) e tratam dos “mecanismos” de mudança linguística, em detrimento das “motivações” dessas mudanças, que são foco, por exemplo, da abordagem da gramaticalização.

A relação entre a mudança linguística e gramaticalização é bastante próxima, como dito anteriormente, e aqui nesta pesquisa o enfoque vai ser nessas acepções correlatas que estão imbricadas entre as duas teorias, especialmente a perspectiva construcional, pois o uso da forma verbal *txa* da língua Apurinã ocorre em uma alteração relativa a significado, mas não na forma, que permanece sendo a mesma.

A partir disso, percebemos que o caráter dos estudos linguísticos acerca da mudança linguística é intrínseco no saber *como* tais mudanças ocorrem e sob que circunstâncias, por isso, atrelamos o fator funcionalista, afinal, o objetivo em voga é a descrição do que ocorre na língua de forma factual e não imagética, como em postulados de gramáticas normativas.

Portanto, após esta apresentação acerca da Mudança linguística, com a finalidade especificar mais o enfoque teórico deste trabalho a próxima seção irá abordar a Gramaticalização.

### 5.3 Gramaticalização

Após situar as teorias do Funcionalismo e da Mudança linguística é possível adentrar na principal teoria que faz parte do quadro teórico da pesquisa. A Gramaticalização dialoga tanto com o Funcionalismo quanto com a Mudança linguística, por isso foi fundamental primeiramente tratar essas duas primeiras teorias para então abordar a Gramaticalização, que consiste no foco principal deste trabalho.

A Gramaticalização, tratada aqui, pauta-se principalmente nos postulados propostos por Meillet ([1912], 1965), Heine (1991 e 2004), Hopper (1987), Hopper & Bybee (1987 e 2001) e Hopper & Traugott (2003).

Para Meillet, quem propôs o termo *gramaticalização* em 1912, este processo deveria ser entendido como a atribuição gramatical a uma palavra anteriormente autônoma. Ou seja, para este autor, fundamentalmente seria a passagem de um item lexical para um gramatical, cujo resultado seria um *continuum* de esvaziamento de sentidos e conseqüentemente de enfraquecimento das formas linguísticas.

A partir desta acepção, surgiram outros modelos de análise relativos à gramaticalização. Os modelos que entendem esse processo como resultado de questões diacrônicas, contemplam a gramaticalização como um processo de mudança linguística gradual que mostra um *continuum* das estruturas em processo de evolução, como estas estruturas se desenvolvem do seu estágio inicial para os demais estágios funcionais em espaço e tempo, seja pela coexistência de duas ou mais destas estruturas ou até mesmo a substituição de uma por outra.

Para os modelos que entendem a gramaticalização dentro de uma concepção sincrônica, leva-se em consideração os atos mentais dos falantes, na transposição de suas escolhas re-categorizadas em contextos de uso efetivo da língua. E é nesta concepção que o presente trabalho se pauta, a partir de um ponto de vista sincrônico, o qual observa a língua em um momento específico e, para verificar tais questões, tem-se aqui dados de Apurinã recentes que permitem a observação do objeto escopo da pesquisa, a forma verbal *txa*.

A sincronia foi a concepção possível para realizar o estudo de gramaticalização da forma verbal *txa* justamente pela dificuldade que se tem em conseguir dados mais antigos de Apurinã que permitissem um estudo diacrônico.

Entre as definições sobre a Gramaticalização a que mais se encaixa nesta pesquisa é a proposta por Heine (2004) em que o autor afirma

[...] A gramaticalização é o desenvolvimento das formas lexical para a gramatical, sendo que a tendência é gradativamente de que a forma se torne cada vez mais

gramatical. Desde que o desenvolvimento desta forma gramatical não seja independente de construções as quais ela pertence, o estudo da gramaticalização preocupa-se tanto com construções menores quanto com segmentos de discursos ainda maiores. De acordo com esta definição, a teoria da gramaticalização lida com a gênese e o desenvolvimento das formas gramaticais. Seu principal objetivo é descrever como as formas gramaticais e as construções surgem e se desenvolvem através do espaço e tempo, assim como explicar porque elas são estruturadas desta forma. Tecnicamente, a gramaticalização envolve quatro mecanismos interligados:

- (a) desemantização (ou “desbotamento semântico”) – perda de significado
- (b) extensão (ou generalização de contexto) – uso em novos contextos, (c) descategorização – perda em propriedades morfosintáticas em formas lexicais ou em outras formas menos gramaticalizadas, (d) erosão (ou “redução fonética”) – perda de substância fonética” (HEINE, 2004, p. 2. *Tradução minha*)

Por esse prisma, o autor evidencia os mecanismos interligados da gramaticalização que envolvem diferentes estruturas da língua: (a) semântica, (b) pragmática, (c) morfosintática e (d) fonética, sendo que em alguns desses mecanismos há perdas, como no caso de a, c, d; mas também há ganhos, que seria justamente a possibilidade de uso em novos contextos, como em b. Como no caso de *txa*, da língua Apurinã, houveram (até onde alcançamos nesta pesquisa) perdas semânticas e morfosintáticas, mas também houve ganho pragmático, afinal, este verbo é utilizado em contextos diferentes em seu *status* atual, como será mostrado mais diante, por meio das evidências descritas no capítulo de análise.

Ao revisitar seus primeiros estudos sobre gramaticalização, Heine (1991, 2004) tem a preocupação de elencar a versatilidade do processo, no que tange ao alcance que tal fenômeno atinge em relação às estruturas da língua, sobre como uma unidade ou estrutura sofre mudança linguística em espaço e tempo. Assim sendo, este autor, acabou por distinguir as palavras em três classes distintas: principais (lexicais), acessórias e as gramaticais. Por meio disso, Heine torna possível duas interpretações, a primeira em que se entende as palavras acessórias e as gramaticais como tendo se desenvolvido a partir das principais, e uma segunda, que admite a coexistência destas três classes no mesmo momento histórico-linguístico.

Com base nessa primeira acepção do fenômeno, autores como Heine et al. (1991) e Hopper e Traugott (1993) assumem como ponto de partida de seus estudos, que itens lexicais (signos linguísticos plenos, lexemas concretos, palavras principais, relacionados às classes abertas de palavras) originam, em um processo de abstratização, itens gramaticais (signos linguísticos vazios, lexemas abstratos, palavras acessórias, pertencentes às classes fechadas de palavras), e que itens já gramaticalizados podem se tornar ainda mais gramaticais.

Heine *et al.* (1991), por entenderem o fenômeno dessa forma defendem que gramaticalização se segmenta quanto ao processo diacrônico e/ou sincrônico, mas que em qualquer uma das dicotomias; no entanto, seria possível perceber a tensão e a interdependência existentes entre o categorial (expressões lexicais, consideradas livres de restrições) e o menos

categorial (codificações morfossintáticas, entendidas como mais presas a certas construções), os quais refletem fundamentalmente na abstratização do processo, alcançada através de mudanças semânticas, de acordo com Traugott e Heine (1991).

Portanto, Heine (1991) afirma que a gradação entre os itens linguísticos seria o resultado do princípio de unidirecionalidade, característica determinante para a definição utilizada para explicar se ocorre ou não um processo de gramaticalização, pois é por meio deste princípio que se percebe a abstratização das categorias, demonstrando que uma vez que haja perda semântica a classe gramatical não voltará a carregar aspectos lexicais.

Hopper e Traugott (2003, p. xv) abrangem a teoria de maneira semelhante a Heine, ao considerar a gramaticalização como o processo por meio do qual itens e construções lexicais em um certo contexto linguístico desempenham funções gramaticais, e uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções. A inovação proposta por esses autores consiste na ampliação do conceito ao considerarem não somente os lexemas, mas também as construções em geral como passíveis a serem produtos do fenômeno.

Assim, para estes autores a transição de um item lexical para um gramatical não ocorreria de forma direta, mas sim gradualmente, afinal, esta transição cumpriria primeiramente funções discursivas, tornando-se depois sintaticamente fixa e, por fim, constituindo-se como um morfema.

Por isso, Hopper (1987) alude a uma gramática emergente onde não há gramática, mas gramaticalização, ou seja, um ‘movimento em direção à gramática’, que nunca chega a se completar. Esta gramática emergente, para Hopper (1987), significa que as estruturas da língua não podem ser estipuladas de modo definitivo, tampouco devem ser fixas, o autor frisa que a língua se molda de acordo com o discurso, pois quanto mais utilizada, em relação à frequência de uso (cf. HOPPER e BYBEE, 2001), é uma construção, mais ela tende a se tornar estruturada e de certa forma, natural.

Então, esta “emergência” da gramática estaria vinculada à incompletude e a dinamicidade da língua, que seria constantemente renovada por gramaticalizações adicionadas pelos feitos linguísticos dos falantes. Estas renovações, produtos da criatividade dos usuários de uma língua, implicariam na alteração categorial dos elementos, que seguiriam um cline de mudança, por fazerem parte de um processo que os torna cada vez mais abstratos. Então, para esses autores, isto seria resultado de reanálises e analogias, acionadas pela metonímia e pela metáfora, respectivamente.

A partir de todas as visões apresentadas, o Quadro 10, abaixo, apresenta um panorama mais geral acerca da definição do o fenômeno de gramaticalização:

**Quadro 10** - Concepções de Gramaticalização

Heine et al. (1991, p.2 )	Há gramaticalização quando uma unidade ou estrutura lexical assume uma função gramatical, ou quando uma unidade gramatical assume uma função mais gramatical.
Traugott e Heine (1991, p.4)	A gramaticalização é um tipo de mudança linguística, sujeita a certos processos gerais e mecanismos de mudanças, e caracterizada por determinadas consequências, como a mudança pragmática.
Lichtenberk (1991, p. 38)	É um processo histórico, um tipo de mudança que tem determinadas consequências para as categorias morfossintáticas de uma língua e para a gramática desta mesma língua.
Hopper e Traugott (1993, p. xv)	Gramaticalização é um processo por meio do qual itens e construções lexicais em um certo contexto linguístico desempenham funções gramaticais, e uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais.
Bybee e Hopper (2001, p. 13)	É o mecanismo pelo qual estruturas emergem a partir da língua em uso.

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Estas concepções têm em comum suas acepções e alguns princípios, como o de *unidirecionalidade*, que será mais adiante retomado de modo mais específico, que levam em consideração o paradigma funcional.

### 5.3.1 Princípios da gramaticalização

A partir das definições propostas anteriormente a esta subseção é possível avançar para o que constitui e o que torna possível a identificação da gramaticalização. O princípio da *unidirecionalidade* é verificável por meio de diversos mecanismos que constituem o fenômeno em si e que podem ser entendidos como a motivação ou causas.

Quando se fala em mecanismos de gramaticalização, refere-se à: *bleaching*, reanálise, analogia, “erosão” fonética, gradualidade do processo, aumento da frequência de uso e outros

que já foram citados. Todos estes mecanismos, de acordo com Gonçalves et al. (2007), são regidos pelo princípio de unidirecionalidade.

### 5.3.1.1 Unidirecionalidade

O princípio de unidirecionalidade é um dos mais fundamentais dentro do processo de gramaticalização. No trabalho de Heine et al. (1991) é apresentada uma ordem de categorias cognitivas em que é possível observar, no Quadro 11, um processo de abstratização que serve para entender a unidirecionalidade do fenômeno aqui estudado:

**Quadro 11** - Ordenação de categorias cognitivas proposto por Heine et al. (1991)

**Pessoa > objeto > processo > espaço > tempo > qualidade**

Fonte: Gonçalves *et al.* (2007).

A partir dessa proposta hierárquica é possível perceber que existe apenas uma direção que implicam nas mudanças linguísticas dentro do processo, então, as categorias mais próximas do indivíduo [+ concretas] são operadas para as categorias cognitivas mais distantes do indivíduo [- concretas].

Dentro dos principais estudos de gramaticalização, que já foram citados anteriormente, é frisado que apesar desse princípio ter um movimento único e funcionar de forma praticamente unânime em mudanças linguísticas, ainda assim existem casos em que a unidirecionalidade se rompe, contudo, isso não invalida o seu uso, tampouco invalida como um operador dentro dos deslizamentos de funções.

Braga (mimeo) afirma que a unidirecionalidade é um recurso analítico que permite organizar e melhor compreender os diversos usos associados a determinada forma. A partir disso, Gonçalves et al. (2007) concorda que por meio desse recurso, generalizações metafóricas são favorecidas com vistas ao tratamento de dados empíricos, com isso, compreende-se que a unidirecionalidade recorta um tipo específico de mudança, a qual possibilita a perda de substância que ocasiona no rebaixamento de categoria de um elemento, sendo o rumo dessa mudança sempre é direcionado para a estrutura mais gramatical, e nunca o contrário.

Em relação à definição de unidirecionalidade, Hopper e Traugott (1993) enfatizam a especificidade dos contextos discursivos que propiciam a gramaticalização. Esses autores também afirmam que a passagem de um item [lexical] > [gramatical] não é direta, portanto, a escala [*item lexical usado em contextos linguísticos específicos*] > [sintaxe] > [morfologia] representa que itens lexicais que se tornam gramaticalizados cumprem, primordialmente,

funções necessariamente discursivas, tornando-se em seguida sintaticamente fixos e, posteriormente, vindo a construir um morfema, como explica Gonçalves et al. (2007, p. 41).

À vista destes esclarecimentos é possível prosseguir acerca da teoria da gramaticalização para um domínio mais específico que será abordado na próxima subseção, que discute acerca da gramaticalização relativa à formas verbais.

### 5.3.2 Gramaticalização de verbos

Esta subseção irá se debruçar de forma concisa sobre como o processo de gramaticalização pode atuar na categoria verbal, em que geralmente os verbos que sofrem tal fenômeno tendem a seguir uma das seguintes cadeias de estágios propostas por Travaglia (2007):

- Verbo pleno > (forma perifrástica: verbos semi-auxiliares / auxiliares) > verbos de ligação ou verbo funcional > aglutinação (clítico > afixo)
- Verbo pleno > forma perifrástica (verbos semi-auxiliares / auxiliares) > aglutinação (clítico > afixo)

Heine (1997), propôs sete estágios de gramaticalização para de verbos, que resumidamente podem ser entendidos da seguinte forma:

1 – O verbo apresenta sua significação plena e o complemento verbal designa, tipicamente, um objeto concreto;

2 – O verbo começa a se “encaminhar” a categoria dos auxiliares. O complemento passa a designar uma situação dinâmica e é expresso ou por uma forma nominal do verbo (infinitivo, gerúndio, particípio) ou por uma completiva. Algumas características dos itens, nesse estágio, são relevantes: a) embora nominais, os complementos estão associados com formas não finitas; b) a identidade do sujeito entre o verbo e o complemento não é uma exigência; c) o complemento verbal pode ser expresso por uma das formas nominais; d) o complemento verbal pode ser expresso por uma oração completiva.

3 – As restrições de seleção do sujeito tendem a desaparecer, por isso o sintagma nominal sujeito não está mais restrito a referentes humanos, o verbo pode passar a marcar algumas funções esquemáticas, como as noções de Tempo, Aspecto ou Modalidade. É nesta fase que são incluídos os quase-auxiliares, semi-auxiliares ou catenativos. Os verbos que se encontram neste estágio podem: a) passar a combinar com outro verbo, designando atividade ou evento; b) a identidade do sujeito entre verbo e sujeito se torna uma exigência; c) o verbo e

o seu complemento se referem ao mesmo tempo; d) o complemento verbal é expresso pela forma nominal, infinitivo, gerúndio ou particípio, podendo não admitir mais uma completiva; e) o verbo perde a capacidade de expressar distinções;

4 – O verbo sofre descategorização, ou seja: a) tende a perder suas características sintáticas, b) deixa de ter complementos nominais; c) o verbo associa-se a apenas uma forma nominal não finita;

5 – Após muitas perdas de suas categorias verbais, o verbo pode passar a ser percebido como outra categoria, podendo ainda se combinar a características de verbos e como um mero instrumento gramatical, neste estágio podem ocorrer processos como de cliticização ou erosão;

6 – Neste estágio o verbo perde todas as suas características verbais e passa a ser apenas um instrumento gramatical e o seu complemento é reinterpretado como sendo de um verbo principal. Aqui, o verbo muda de clítico para afixo;

7 – Sendo este o estágio final, o verbo passa a ser um marcador gramatical reduzido a afixo e o seu complemento perde todos os traços morfológicos adverbiais ou de nominalização.

Ainda de acordo com Heine (1993), entre estes diferentes estágios de gramaticalização, os verbos podem ser classificados em: (i) nos estágios 1 e 2 como lexemas, verbos plenos; (ii) no estágio 3, quase-auxiliares, semi-auxiliares, concatenativos; (iii) nos estágios 4 e 5 como auxiliares; (iv) no estágio 6, auxiliares e afixos; (v) no estágio 7, afixos ou flexões.

No entanto, esta proposta de estágios de Heine, de acordo com Travaglia (2007, p. 18-21) se aplicam mais diretamente em verbos que se gramaticalizam por meio da formação de construções perifrásticas, ou seja, para as outras vias de gramaticalização de verbos, como por exemplo, a que motiva um verbo a se tornar um verbo funcional de ligação se torna mais complicado em aplicar estes estágios, e é justamente neste ponto em que os verbos estudados nesta pesquisa se encaixam, ou seja, existe uma certa dificuldade em estabelecer os estágios de gramaticalização para *txa* e determinar com certa precisão qual seria a ordem que os domínios-alvo foram surgindo conforme o uso das formas verbais na língua foi se alterando com o tempo. Apesar disso, mais adiante, no capítulo de análise é possível verificar que foi traçado um percurso de gramaticalização para *txa*.

Hopper (1991) também elaborou uma possibilidade de percurso para o fenômeno em questão. Embora estes princípios não sejam aceitos por todos os estudiosos, para este trabalho, optou-se por adotar alguns destes mecanismos, em função do seu maior alcance e sua adequação à proposta de Heine *et al* mostrada acima: a) o caráter não-discreto das categorias, b) a fluidez semântica (em que o contexto é relevante para a interpretação), c) a unidirecionalidade e a

gradualidade das mudanças, d) a coexistência de etapas (o que provoca o surgimento de estruturas polissêmicas) e e) a regularização, a idiomatização e a convencionalização contínuas.

O próximo capítulo irá apresentar a análise da forma verbal *txa*, bem como discutir acerca do processo de gramaticalização deste verbo.

---

## 6 GRAMATICALIZAÇÃO DO VERBO *TXA* DA LÍNGUA APURINÃ

---

Neste capítulo o objetivo é apresentar as análises e discussões acerca dos resultados obtidos na pesquisa. Primeiramente, a forma verbal *txa* será apresentada com a finalidade de expor as principais características desse verbo, conforme a gramática da língua Apurinã proposta por Facundes (2000). Em seguida, serão mostrados os ambientes sintáticos-semânticos no qual este verbo se encaixa, bem como as suas configurações morfossintáticas, a partir de análises realizadas com o *corpus* da pesquisa, para então, finalmente se discutir acerca do processo de gramaticalização da forma verbal *txa*.

O capítulo se encontra dividido em três seções que tratarão sobre cada um dos aspectos supracitados: uma seção é referente ao verbo e suas características, outra será acerca de uma análise mais voltada a aspectos sintático-fonológicos e, por fim, a última seção será feita a discussão acerca do processo de gramaticalização da forma verbal.

Deste modo, a seção seguinte irá apresentar as principais características da forma verbal *txa*, conforme Facundes (2000) em sua gramática da língua Apurinã.

### 6.1 O verbo *txa* da língua Apurinã

O intuito desta seção é apresentar o verbo *txa* da língua Apurinã, escopo desta pesquisa, com a intenção de elucidar, especificamente, as quatro formas de uso distintas desta forma verbal e como se configuram na língua a partir de alguns exemplos.

No do dicionário de Apurinã, proposto por Lima-Padovani (2020), *txa* é uma entrada que se apresenta como verbo auxiliar, onde não possui um significado lexical ou definição. No entanto, em outras entradas são apresentadas as outras três formas de *txa* na língua e uma glosa simples com alguns exemplos. Essa definição é o que se costuma encontrar nos estudos da língua. Com base nisso, aqui procura-se expandir as acepções sobre essa forma verbal que é a única palavra monomoraica admitida em Apurinã.

Conforme Facundes (2000), em sua gramática da língua Apurinã, o verbo *txa* pode ocorrer em diferentes ambientes sintáticos e em diversos contextos apresentando a mesma forma, todavia, com significados distintos. A partir disso, o quadro abaixo mostra de forma objetiva os quatro usos distintos do verbo, propostos pelo autor:

**Quadro 12:** Usos distintos do verbo *txa* da língua Apurinã

COMPORTAMENTO VERBAL	CONTEXTO DE USO
<i>Auxiliar</i>	A forma <i>txa</i> comporta-se como verbo <u>auxiliar</u> na medida em que não acrescenta nenhum significado à proposição expressa na sentença em que ocorre. Usualmente carrega parte do morfema preso que poderia ser, por outro lado, ligado à forma verbal lexical.
<i>Verbo principal (dizer, falar)</i>	Neste caso significa “ <u>dizer</u> ” ou “ <u>falar</u> ” e introduz um discurso direto ou indireto.
<i>Cópula (ser)</i>	Expressa o verbo “ <u>ser</u> ” ou “ <u>estar</u> ”, carrega a marca reflexiva <i>-wa</i> .
<i>Pró-verbo (fazer)</i>	<u>Faz referência ao significado lexical de outro verbo</u> (normalmente encontrado no discurso precedente), e pode ser comparado ao mesmo uso (e significado) do verbo “ <i>do</i> ” na língua inglesa.

Fonte: Facundes (2000. Aadaptado e traduzido pela autora).

A partir de informações disponibilizadas na gramática da língua, o autor trata o verbo *txa* como predominantemente auxiliar, considerando que seu uso mais recorrente na língua apresenta esse sentido, sendo esta a função mais frequentemente encontrada nos dados da presente pesquisa, com o total de 34 ocorrências (na seção relativa à discussão sobre a discussão da gramaticalização de *txa* será apresentado um gráfico referente à frequência de uso do verbo em cada um dos seus contextos).

Para Facundes (2000), o verbo auxiliar *txa* é usado em predicados verbais, seguindo o verbo principal e servindo como um tipo de “hospedeiro” de algum morfema gramatical que, na ausência do auxiliar, ocorre no verbo principal, como se percebe no exemplo<sup>24</sup> abaixo:

(23) Ka-tapara-xine-ry                      inhinhiã aiata-pe                      i-**txa**  
 ATRIB-CORAGEM-?-3SG.M.O              ENTÃO.CAÇAR-PFTV                      3SG.M-AUX  
 ‘Ele tinha muita coragem, então ele caçava.’

<sup>24</sup> Abreviaturas de Facundes (2000).



### 6.1.1 *Txa* ‘dizer’: verbo pleno

Esta subseção tem por objetivo apresentar as análises do verbo *txa* ‘dizer’, mais especificamente acerca dos seus aspectos morfosintáticos e semânticos. Tal forma verbal configura-se como verbo pleno, ou seja, apresenta um sentido pleno, quando carrega um significado semântico lexical e atua na sentença como verbo principal, núcleo do predicado e rege complementos diretos. De acordo com Travaglia (2003, p. 311-312), a categoria de verbo pleno também age como um sintagma verbal simples, pois compõe predicados simples, com conteúdo nocional, valor lexical e também expressa ações, fatos, fenômenos, etc.

Devido a essa natureza e configuração em sentenças, acredita-se que a forma verbal *txa* ‘dizer’, verbo pleno, é o domínio fonte das demais formas encontradas na língua, uma vez que, diacronicamente, na literatura sobre gramaticalização, verbos plenos têm sido os domínios fonte do processo, o qual origina os domínios-alvo que geralmente são verbos suporte. Dessa forma, tal linha de pensamento corrobora com a hipótese levantada neste trabalho em relação a forma verbal *txa* ‘dizer’, verbo pleno, como o domínio fonte.

Em Apurinã temos verbos considerados como *dicendi*, como o caso de *txa* ‘dizer’, que introduz o discurso direto ou indireto, mas reconhecemos nessa língua o verbo *sāpire-ta* ‘contar’ que é tratado, também, como um verbo *dicendi*. Todavia, este segundo verbo não pode ser tratado como um sinônimo de *txa*, pois seu uso está restrito a contar uma história, seja uma narrativa real de algum fato ocorrido ou ficcional, nos remetendo a um fato ocorrido em um período mais distante, diferentemente do verbo escopo desta pesquisa que introduz um discurso que remete a um fato mais próximo, no plano da narrativa, que ainda esteja acontecendo ou que ocorreu recentemente.

Nos dados desta pesquisa, foram encontradas 25 ocorrências de *txa* no sentido de ‘dizer’ (exemplos obtidos em FREITAS, 2017, pp.379 e 393, e no banco de dados digital de Apurinã):

(27) Ikaatuku                    u-**txa**:  
 ASSIM/DESSE.MODO    3SG.F-DIZER

‘Ela disse:’

— Ithu-pyty-ry                    macaxeira.  
 HAVER.MUITO-ENF-3SG.M.O            MACAXEIRA

‘— Tem muita macaxeira.’

A segunda ocorrência está presente no *corpus* do material de conversação em Apurinã, como pode se observar abaixo:

(28) Kamĩkiu nhipuku-ta                      i-txa-ne.  
 N.PROP    COMER-VBLZ                      3PL.M-AUX-3PL.M

‘Nesse momento, Kirama e Kamĩkiu comeram (o peixe).’

Inhinhiã    i-txa                      Kirama:  
 ENTÃO    3SG.M-DIZER                      N.PROP

‘Assim, Kirama disse.’

**Kirama:** Ny-sãpaka                      nuta.  
 1SG-ESTAR.CANSADO                      1SG

‘Eu estou cansado.’

(29) Awãĩ    txa-ka<sup>26</sup>-ta-ry                      y-kanawa-ta<sup>27</sup>:  
 N.PROP    DIZER-ENF-VBLZ                      3SG.M-CANOA-POSSD

iãpa                      a-sy-pe-ry                      txa-ka-ta  
 ONDE                      1PL-IR-PFTV-3SG.M.O                      DIZER-ENF-VBLZ

‘Awãĩ disse para a canoa dele: “para onde vamos?” Ele disse.’

Estas ocorrências têm em comum o fato de que introduzem um discurso direto, no interior de narrativas, sendo este o ambiente que propicia o uso de *txa* como ‘dizer’, já que esta forma indica/marca o discurso indireto e o direto.

Sintaticamente, nos exemplos, temos a construção verbo – objeto (VO), em que *txa* funciona como verbo transitivo, apresentando, além do argumento sujeito, um objeto, que corresponde sintaticamente a fala introduzida por *txa* ‘dizer’. Adicionalmente, no exemplo (29), temos a ocorrência de *txa* ‘dizer’, em *Awãĩ txakatary ykanawata* ‘Awãĩ disse para a canoa dele’, com o sufixo *-ry*, um enclítico pronominal de 3ª pessoa do singular masculino correferencial ao adjunto dativo *ykanawata* ‘canoa dele’, posposto ao verbo.

Tal construção, mostrada no exemplo (29), em que *txa* ‘dizer’ aparece no início da sentença como um elemento que introduz um discurso em *awãĩ txakatary ykanawata*: “*iãpa asypery txakata*”, nota-se que o verbo apresenta um sentido pleno de ‘dizer’. No final da mesma sentença *txa* aparece novamente em *txakata* ‘ele disse’, mas dessa vez como um elemento de reafirmação para o que foi dito, o que configura uma forma produtiva na língua, mas que, no

<sup>26</sup>O sufixo *-ka* enfático tem a mesma forma da marca de predicado *-ka*, entretanto, cada um desses sufixos tem uma distribuição específica (ver “classes posicionais” em FACUNDES, 2000).

<sup>27</sup>Forma resultante de variação dialetal correspondente ao sufixo de posse alienável *-te*.

entanto, não seria o usual para *txa* ‘dizer’ que majoritariamente funciona da forma como foi mostrada no início desse mesmo exemplo.

Essa forma de uso de *txa* ‘dizer’ possibilita observar que houve uma perda de substância semântica, pois ali, no final da sentença, *txa* foi usado mais como um elemento gramatical, apesar de ainda possuir um significado lexical. Isso revela o que pode ser compreendido como um “ponto de partida” para o processo de gramaticalização da forma verbal que, através de desbotamento semântico, foi gerando outros domínios-alvo, como pró-verbo, cópula, até chegar a ser usado apenas como verbo auxiliar sem significado lexical, o que será melhor apresentado na seção de discussão do presente capítulo.

Do ponto de vista de sua estrutura argumental, entendida por Haspelmath e Sims (2010) como aquela relativa aos papéis semânticos assumidos pelos participantes de um evento, *txa* ‘dizer’ requer os papéis de ‘agente’ e ‘o que foi dito’<sup>28</sup>, além de poder ocorrer com um argumento semântico ‘a quem foi dito’<sup>29</sup>. Nos exemplos (27) e (28), semanticamente, um determinado participante do evento verbal *disse algo para alguém*. Nesse caso, a ação de *dizer* requer, em (27), o argumento *u-* ‘3ª pessoa do singular feminino/ ela’, que desempenha papel de agente, tal como *Kirama* (nome próprio em Apurinã), em (28). Como segundo argumento selecionado por *txa* ‘dizer’, nos exemplos (27) e (28), temos as falas dos participantes agentes (*Ithupytry macaxeira* ‘Tem muita macaxeira’ e *Nysãpaka nuta* ‘Eu estou cansado’), aqui designadas pelo papel semântico ‘o que foi dito’. Em (29), além do agente *Awãi* e do argumento ‘o que foi dito’, no caso ‘Para onde vamos?’, há um argumento semântico designando ‘para quem foi dito’, no caso, *ykanawata* ‘a canoa dele’.

Em se tratando de sua estrutura funcional, ligada aos papéis sintáticos requeridos por um dado predicado, *txa* ‘dizer’ seleciona os argumentos sujeito e objeto e, opcionalmente, pode ocorrer com um adjunto dativo, como no exemplo (29). Em (27), temos como sujeito de *txa* o proclítico *u-* ‘3ª pessoa do singular feminino’, e uma sentença completa que funciona como objeto desse verbo: *ithu pytry macaxeira* ‘Tem muita macaxeira’. Em (28), o verbo *txa* ‘dizer’ ocorre com o sujeito *Kirama*, semanticamente designando o papel de agente, tendo como objeto direto a oração *ny-sãpaka nuta* ‘eu estou cansado’ que, em termos semânticos, designa “o que foi dito”.

Em suma, as sentenças em que ocorre *txa* como verbo pleno ‘dizer’ pedem como argumento objeto uma outra sentença, correspondente ao discurso direto ou indireto requerido

---

<sup>28</sup>Optamos por propor este rótulo para designar em termos semânticos o argumento sintático que corresponde ao objeto de um verbo dicendi.

<sup>29</sup>Preferimos especificar esse papel semântico, por considera-lo mais apropriado que “recipiente”.

por esse verbo *dicendi*; o argumento sujeito de tal verbo corresponderá ao participante que realizou a ação de “dizer”; adicionalmente, *txa* ‘dizer’ pode ocorrer com um adjunto dativo (semanticamente se referindo àquele para quem a fala foi direcionada), em que *txa* pode admitir um enclítico pronominal correferencial ao referido adjunto, caso este último esteja posposto ao verbo.

As sentenças que funcionam como complemento objeto do verbo *txa* ‘dizer’, como dito anteriormente, podem vir tanto sob a forma de discurso direto (exemplos 27, 28 e 29) como sob a forma de discurso indireto. A diferença entre o discurso direto e indireto em Apurinã se dá pelo fato de que existe uma pausa apenas no discurso direto entre o verbo *dicendi* e a citação. (exemplo 30, a seguir, retirado de FACUNDES, 2000, p. 599. Tradução nossa):

- (30) [*u-kyra*        *sytu*        *atama-ta-ry*        *kema*]<sup>O</sup>    *pitha*    *txa-ry*  
 3F-DISTAL        mulher    ver-VLBZ-3M.O    anta        2SG    dizer-M.O  
 ‘Você disse isso, que aquela mulher viu a anta.’

Em (30), o constituinte entre colchetes corresponde ao complemento objeto requerido por *txa* ‘dizer’, interpretado como um discurso indireto. Facundes (2000) afirma não existir diferença formal entre discursos diretos e indiretos em Apurinã, no que tange ao uso do verbo *dicendi txa*. O autor admite que a diferença existente entre os discursos direto e indireto na língua se dá por um traço meramente prosódico, que consiste em uma pequena pausa entre o verbo e o seu complemento.

Ao retomar os exemplos que compõem os dados da pesquisa, em (27) e (28) o verbo *txa* ‘dizer’ possui uso semelhante em ambas as sentenças em que é aplicado. Após entendermos os dois tipos de argumentos que esta estrutura requer (sujeito e uma sentença complemento, que funciona como objeto direto), passemos para os papéis temáticos regidos pela estrutura argumental (cf. Haspelmath e Sims, 2010), desempenhados pela estrutura da oração.

Tanto (27) como (28) possuem conotações semelhantes, em que *alguém disse algo para outra pessoa*. Como já dito anteriormente, *txa* se acopla a um sujeito que, nesses casos, se apresenta como o agente da ação de *dizer*, ou seja, a predicação de comunicar. A sentença (27) sintaticamente, *txa* ‘dizer’ tem um sujeito e objeto direto e, semanticamente este verbo tem um agente (sujeito) e *o que foi dito* (objeto direto).

Em (28), o verbo *txa* ‘dizer’ ocorre com o sujeito *Kirama*, que semanticamente tem o papel de agente, tendo como objeto direto a oração *ny-sāpaka nuta* ‘eu estou cansado’ que, em termos semânticos, designa o “o que foi dito”.

Sugere-se que a consequência gerada pela gramaticalização de *txa* ‘dizer’ consiste na perda do argumento objeto, relacionada à transitividade desse verbo e, entre outros fatores, sobre a exigência desses argumentos que desempenham tais papéis temáticos. Nas próximas seções será observada a perda gradativa da necessidade de um complemento, até o ponto deste verbo tornar-se um auxiliar e depender de outro verbo principal.

Neste caso, *txa* é o verbo principal nas sentenças em que ocorre e apresenta sua significação plena e o complemento verbal designa, tipicamente, “o que foi dito”, a “fala” de uma participante do discurso.

Em comparação com as demais ocorrências de *txa* (como pró-verbo, auxiliar e cópula), esta forma verbal significando ‘dizer’ pode ser interpretada como um domínio-fonte para as formas mais gramaticais de *txa*; afinal, trata-se da conotação que contém mais substância semântica, cuja estrutura argumental e funcional é mais complexa. Além disso, há diversos estudos tipológicos que tratam da gramaticalização de verbos *dicendi* (cf.: COHEN, SIMEONE-SENELLE & VANHOVE, 2002; CHAPPELL, 2008; HEINE & KUTEVA, 2004). Sugere-se, portanto, que uma das consequências geradas pela gramaticalização de *txa* ‘dizer’ consiste na perda de seu argumento objeto, entre outros fatores, à semelhança do que foi proposto por Heine (1997) de modo geral para verbos *dicendi*.

Posteriormente, a subseção seguinte irá mostrar como *txa* ocorre como pró-verbo.

### 6.1.2 *Txa* ‘fazer’: Pró-verbo

Segundo Schachter e Shopen (2007, p. 24), “o termo pró-forma abrange várias classes fechadas de palavras que, em certas circunstâncias, são usadas como substitutas de palavras pertencentes às classes abertas ou constituintes maiores”<sup>30</sup>. Em Apurinã, uma das ocorrências da forma verbal *txa* se aproxima dessa definição, uma vez que funciona como ‘pró-verbo’, se referindo a um ou mais verbos anteriormente citados no discurso.

Heine e Kuteva (2004, p.119) citam exemplos em que ocorre a gramaticalização do verbo pleno “fazer” em algumas línguas, o qual passa a um pró-verbo resumitivo [*resumptive pro-verb*], isto é, um verbo que retoma outros, resumindo seu conteúdo, como na língua Lahu (MATISOFF, 1991, p.432 *apud* HEINE & KUTEVA, 2004):

---

<sup>30</sup> “The term pro-form is a cover term for several closed classes of words which, under certain circumstances, are used as substitutes for words belonging to open classes, or for larger constituents.” (Schachter e Shopen (2007, p.33))

- (a) gî-yà?                      gî-tâ?                      te                      ve  
 CORRER-DESCENDER    CORRER-ASCENDER                      FAZER    PARTÍCULA  
 ‘continuar correndo para cima e para baixo’

Nesse exemplo da língua Lahu, o verbo *te* ‘fazer’ parece sintetizar, retomar as ideias de “correr para baixo” e “correr para cima”, agregando à sentença a noção de continuidade dos dois verbos anteriormente mencionados.

Na língua inglesa, o verbo *do*, em uma de suas funções, realiza uma retomada anafórica de um determinado elemento na sentença, como por exemplo: *we want that trophy more than they do* ‘nós queremos aquele troféu mais do que eles’. Caso *do* não fosse utilizado como este tipo de recurso a frase em inglês seria ‘*we want that trophy more than they want it*’ ‘nós queremos aquele troféu mais do que eles querem’; a repetição neste caso é evitada, pois, existe um meio discursivo que retoma anaforicamente o verbo *want* ‘querer’.

Algo semelhante parece ocorrer com a forma verbal *txa* ‘pró-verbo’, em contextos tais como os apresentados nos exemplos a seguir (FREITAS, 2017, p.386):

- (31) Ki<sup>31</sup>-nha<sup>32</sup>-kary-pa                      paĩka-txi                      awa                      hĩtha-munhi  
 INTERR-SER-REL.S.M-INTERR                      TRABALHO.DE-N.POSSD                      HAVER                      2PL-DAT  
 ‘Que tipo de trabalho vocês fazem?’ Lit.: ‘Que tipo de trabalho tem pra vocês?’

Kutxi                      atha                      kyky-ãkinhi                      a-kama-ry                      tukury,  
 PORQUE                      1PL                      HOMEM-GRUPO                      1PL-FAZER-3SG.M.O                      ROÇADO  
 ‘Porque nós, os homens, fazemos o roçado, [...]’

Kumury                      amapuruka                      katarukyry                      a-kama,                      ã-ukatsaãta,                      ã<sup>33</sup>-aiata,  
 MANDIOCA                      ARRANCAR                      FARINHA                      1PL-FAZER                      1PL-PESCAR                      1PL-CAÇAR  
 ‘[...] arrancamos a mandioca, fazemos a farinha, pescamos, caçamos, [...]’

a-txa                      atha wai.  
 1PL-PRÓ-VERBO                      1PL                      AQUI  
 ‘[...] tudo isso nós fazemos aqui.’

Em (31), *txa* retoma e, ao mesmo tempo, resume os eventos “fazer roçado”, “arrancar mandioca”, “fazer farinha”, “pescar”, “caçar”. Ao observar a estrutura sintática da construção em que *txa* ‘fazer’ aparece na frase (completa): *kutxi atha kykyãkinhi akamary tukury, kumury*

<sup>31</sup>A forma *ki...pa* corresponde a uma palavra interrogativa descontínua em Apurinã, pois pode incorporar em seu interior outras palavras, gerando diferentes formas interrogativas.

<sup>32</sup>Esta é uma outra forma verbal que funciona como cópula em Apurinã, *inha ~ nha*.

<sup>33</sup>A forma pronominal proclítica de primeira pessoa do plural sofre alomorfa fonologicamente condicionada, em que /a-/ passa a /ã-/ quando diante de vogal.



O verbo *txa* enquanto pró-verbo, como dito anteriormente, herdará a estrutura argumental do verbo ou verbos ao qual retoma, enquanto que, em relação a estrutura funcional, diferentemente de *txa* ‘dizer’, que requer os argumentos sujeito/agente, objeto/ ‘aquilo que foi dito’ e, opcionalmente, um adjunto dativo/ ‘para quem foi dito’, *txa* ‘pró-verbo’ parece admitir apenas o argumento sujeito/agente.

Também difere-se da ocorrência de *txa* ‘auxiliar’ por ter a característica de retomar anaforicamente eventos anteriormente mencionados no discurso, reiterando seu argumento sujeito/agente, o que não se vê na ocorrência de *txa* ‘auxiliar’. Ainda que hajam poucos exemplos de *txa* pró-verbo, o uso já se apresenta de forma evidente, tanto conforme Facundes (2000) quanto com o que está proposto aqui.

A próxima subseção irá dar enfoque em *txa* como cópula.

### 6.1.3 *Txa* ‘ser’: cópula

O verbo *txa* da língua Apurinã também pode se comportar como cópula ou verbo de ligação; nesse contexto, tal verbo pode ser traduzido como ‘ser’ ou ‘estar’, já que expressa um estado e não uma ação, além de ligar o sujeito ao seu predicativo em uma oração.

Na língua Apurinã, como dito anteriormente, existem verbos intransitivos descritivos (subjativos e objetivos). Em alguns casos, tais verbos expressam uma característica ou o estado físico e/ou psicológico de alguém, como, por exemplo, *katsupy* ‘ser.branco’ ou *sāpaka* ‘estar cansado’. Nestes casos o “ser” ou “estar” não podem ser vistos como elementos separadamente do formativo de descrição, logo, não podemos atribuir o uso destes verbos como algo semelhante ao uso de *txa* ‘ser’. Facundes (2000, p. 402. Tradução nossa) mostra o seguinte exemplo:

(a) kariwa                    i-**txa**-pẽ-ka-wa  
 PESSOA.BRANCA    3M-SER-PFTV-PASS-REFL

‘Ele se tornou um homem branco’

Lit.: ‘Ele já é branco’

Neste exemplo, percebe-se que *homem branco* em Apurinã, *kariwa*, possui um único significado, enquanto que o verbo *txa* ‘ser’, afirma o estado do verbo descritivo. Esta distinção é relevante para entender que nesta língua os verbos que expressam um estado (seja físico ou psicológico) possuem distinções quanto ao seu uso.

Nos dados desta pesquisa, foram encontradas 31 ocorrências de *txa* cópula. Abaixo, seguem exemplos encontrados no *corpus* (FREITAS, 2017, pp.374, 383 e 384):

- (34) **Upirĩka:** Natuku-pa pi-**txa**?  
 COMO-INTERR 2SG-COP  
 ‘Como você está?’

- Kĩpuku:** Ny-tsyy-kywy **txa**-nu.  
 1SG-DOR.DE-CABEÇA.DE COP-1SG.O  
 ‘Eu estou com dor de cabeça.’ Lit.: ‘Minha dor de cabeça está em mim’

- (35) **Txiakatxi:** Aa! P-yry nh-iimatykyry i-**txa**-wa.  
 INTERJ. 2SG-PAI.DE<sup>34</sup> 1SG-TIO.DE 3SG.M-COP-REFL  
 ‘Ah! O seu pai é meu tio.’

- (36) **Txiakatxi:** Py-nyru ny-nyru nyrymane u-**txa**-wa.  
 2SG-MÃE.DE 1SG-MÃE.DE PARENTE.DE 3SG.F-COP-REFL  
 ‘A sua mãe é parente da minha mãe.’

- (37) Ykaratuku i-**txa** kyynyry pirana.  
 ASSIM 3SG.M-COP XINGANÉ HISTÓRIA  
 ‘É assim a história da festa.’

- (38) Natuku-pa i-**txa** kitxakapirĩka?  
 COMO-INTERR 3SG.M- COP ANTIGAMENTE  
 ‘Como era antigamente?’

- (39) Ykaratuku i-**txa** Puiaka y-muianary  
 ASSIM 3SG.M-COP N.PROP 3SG.M-COMPANHEIRO.DE  
 ‘É assim o Puiaka e o companheiro dele,’

Em parte dos dados encontrados no *corpus*, a forma verbal *txa* cópula vem acompanhada da marca reflexiva *-wa*. Nesses casos, o argumento sujeito tem o traço [+humano]. Em nenhuma das 31 ocorrências de *txa* cópula foi atestada a presença de *-wa* quando o argumento sujeito era [-humano] (exemplos 37 e 38). Por outro lado, há vários casos da ocorrência de *txa* cópula com sujeito [+humano] e sem o sufixo *-wa* (exemplos 34 e 39), o que indica que a presença de *-wa* exija sujeito com o traço [+humano], mas que o fato do sujeito ter esse traço não torna

<sup>34</sup>Em Apurinã, nomes inalienáveis têm como parte de sua entrada lexical a posse, conforme análise de Facundes (2000) e Freitas (2017), por isso, tais nomes são glosados conforme esse exemplo, ‘pai.de’, ‘filho.de’, etc. Para maiores explicações sobre a opção de glosar tais nomes desta maneira, consultar os autores aqui mencionados.



As ocorrências a seguir foram também retiradas do material de conversação em Apurinã:

- (41) **Txiakatxi:** Aa! P-yry nh-iimatykyry i-**txa**-wa.  
 INTERJEIÇÃO 2SG-PAI.DE 1SG-TIO.DE 3SG.M-SER-REFL  
 ‘Ah! O seu pai é meu tio.’

- (42) **Txiakatxi:** Py-nyru ny-nyru nyrymane u-**txa**-wa.  
 2SG-MÃE.DE 1SG-MÃE.DE PARENTE.DE 3SG.F-SER-REFL  
 ‘A sua mãe é parente da minha mãe.’

- Txiupyryry:** ãkiri kiripa-ra-i pitha?  
 FILHO.DE QUEM-FOC-2SG.O 2SG  
 ‘E você é filho de quem?’

- Txiakatxi:** Tutupary ãkiri nhi-**txa**-wa.  
 N.PROP FILHO.DE 1SG-SER-REFL  
 ‘Eu sou filho do Tutupary.’

- (43) **Txiakatxi:** Natuku-pa i-**txa** wai p-awinhi-ã?  
 COMO-INTER 3SG.M-SER AQUI 2SG-COMUNIDADE.DE-LOC  
 ‘Como é a vida aqui onde você mora?’

- (44) **Mutxaka:** Ereka-pyty-ka-ry. Kiri-pa xipuãta-ta-ku?  
 SER.BOM-ENF-PRED-3SG.M.O QUEM-INTERR CANTO-VBLZ-FUT  
 ‘Então, tá muito bom. Quem vai cantar?’

- Xirikary:** N-yry ka-xikare-ry i-**txa**-wa.  
 1SG-PAI.DE ATRIB-CANTAR-3SG.M.O 3SG.M-SER-REFL  
 ‘O meu pai é um cantor.’

Na maioria dos dados a construção *txa-wa* ocorre em fim de frases afirmativas descritivas, como no caso (41), (42) e (43). O verbo *txa* cópula mais a marca reflexiva *-wa* ocorrem em qualquer tipo sentencial (afirmativo, negativo, interrogativo), mas em certos tipos de sentenças interrogativas tal construção pode aparecer quando a sentença expressa estados não passageiros, como foi encontrado na maioria dos dados, como no exemplo (40), em que “*Kiãtukupa i-txa kikiu?*” ‘como está o roçado?’ expressa um estado que pode ser caracterizado



Facundes (2000) explica que a forma verbal *txa* se comporta como um auxiliar sem adicionar nenhum significado lexical à sentença, carregando parte dos formativos presos do verbo principal. O autor também frisa que raramente esta construção é encontrada em dados elicitados da língua Apurinã e em conversas livres, sendo, porém, extremamente comum em textos.

Não foi observada nenhuma explicação gramatical ou semântica relativa ao fator que determina quando *txa* auxiliar deve ser usado ou não, o que sugere que talvez envolva fatores pragmático-discursivos. Com base nos dados da pesquisa os indícios sustentam que, oralmente, *txa* auxiliar é usado acessoriamente para tornar a frase mais melódica, apresentando assim um traço prosódico característico do seu uso na língua.

Nos dados deste trabalho não foram encontradas ocorrências de *txa* auxiliar em início de sentença, porém, isso deve-se ao padrão [V Aux] em Apurinã ser rígido – ou seja, a ordem [Aux V] não é possível nessa língua. Encontramos tal uso de *txa* no meio de sentença, interligando uma oração à outra em um processo de subordinação, como podemos ver nos exemplos abaixo (FREITAS, 2017, p.355, 369 e 396):

(47) Inhinhiã ywa apiku-munhi y-sa  
ENTÃO 3SG.M ADIANTE-DAT 3SG.M-IR

ø-iãkyny-kata apuka-ry ø-uky.  
3SG.M-RASTRO.DE-ASSOC ACHAR-3SG.M.O 3SG.M-OLHO.DE

‘Ele continuou seguindo o rastro de sangue e encontrou um olho.’

**txa**-ma-ry aa<sup>36</sup>-panhi-ka kaiã-puku-ry ø<sup>37</sup>-arêka awa  
AUX-FRUSTR-3SG.M.O HAVER-IPFTV-PRED MUITO-DISTR-M 3SG.M-SANGUE.DE HAVER

‘Mas ainda tinha muito sangue no chão.’

(48) Ywaã apuka mapika i-txa-ry-na kumyry.  
LÁ CHEGAR DESCASCAR 3PL.M-AUX-3SG.M.O-3PL.M MANDIOCA

‘Chegaram e descascaram a mandioca.’

(49) Ypixinhiãpu y-taka-napa-ry malhadera apiku sa i-txa.  
MEIO.DIA 3SG.M-COLOCAR-PASSAR-3SG.M.O MALHADEIRA ADIANTE IR 3SG.M-AUX

‘No meio dia, ele colocou a malhadeira e foi mais adiante.’

<sup>36</sup>Forma reduzida de *awa* ‘haver’.

<sup>37</sup>O proclítico pronominal de 3ª pessoa do singular masculino sofre alomorfa fonologicamente condicionada, em que [y-] passa a [Ø-] quando diante de vogal.

Como dito anteriormente, *txa* auxiliar não é encontrado em início de sentença, como é verificável nos exemplos mostrados, isso pode ser considerado um traço forte sobre como essa forma verbal foi gramaticalizada. Na seção referente à *txa* verbo pleno ‘dizer’ é mostrado que o uso de *txa* com esse significado costuma aparecer em sua maioria em início de sentenças, bem diferente do que ocorre com *txa* auxiliar, mas, que no entanto, existem usos de *txa* ‘dizer’ com certo grau de desbotamento semântico em final de sentenças, o que corrobora com a hipótese aqui apresentada sobre como *txa* ‘dizer’ seria o domínio fonte que originou os demais domínios-alvo, até chegar no estágio gramaticalizado mais acentuado no *status* atual da língua que seria o *txa* auxiliar.

Castilho (1997) diz que os verbos auxiliares acompanham verbos nucleares na forma nominal, aos quais atribuem as categorias de pessoa e número, especializando-se como auxiliares de tempo, modo e aspecto. Nos exemplos acima, *txa* auxiliar se comporta como um elemento que carrega afixos do verbo principal, os quais não constam nesse verbo principal (diferindo de sua ocorrência como pró-verbo, em que se repete, reitera o sujeito dos verbos retomados), mas que se referem a argumentos deste.

Conforme Anderson (2006) e Bybee (2010), auxiliares comumente são gramaticalizados de verbos que pegam os complementos verbais, o que implica dizer que estas formas se desenvolvem de núcleos frasais com complementos verbais, ou seja, a partir do verbo principal, que seguem prototipicamente a ordem linear para verbos e objetos em suas respectivas línguas (ANDERSON, 2006, p. 23).

Geralmente auxiliares são considerados morfemas “gramaticais livres”, entre expressões sintáticas e morfologia flexional, com o que diz respeito, inclusive, ao seu grau de fusão, conforme Bybee (1985).

Em relação ao que ocorre em Apurinã, pela escassez de dados mais antigos da língua, é ainda dificultoso dizer como a forma de verbo pleno pôde ter evoluído para a forma auxiliar, com esse papel mais gramatical. Hughes (2016), em seu trabalho sobre gramaticalização de verbos auxiliares na língua Garífuna (Aruák), explica que, nesta língua, os auxiliares são considerados tipicamente incomuns, pois aparecem após os verbos principais, ainda que Garífuna seja uma língua que segue a ordem VO, o que se assemelha em partes com o que acontece em Apurinã. De acordo com Haspelmath (2007) categorias gramaticais como “auxiliares” estão mais para abstrações do que categorias predeterminadas, e qualquer associação a qualquer outra categoria é gradiente.

Em relação a gramaticalização dessa forma verbal, admitindo-se como domínio-fonte sua ocorrência como verbo *dicendi*, aparentemente *txa* auxiliar parece ter emergido de um

processo de descategorização que, segundo Hopper (1991), implica a perda de autonomia discursiva, por parte da forma em processo de gramaticalização. Os verbos auxiliares seriam então exemplos de descategorização: quando perdem a categoria de verbos plenos, e passam a assumir funções mais fixas, uma vez que se ligam ao verbo principal na construção.

Feitas estas considerações a respeito das quatro formas de uso da forma verbal *txa*, que se pautam em seus domínios sintáticos e semânticos, adiante, na próxima seção, será apresentada a discussão acerca do processo de gramaticalização desse verbo.

## 6.2 Discussão sobre a gramaticalização de *txa*

Esta seção pretende mostrar uma discussão acerca do processo de gramaticalização do verbo *txa* da língua Apurinã, além de determinar a existência (ou não) de formas cognatas desse verbo nas línguas Piro e Iñapari, geneticamente mais próximas de Apurinã.

Após a sistematização dos dados, foi feita a quantificação das ocorrências de tal verbo, bem como a seleção das construções morfossintáticas nas quais *txa* ocorre, com a finalidade de identificar as 4 diferentes manifestações de *txa*, apontadas por Facundes (2000), e qual destas manifestações ocorre mais nos textos analisados. Busca-se, inicialmente, verificar se a maior incidência de ocorrências de *txa* poderia revelar algo sobre o desenvolvimento histórico dessa forma verbal.

Para melhor observar essa sistematização e quantificação, abaixo, o Quadro 13 mostra quais as configurações morfossintáticas em que a forma verbal ocorre em cada uma de suas quatro formas de uso:

**Quadro 13** - Configurações morfossintáticas de *txa*

Ocorrências	Configurações morfossintáticas	Classificação morfossintática
	Construções sintáticas em que ocorre	Estruturas sintáticas em que ocorre
<b>txa = auxiliar</b>	<i>txa</i> -ma-ry <i>i-txa</i> <i>a-txa</i> <i>i/u-txa</i> -ne <i>i-txa</i> -ry-na <i>i-/txa</i> -ry <i>nhi-txa/-ru</i> <i>u-txa</i> <i>txa</i> -nu <i>i-txa</i> -ma	<b>AUX</b> -frustrativo-2SG.M.O 3S.M- <b>AUX</b> . 3PL.M/3PL.F- <b>AUX</b> -3PL.F 3PL.M- <b>AUX</b> -3SG.M.O-3PL.M 3SG.M/- <b>AUX</b> -3SG.M.O 1SG- <b>AUX</b> /-3SG.F.O 1SG.F- <b>AUX</b> <b>AUX</b> -1SG.O 3SG.M- <b>AUX</b> -FRUST
<b>txa = dizer</b>	<i>u-txa</i> <i>i-txa</i>	3SG.F- <b>dizer</b> 3SG.M- <b>dizer</b>

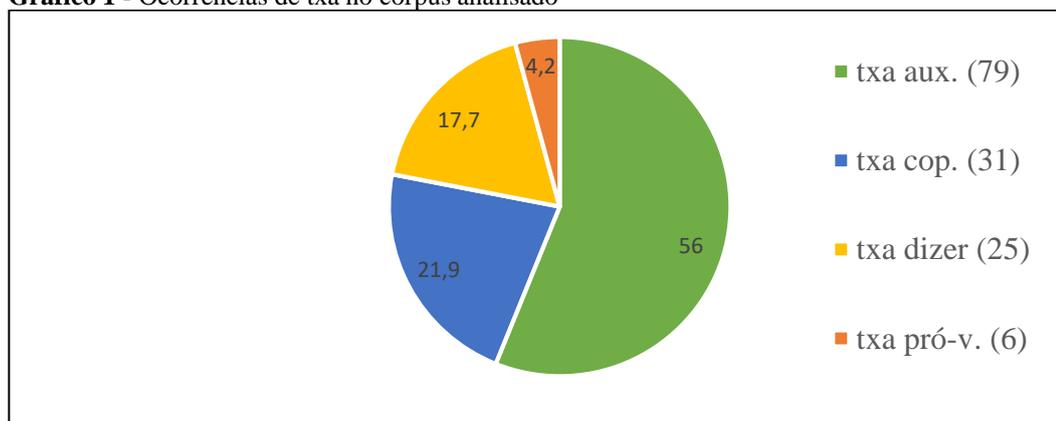
<b>txa = ser</b>	txa-wa i-txa y-txa i-txa-wa / u-txa-wa nhi-txa/-wa pi-txa/-wa a-txa txa-nu	SER-REFL. 3S.M.-SER 3S.M.-SER 3S.M/F. - SER-REFL 1SG. -SER/-REFL 2SG.-SER/-REFL 1PLU.-SER SER-1SG.O
<b>txa = pró-verbo</b>	a-txa	1PL.-fazer/pró-verbo

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

O Quadro 13 pode ser lido da seguinte forma: a primeira coluna corresponde aos quatro tipos de uso de *txa*, a segunda coluna refere-se às construções sintáticas que foram encontradas no *corpus* da pesquisa, enquanto que a terceira e última coluna mostram os significados e funções gramaticais dos morfemas que compõem a forma verbal.

Em relação à quantificação das ocorrências de *txa*, no *corpus* constituído por 32 textos, o Gráfico 1 revela a quantidade de vezes em que cada caso de *txa* ocorreu.

**Gráfico 1 - Ocorrências de *txa* no corpus analisado**



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

As convenções adotadas no Gráfico 1 podem ser detalhadas da seguinte forma: entre o total de 141 ocorrências de *txa*, temos em verde a quantidade de vezes em que *txa* auxiliar ocorreu no *corpus* da pesquisa como verbo auxiliar, um total de 56% de vezes (79 ocorrências). A segunda maior frequência é relativa ao *txa* cópula, representada na cor azul, que contabilizou 21,9% de frequência (31 ocorrências). Na cor amarela, temos *txa* ‘dizer’, com 25 ocorrências, totalizando 17,7% de frequência. Na cor laranja, temos *txa* pró-verbo, com frequência de 4,2%, com apenas seis ocorrências.

De modo mais geral, a maior parte dos usos da forma verbal *txa* parece se encaixar na noção de “expressões lexicais relativamente sem restrições” (cf. Traugott & Heine, 1991, p.1),

visto que, exceto enquanto verbo *dicendi*, *txa* praticamente não impõe restrições seletivas aos seus argumentos. Em relação aos seus usos no contexto discursivo, Souza (2014) identificou-se que um dos fatores que favorecem o uso de *txa* como “dizer” é o tipo textual narrativo. Em nossos dados, isso se confirma, pois tal ocorrência foi verificada apenas em textos narrativos, um ambiente que favorece o uso de discurso<sup>38</sup> direto e/ou indireto.

Por meio da leitura do Gráfico 1, as frequências de uso do *txa* como verbo pleno, verbo auxiliar e cópula são muito maiores do que a do pró-verbo. De toda forma, a conclusão a que chegamos é a de que não há razão para postular uma correlação entre a maior ou menor frequência de uma das quatro ocorrências de *txa* e o possível domínio-fonte para essas diferentes ocorrências, já que é improvável que o *txa* auxiliar tenha dado origem aos demais usos dessa forma verbal. Entretanto, é possível dizer que o predomínio de *txa* enquanto auxiliar sugere que tal uso em Apurinã não é resultado de um desenvolvimento recente na língua.

Heine (1997) propôs sete estágios de gramaticalização, do significado fonte para o significado alvo, que podem ser compreendidos da seguinte forma:

1 - O verbo apresenta sua significação plena e o complemento verbal designa, tipicamente, um objeto concreto;

2 - O verbo começa a se “encaminhar” à categoria dos auxiliares. O complemento passa a designar uma situação dinâmica e é expresso ou por uma forma nominal do verbo (infinitivo, gerúndio, particípio) ou por uma completiva;

3 - As restrições de seleção do sujeito tendem a desaparecer, por isso o sintagma nominal sujeito não está mais restrito a referentes humanos, o verbo pode passar a marcar algumas funções esquemáticas, como as noções de Tempo, Aspecto ou Modalidade;

4 - O verbo sofre descategorização, ou seja: a) tende a perder suas características sintáticas, b) deixa de ter complementos nominais; c) o verbo associa-se a apenas uma forma nominal não finita;

5 - Após muitas perdas de suas categorias verbais, o verbo pode passar a ser percebido como outra categoria, podendo ainda se combinar a características de verbos e como um mero instrumento gramatical, neste estágio podem ocorrer processos como o de cliticização ou erosão;

6 - Neste estágio, o verbo perde todas as suas características verbais e passa a ser apenas um instrumento gramatical e o seu complemento é reinterpretado como sendo de um verbo principal. Aqui, o verbo muda de clítico para afixo;

---

<sup>38</sup> Não aprofundaremos essa discussão sobre os usos discursivos aqui, dado que envolve um domínio de análise que está além do escopo deste trabalho.

7 - Sendo este o estágio final, o verbo passa a ser um marcador gramatical reduzido a afixo e o seu complemento perde todos os traços morfológicos adverbiais ou de nominalização.

Dessa proposta de Heine (1997), podemos identificar os estágios 1, 2 e 3, pois ainda que o estágio de gramaticalização de *txa* esteja avançado, seu uso ainda não perdeu completamente sua categoria verbal, funcionando, como visto anteriormente, em seu estágio mais avançado como um verbo auxiliar, sem mudar sua classe gramatical. Tem-se então o seguinte:

- *Estágio 1*: existe apenas o domínio fonte;

- *Estágio 2*: há ambiguidade entre a fonte e o significado alvo, ou seja, uma única construção pode ser interpretada tanto com o significado fonte quanto com o significado alvo;

- *Estágio 3*: o significado fonte coexiste com os significados alvo.

Neste âmbito podemos traçar os estágios plausíveis para o uso de *txa* em determinadas construções nas quais este ocorre, ainda que o domínio fonte ainda coexista com os domínios alvo, atestando que a gramaticalização de *txa* ainda se encontra em andamento.

Mas antes de retomar estes aspectos relacionados à gramaticalização, vale lembrar que a língua Apurinã apresenta padrões de ordem de constituinte do tipo OV, a exemplo de posposições, embora nos textos a ordem mais frequente seja VO. A partir de comunicação pessoal com Facundes, acreditamos que OV era a ordem básica/mais frequente antigamente na língua, e que mudou mais recentemente para VO, seja como resultado de mudanças internas na língua, seja por influência do contato com o português.

Hughes (2016) diz que geralmente línguas que apresentam a construção VO, tipologicamente colocam os auxiliares antes dos verbos, em seguida este autor retoma o que resumiu Greenberg (1966. *Tradução minha*) de que “em línguas com a ordem dominante VSO, o auxiliar é flexionado sempre precedendo o verbo principal. Em línguas com a ordem dominante SOV, o auxiliar é flexionado sempre após o verbo principal”. Portanto, a padrão V Aux de Apurinã segue o padrão OV, possivelmente a ordem básica mais frequente que predominou em um período remoto da língua, conforme as hipóteses de Facundes ditas em comunicação pessoal.

Segundo Bybee (2010, p. 111), auxiliares comumente gramaticalizam a partir dos verbos dos quais estes se tornam complementos. Pensemos que os auxiliares se desenvolvem a partir dos complementos verbais do verbo principal, a partir da necessidade de seguir a ordem linear prototípica destas estruturas.

Como Apurinã apresenta alguma flexibilidade, admitindo tanto VO quanto OV (Facundes 2000), e a língua tanto tem posposição como apresenta o padrão V Aux, e supondo que OV é a ordem básica mais antiga através da qual o padrão V Aux se desenvolveu, propomos

que Apurinã seguiu o segundo caminho de gramaticalização proposto por Hughes (2016) em seu esquema apresentado no Quadro 14:

**Quadro 14** - Estrutura típica do desenvolvimento de auxiliares

$V_{\text{núcleo}} O_{\text{complemento}}: V_{\text{núcleo}}. V_{\text{compl.}} \longrightarrow \text{AUX}_{\text{núcleo}} V_{\text{compl.}}$
$O_{\text{compl.}} V_{\text{núcleo}}.: V_{\text{compl.}} V_{\text{núcleo}} \longrightarrow V_{\text{compl.}} \text{AUX}_{\text{núcleo}}$

Fonte: Hughes, 2016, p. 151 (*tradução e adaptações nossas*).

O que ocorre na primeira linha do Quadro 14 é o que muito raramente encontramos nos dados de Apurinã, em casos como em (49), em que *txa* ocorre como auxiliar em início de frase no qual esta estrutura nos dados analisados vem acompanhada do frustrativo *-ma-* e seguido pelo sujeito (na maioria dos dados 3ª pessoa do singular masculino, mas com algumas exceções como no caso do exemplo (49) em que o morfema que segue o frustrativo é o clítico de objeto), em fim e meio de frase. Sua estrutura sintática geralmente se configura da seguinte forma: sujeito mais *txa* como auxiliar, como mostram os exemplos abaixo, retirados do *corpus*:

(49) **Txa-ma-ry**                      nynuwa                      kaiãa-puku                      nhipuku-ry  
AUX-FRUST-3SG.M.O    3PL                      TER.MUITO-DISTR.COMIDA-N.POSSD  
 ‘Mas eles tinham muita comida.’

(50) **Ïsũana**                      my-r-ykyny-ty                      **i-txa**                      ximaky.  
RIO    ATRIB.INTENS-FOC-TUDO-3SG.M.O    3SG.M-AUX                      PEIXE  
 ‘O rio tinha muito peixe.’

(51) **Ka-tapara-xine-ry**                      inhinhã                      aiata-pe                      **i-txa.**  
ATRIB-CORAGEM-?-3SG.M.O    ENTÃO                      CAÇAR-PFTV3SG.M-AUX  
 ‘Ele tinha muita coragem, então ele caçava.’

Bybee (1985, p. 12. *Tradução nossa*) afirma que auxiliares em geral podem ser considerados morfemas “gramaticais livres”, encaixados entre expressões sintáticas e morfologia flexional no que diz respeito ao seu grau de fusão”. No caso do verbo escopo desta pesquisa, atualmente (e provavelmente ao longo de bastante tempo) na língua Apurinã pertence à categoria de verbo auxiliar, mas como ressaltado nas seções anteriores, este verbo pode ocorrer em outras três configurações de uso além desta, cada uma das quais com propriedades morfossintáticas próprias.

Caso os vários usos de *txa* fossem apenas instâncias de polissemia, não haveria mudanças no comportamento gramatical de *txa* em cada um desses usos nas sentenças. Todavia,

como há claramente diferentes padrões morfossintáticos que acompanham os diferentes usos de *txa*, como visto acima, descarta-se a possibilidade de que, sincronicamente, tais usos sejam um caso de simples polissemia.

Portanto, o que houve foi que o verbo *txa* começou a gradualmente perder sua substância semântica, passando do domínio fonte verbo *dicendi*, com um sentido semântico completo, introduzindo discurso direto ou indireto em sentenças, a formas verbais com menos substância semântica. Depois que o processo de gramaticalização começou a operar, esse verbo constantemente perdeu sua substância semântica, através de uma balança inversamente proporcional: mais gramatical, menos lexical. Então, ainda que não se possa afirmar que *txa* está em seu estágio final de gramaticalização, essa forma verbal passou a ser menos usada como um verbo pleno e passou a ser mais utilizada como verbo auxiliar, funcionando como uma ferramenta gramatical nas sentenças, sem acrescentar nenhum tipo de significado.

Este provavelmente não é o estágio final de gramaticalização desta forma, até porque, os quatro usos de *txa* coexistem entre si, mas para o *status* atual do presente estudo desse aspecto da língua Apurinã, é o que podemos propor com base nos dados. A preocupação acerca disso é encontrar a ordem dos domínios alvo, afinal, como dito anteriormente, pelo fato de que as quatro funções são usadas na língua, é complexo encontrar os estágios de forma progressiva. Por outro lado, isso revela que o processo de gramaticalização ainda não está finalizado.

De certo, a existência de uma mesma forma à qual estão associados diferentes significados remete às noções de polissemia e homonímia. A polissemia pressupõe que haja uma relação semântica entre os itens polissêmicos. No caso de *txa*, que ocorre como “dizer”, “pró-verbo”, “auxiliar” e “cópula”, como seria possível a comparação entre *txa* “dizer” e o “pró-verbo”, o “auxiliar” e a “cópula”, sendo que, nestes três últimos casos, temos elementos esvaziados de significação lexical? Nesse sentido, seria problemático adotar a análise de que as diferentes ocorrências de *txa* corresponderiam a um caso de polissemia.

Por outro lado, tratar o caso de *txa* sincronicamente como homonímia seria uma análise possível, mas isso não descartaria a possibilidade de haver uma relação histórica entre as diferentes ocorrências de *txa*, o que demandaria um estudo comparativo. Até o momento buscamos apenas evidências internas da língua, por meio da análise da estrutura argumental e funcional dos diferentes usos de *txa*, bem como recorremos a evidências tipológicas para sustentar a hipótese de que *txa* estaria passando por um processo de gramaticalização.

A apresentação das quatro diferentes ocorrências de *txa* nos fornece evidências internas à língua que corroboram com a hipótese de que tal forma verbal estaria passando por um processo de gramaticalização (por exemplo, *txa* ‘dizer’ apresenta maior autonomia sintática em

relação às demais ocorrências desse verbo, entre outros fatores). Adicionalmente, há evidências externas à língua, de caráter tipológico, favoráveis à hipótese de gramaticalização de *txa* ‘dizer’. Por exemplo, Cohen, Simeone-Senelle & Vanhove (2002) afirmam que: “In several language families, Egyptian, Cushitic, Omotic, Semitic, and Nilo-Saharan, spoken in Eastern Africa [...], full verbs meaning ‘say’ and ‘do’ [...] are frequently found to have uses as auxiliary verbs and as formatives for new verbs” (COHEN, SIMEONE-SENELLE & VANHOVE, 2002, p.227). Estes autores acrescentam que:

The languages of East Africa bear witness to a recurrent process of grammaticalization, i.e. the use of quotative verbs meaning ‘say’ and active verbs meaning ‘do’ as auxiliaries in order to create new verbs of which they may ultimately become inflectional markers. This phenomenon has been recurring cyclically over more than 5000 years in Hamito-Semitic languages (COHEN, SIMEONE-SENELLE & VANHOVE, 2002, p.248).

Dessa forma, os autores (*op.cit*) salientem que o processo de gramaticalização de “dizer” não é um caso isolado, mas ocorre ciclicamente há mais de 5000 anos nas línguas referidas na citação. Adicionalmente, Chappell (2008, p.2), afirma que “The grammaticalization of SAY verbs, or verba dicendi, into complementizers, subordinating conjunctions and other grammatical functions has been documented in detail for many languages [...]”. Ainda, Heine & Kuteva (2004) citam vários casos de gramaticalização do verbo “dizer”. Assim, com base em evidências tipológicas tais como as apontadas aqui, além das evidências internas à língua, parece razoável defender a hipótese de que o que ocorre com *txa* ‘dizer’ em Apurinã corresponde a um caso de gramaticalização.

Nossos dados em análise revelam que a forma mais concreta de *txa* ‘dizer’ apresenta mais autonomia sintática e admite os argumentos sujeito e objeto (e opcionalmente um adjunto dativo). A partir de tais argumentos, parece razoável admitir que *txa* ‘dizer’ de fato corresponderia ao domínio fonte de suas ocorrências como pró-verbo, auxiliar e cópula.

Com base nisso, propõe-se o seguinte percurso de gramaticalização para a forma verbal *txa*:

- *txa* ‘**dizer**’ > desbotamento semântico moderado > perda de autonomia sintática > retoma o significado e reitera o argumento sujeito de verbos ativos, com traço [+humano] > *txa* ‘**pró-verbo**’ > desbotamento semântico intenso > ocorrência perifrástica com perda de autonomia sintática (apenas carrega morfologia do verbo principal) > *txa* ‘**cópula**’ > desbotamento semântico total > sujeito já não se restringe ao traço [+humano], carrega informações estritamente gramaticais > *txa* ‘**auxiliar**’.

A partir do esquema acima, propõe-se que *txa* **dizer**, inicialmente, teria sofrido certo desbotamento semântico (mas ainda mantendo alguns traços semânticos de seu domínio fonte) e ocorrido em contextos que teriam condicionado uma certa perda de autonomia sintática, em que *txa* serviria à retomada de outros verbos (ativos e [+humanos]), reiterando seus argumentos sujeitos/agentes, originando sua ocorrência como **pró-verbo**. Talvez o fato de essa ter sido a ocorrência menos frequente de *txa* no *corpus* da pesquisa possa sugerir que tal uso seja o mais antigo, entre os domínios alvo de *txa* e, portanto, já estaria caindo em desuso.

Em seguida, *txa* teria sofrido um maior desbotamento semântico (em que teria perdido até mesmo seu caráter ativo, o qual teria permanecido em sua ocorrência como pró-verbo) e passado a ocorrer em construções perifrásticas, acompanhando verbos principais, tendo perdido mais ainda sua autonomia sintática, funcionando como “portador” de morfologia desses verbos principais, o que teria gerado sua ocorrência como verbo **cópula**. Como um próximo estágio de gramaticalização, *txa* teria sofrido um desbotamento semântico total, passando a carregar informações estritamente gramaticais e servindo como elemento de ligação entre o sujeito e seu predicativo, em sua ocorrência como **auxiliar**.

Uma vez que o significado-fonte, isto é, *txa* ‘dizer’, coexiste com os significados-alvo, provavelmente, a forma verbal *txa* parece se encontrar em um estágio intermediário de gramaticalização, em outras palavras, o significado-fonte (ainda) não desapareceu, caso em que seus significados-alvo ficariam em seu lugar.

A diante, a próxima seção busca mostrar *txa* e suas quatro formas de uso em relação aos seus equivalentes em Piro e Iñapari, a tentativa não é de estabelecer uma comparação, até porque entre os dados da pesquisa não foi possível encontrar formas que sejam cognatas, então o intuito é apenas mostrar quais são os verbos de cópula, auxiliares, pró-verbos e verbos plenos para ‘dizer’ nas respectivas línguas que são as mais próximas de Apurinã.

A próxima subseção irá discutir acerca da busca por formas cognatas de *txa* nas duas línguas geneticamente mais próximas de Apurinã.

### 6.3 Busca por cognatos de *txa* da língua Apurinã em Iñapari e Piro

Até o momento atual da pesquisa não foi possível encontrar dados que apontem formas cognatas entre essas três línguas, ou até mesmo em outras línguas Aruák. Futuramente, em outras pesquisas pode ser possível visitar este estudo e buscar por dados que possam contribuir em um trabalho comparativo.

O objetivo aqui não é realizar uma análise ou apresentar alguma hipótese, mas sim apresentar um panorama entre o verbo *txa* e outras formas verbais em Iñapari e Piro que funcionem de forma semelhante. Para tanto, nos remetemos ao trabalho realizado por Parker (1995) que, como dito anteriormente, consiste em um dicionário Iñapari-Castelhano e Castelhana-Iñapari e à gramática de Yine (Piro), fruto da pesquisa realizada por Hanson (2010).

Sobre Iñapari vale ressaltar que este trabalho é um dos dois estudos de cunho linguístico encontrados acerca esta língua até o momento atual e, por tal motivo, torna-se escassa a quantidade de informações sobre seus aspectos gramaticais, já que *Datos de la lengua Iñapari* conta apenas com palavras de léxico geral e traduções, sem glosas e sem segmentação das sentenças. O autor trata mais de aspectos voltados à fonologia.

Como indicado na seção 2.2 “Filiação genética: o lugar de Apurinã na família Aruák” e também atestado por Parker (1995), a língua Iñapari, até dezembro de 1993 contava apenas com 4 falantes que viviam na região Sul da Amazônia, no Peru, em uma vila chamada Sabaluyo, localizada no Rio de Piedras, perto de Puerto Maldonado. Parker (1995) esclarece que seu trabalho resultou de um mês de contato com Jorge Trigoso Silvano (na época [1993], quando se deu a coleta de dados, com 43 anos), falante de Iñapari que forneceu listas de palavras, frases e textos na língua.

Freitas (2017) frisa que, atualmente, não foram encontradas publicações que pudessem fornecer dados atualizados concernentes à quantidade de falantes da língua. Esta autora também afirma que a primeira documentação da língua Iñapari de que se tem notícia corresponde a uma lista de apenas 22 nomes, transcritos por Stiglich (1908 *apud* PARKER, 1999). Facundes (em comunicação pessoal) relata que há novos dados de Iñapari em fase de avaliação para publicação, e que, por isso, ainda não podem ser citados. Entretanto, o autor adverte que mesmo entre esses novos dados não há informações suficientes que permitam determinar a presença ou não de cognatos de *txa* nessa língua.

Parker (1995) afirma ter coletado uma lista com 1.238 itens lexicais, extensos paradigmas morfológicos e sintáticos e alguns textos curtos. Por meio deste *corpus* o autor pode realizar sua análise sistemática da fonologia dessa língua e um breve esboço da gramática de Iñapari, ainda assim, são dados escassos e também não são fornecidas informações mais explicativas sobre a ortografia da língua.

Parker (1995) fornece algumas informações sobre aspectos morfossintáticos, mais especificamente, sobre a classe de verbos. O autor diz que Iñapari é uma língua aglutinante, pois assim como em Apurinã, o verbo é o elemento mais importante da oração. O autor frisa

que a maioria das funções morfossintáticas de sujeito, objeto, tempo, gênero, aspecto, etc, se marcam com afixos que se adicionam aos verbos.

Assim como grande parte das línguas Aruák, a concordância entre sujeito e verbo se expressa mediante uma série de prefixos que indicam o número e pessoa do sujeito. Em relação às marcas de objeto, Parker (1995) elucida que o objeto direto de um verbo transitivo também pode marcar o verbo mediante uma série de sufixos pessoais, como exemplo, tem-se os seguintes exemplos retirados de Parker (1995, p. 193):

Runahamá-*no* ‘él/ella me está mirando’

Runamahamá-*i* ‘él/ella te está mirando’s

Runamahamá-*ri* ‘él/ella lo está mirando (a él)’

Runamahamá-*ro* ‘él/ella lo está mirando (a ella)’

O autor também afirma que estes mesmos sufixos servem para indicar o objeto direto benefactivo através dos exemplos (PARKER, 1995, p. 194):

Ipáma-*no* ayáchi ‘él me dio majás’

Ipáma-*i* ayáchi ‘él te dio majás’

Ipama-*ri* ayáchi ‘él le dio majás (a otro hombre)’

Ipama-*ró* ayáchi ‘él le dio majás (a ella)’

Em relação ao tempo, modo e aspecto, Parker (1995) fornece apenas algumas informações, como o fato de que o tempo passado dos verbos muitas vezes não é expresso diretamente e acaba por ficar implícito no contexto, por isso, um verbo no presente e no passado acabam por ter as mesmas formas, como mostrado nos exemplos (PARKER, 1995, p. 194):

Nuhuñáma ‘estoy cantando’ / ‘canté’

Pihañáma ‘estás cantando’ / ‘cantaste’

Ihañáma ‘él está cantando’ / ‘cantó’

Ruhañáma ‘ella está cantando’ / ‘cantó’

Ahañáma ‘estamos cantando’ / ‘cantamos’

Estas são, resumidamente, as informações que Parker (1995) nos fornece acerca dos verbos em Iñapari. Ao observar o seu dicionário, percebe-se que o autor se preocupou em

contextualizar o léxico não específico que fora utilizado como seu *corpus*, a partir destas informações.

Segundo Hanson (2010), em sua tese “Grammar of Piro (Yine)”, os falantes desta língua variam entre 2500-5000 pessoas dependendo da fonte. A comunidade indígena Yine já foi denominada por muitos outros termos, como Chontaquiro, Contaquiro, Pira, Pirro, Simiranch, Simirinche e Chichineri (LEWIS, 2009 *apud* HANSON, 2010). No Brasil esta comunidade é conhecida por Manchineri, que seria a variedade atribuída por meio dessa isoglossa referente ao território brasileiro. A autora frisa que Manchineri é uma variedade bastante similar a Yine, mas a relação entre estas duas variedades, não é muito estável.

Yine, segundo a própria comunidade falante desta língua, é a palavra para ‘povo’, entretanto, até o momento em que Hanson realizara esta pesquisa, este nome de autodenominação atribuído a tal povo não era identificado como um único grupo étnico.

De acordo com Hanson (2010), as informações tipológicas desta língua correspondem tipicamente com as características de outras línguas Aruák, aqui será mostrado de forma breve algumas particularidades. Em Yine, existem 16 consoantes e 5 vogais, em que as longas e nasais não são constrictivas. A estrutura silábica é (C)(C)VC. No que tange às classes abertas, estas incluem: nomes, verbos e adjetivos (por derivação).

Os verbos podem ser derivados a partir de uma grande quantidade de sufixos, sendo –*ta* o mais comum, e também presente em outras línguas Aruák, carregando um pequeno conteúdo semântico. A classe verbal é a que mais possui flexão lexical em Yine, então os predicados verbais podem ser intransitivos, (ambi)transitivos ou ditransitivos, podendo alcançar aspectos modais dependendo do sufixo que se agregar ao verbo, também, contrasta com predicados não-verbais.

Em geral, o perfil morfológico da língua é típico de línguas Aruák. Essa língua é, portanto, polissintética, aglutinante e quase que inteiramente sufixal, com uma quantidade razoável de prefixos.

Sobre a ortografia da língua, Hanson fornece o seguinte quadro apresentado na Imagem 3:

**Imagem 3** - Quadro ortográfico da língua Piro (Yine)

Standard orthography	This grammar (IPA)	Matteson 1965
a	a	a
ch	tʃ	tʃ
e	e	e
g	h (/h/)	h
i	i	i
ç	j	x
k	k	k
l	l	l
m	m	m
n	n	n
o	o	o
p	p	p
r	r (/r/)	r
s	s	s
sh	ʃ	ʃ
t	t	t
ts	ts (/ts/)	ts
u	u	u
w	w	w
x	c	tx
y	y	y

Fonte: Hanson (2010, p. 13)

Após estas breves informações acerca de alguns aspectos sobre as línguas Iñapari e Piro, apresenta-se o Quadro 15, abaixo:

**Quadro 15** - Verbos API

Tipos de verbo	Apurinã	Iñapari	Piro
Verbo dicendi	txa ‘dizer’ sãpire-ta ‘contar’	Itináma ‘dizer’ Ijamaréchama ‘contar/avisar’ Rituhánama ‘conversar/falar’ imaahatíri ‘cochichar’ itjírâma ‘murmurar’ epimaaratíri ‘perguntar’	tjina ‘dizer/falar’ hinkakleta ‘contar/relatar’ hepomha ‘ask’ hiynimata ‘chamar’
Pró-verbo	txa ‘fazer’	-	-
Cópula	txa ‘ser’	-	Ø / hica ‘ser/estar’
Verbo auxiliar	txa	-	hica ‘ser/estar’

Fonte: Elaboração própria (2021).

O Quadro 15 pode ser compreendido da seguinte forma: a primeira coluna corresponde aos tipos verbais que são os principais estudados aqui em detrimento à forma verbal *txa*. A

segunda apresenta as quatro formas de *txa*, posteriormente a terceira e a quarta coluna mostram os correspondentes nas línguas Iñapari e Piro.

Nota-se que em Iñapari existe uma variedade de verbos dicendi, mas que ainda precisam ser revisados para confirmar se há a possibilidade de outros verbos dessa natureza se encaixarem nesse contexto. Entre os dados fornecidos por Parker (1995) não foi possível encontrar as seguintes classes de verbo: pró-verbo, cópula e auxiliar, isso se deve a grande dificuldade em manipular os dados da referida língua, no entanto, pode haver outra forma de segmentar o *corpus* fornecido por Parker e propor uma análise futura na qual seja possível identificar estas formas verbais na língua.

Sobre Piro foram encontradas algumas correspondências que se classificam como verbo dicendi, provavelmente devem existir outras palavras que se encaixem nessa categoria, mas pelo fato de que os dados fornecidos por Hanson (2010) não serem voltados exclusivamente para este propósito, torna-se inconclusiva a quantidade de verbos dicendi na língua, bem como também não foi encontrado, até o momento, alguma palavra que corresponda a pró-verbo na língua, mas, entre os dados, foi encontrada a forma verbal *hica* ‘ser/estar’ que funciona como verbo auxiliar, o que remete preliminarmente ao comportamento de *txa*.

Conforme Hanson (2010) não há verbo de cópula na língua, no entanto, em determinados contextos, o verbo auxiliar *hica* ‘ser/estar’ pode atuar como cópula, segundo a autora “It is not possible to directly suffix *-ini* to a nonverbal predicate, so the verb *hica* ‘be/do’ is used with a copular function [...] and carries not only the Temporal morphology but also the subject cross-referencing and any other predicate morphology” (HANSON, 2010, p. 373).

Entre esses dados é possível, futuramente, realizar testes comparativos entre *txa* ‘dizer’ da língua Apurinã e *tjina* ‘dizer’ da língua Piro, pois ainda que não seja possível afirmar que estes dois verbos sejam cognatos, pelo fato de possuírem formas diferentes, o uso de ambos funciona de forma parecida em suas respectivas línguas, apresentando um sentido de verbo pleno.

Ainda que estas amostras sejam preliminares e necessitem de um estudo que passe pelo método histórico-comparativo, é possível suscitar uma incógnita para pesquisas futuras sobre essas duas formas, com a finalidade de saber até onde se aproximam e até onde se distanciam.

Abaixo mostro alguns exemplos do uso de *tjina* ‘dizer’ em Piro, retirados de Hanson 2010, p. 33, 43, 59, 65).

1 t-tjina  
3SGF- SAY

‘Ela disse:’

hi wa p-pika-ni-na-no  
NEG REF 2SG-BE.AFRAID-ANTIC-CMPV-1SG

‘Não tenha medo de mim’

2 wane t̥fina-ri [ wa sat̥i tinwata-t̥fri ]NP:VS  
THERE/THUS SAY-3SGM [ REF SPEC+MASC STAND-SUBJ.NOM+MSG ]

‘Aquele que estava em pé (na praia) disse....’

3 wane hima t- t̥fina-li “hew-no”  
THERE/THUS QUOT 3SGF-SAY-3SGM “HERE-1SG”

‘Ela disse para ele: “Eu estou aqui!”

4 wane Ø-t̥fina-hima-ta yine-ro-maka-pa-tka-yi  
THERE/THUS 3-SAY-QUOT-VCL PEOPLE-SGF-FRUST-VCL-PFV-2SG

pica-maka n-hninro-ta-ni-tka . . .  
2SG-FRUST 1SG-WIFE.OF-VCL-ANTIC-PFV

‘Ele disse: “Se você fosse mulher, eu gostaria de casar com você”

5 wane hima t-t̥fina-ri hita-ka-tka-ni  
THERE/THUS QUOT 3SGF-SAY-3SGM 1SG-ASSRT-PFV-IMP.DECL

wane p-t̥fina-na-ta-ni-lo-tka-no  
THERE/THUS 2SG-SAY-DUR-VCL-PROP.NOM-SSGF-PFV-1SG

kapethohne  
YESTERDAY

‘Ela disse para ele: “Era eu, foi comigo que você falou há alguns dias atrás”

6 wale wane t̥fina  
3SGM THERE/THUS SAY  
‘Ela disse...’

Estes foram apenas alguns da grande quantidade de exemplos encontrados no *corpus* de Hanson (2010) que mostram o comportamento do verbo *t̥fina* ‘dizer’. O mesmo vale para *hica* que, como dito anteriormente, funciona como cópula e verbo auxiliar, significando ‘ser/estar’, como pode ser visto nos seguintes exemplos:

▪ **Hica ‘ser/estar’ – verbo cópula**

7 pole-há r-hica-ini wa honi-ha  
BLUE-LIQUID 3-BE/DO-TEMP REF WATER-LIQUID

r-heta-poti-ta-ka wa p̥itsoti  
3-SEE-INTNS-VCL-PASS REF ELECTRIC.EEL

‘Quando (se) a água estiver limpa, a enguia elétrica pode ser facilmente vista’

8 no-mole            himata    tye hohne  
 1SGPSSR-KIN.OF    KNOW        PROX.SGM DAY

kaʃfikle-ha        r-hica-inri                    wa    honi  
 COLD-LIQUID.OF    3-BE/DO-ACTN.NOM        REF    WATER

‘Meu irmão sabe que a água está fria hoje’

▪ ***Hica* ‘ser/estar’ – verbo auxiliar**

9 hahmina-picka    r-hica    wale  
 ROCK SIM            3-BE/DO    3SGM

‘Ele era como uma pedra’

10 powra-tá:        r-hica-hima-ta  
 CLEAN-EXCL        3SGM-BE/DO-QUOT-VCL

‘Isso estava tão limpo!’

O propósito desta seção foi apenas o de mostrar que existem algumas evidências sobre um possível cognato de *txa* da língua Apurinã, em sua categoria de verbo pleno ‘dizer’, cópula ‘ser’ e auxiliar com as formas verbais *tʃina* ‘dizer’ e *hica* ‘ser/estar’ da língua Piro (Yine).

Futuramente uma análise mais aprofundada será realizada na tentativa de confirmar a possível aproximação entre estas formas verbais em relação aos seus aspectos fonológicos, morfofonológicos, morfossintáticos e semânticos, a fim de explicar o porquê das formas apesar de distintas possuírem uso parecido e elencar se houve algum uso em contextos específicos que tenha propiciado a mudança na forma.

---

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

A pesquisa realizada por meio deste trabalho buscou analisar e descrever a forma verbal *txa* da língua Apurinã, bem como traçar um percurso para o processo de gramaticalização que tal verbo vem passando. Ademais, também foi feita a tentativa de buscar por formas cognatas em línguas geneticamente próximas de Apurinã, que são Piro e Iñapari.

De acordo com o que foi mencionado no capítulo introdutório desta dissertação, noções semânticas comuns, como homonímia e polissemia, não explicavam satisfatoriamente o comportamento da forma verbal *txa*. Então, ainda que Facundes (2000) em sua gramática da língua tenha abrangido as quatro formas de uso e descrito o verbo, *txa* ainda necessitava de mais análises com dados que fossem voltados exclusivamente para esse propósito, bem como propor uma análise a fim de abarcar um aspecto mais amplo sobre as particularidades desse verbo, neste caso, o fenômeno de gramaticalização.

Desta forma, a presente pesquisa emergiu com a proposta de poder revisitar a descrição de Facundes (2000) e ampliar as análises, com a finalidade de propor novas descrições e abordar a gramaticalização da forma verbal *txa*. Partindo da hipótese de que o domínio fonte de *txa*, corresponde a forma mais lexical do verbo, neste caso, seu uso como verbo pleno, traduzido como ‘dizer’, teria originado três domínios alvo: pró-verbo, cópula e verbo auxiliar.

Ao longo deste trabalho, foram apresentados os principais aspectos sobre os apurinã, tanto o povo quanto a língua, assim como a metodologia desenvolvida para a realização da pesquisa, que como dito no Capítulo 2, infelizmente teve limitações devido à pandemia de COVID-19. Também foram mostrados os principais pressupostos teóricos, para então adentrar na análise elaborada a partir do ponto de vista morfossintático semântico para então alcançar um trajeto acerca da gramaticalização de *txa*.

A partir da análise elaborada foi possível compreender as particularidades das quatro formas de uso da forma verbal *txa*: (i) verbo pleno: dicendi, traduzido como ‘dizer’, que introduz um discurso direto ou indireto, que remete a um fato relativamente atual, no plano da narrativa, que ainda esteja acontecendo ou que ocorreu recentemente e, também, carrega um significado mais lexical. (ii) pró-verbo: traduzido como ‘fazer’, com menos substância semântica, o qual funciona em sentenças como um instrumento de retomada anafórica de outros verbos. (iii) cópula: verbo de ligação, que pode ser traduzido como ‘ser’ e expressa um estado, não uma ação, além de ligar o sujeito ao seu predicativo em uma sentença. (iv) auxiliar: sem

um significado lexical, não altera o sentido da frase e funciona apenas como um instrumento gramatical em sentenças, carregando afixos do verbo principal.

Após essas acepções e análises, que buscaram compreender de forma ampla esses quatro usos, foi possível então elaborar uma relação entre o fenômeno de gramaticalização que este verbo se encaixa além de traçar um trajeto para esse processo. a

Com base nisso, foi possível selecionar três estágios de gramaticalização para *txa*, entre os sete estágios propostos por Heine (1997): (i) existe apenas o domínio fonte; (ii) há ambiguidade entre a fonte e o significado alvo, ou seja, uma única construção pode ser interpretada tanto com o significado fonte quanto com o significado alvo; (iii) apenas o significado alvo está disponível. No entanto, em relação a este terceiro estágio, o que ocorre com a forma verbal *txa* em Apurinã é diferente, pois, possivelmente este verbo ainda não se encontra no estágio final de gramaticalização, sendo que em seu *status* atual o domínio fonte coexiste com os domínios alvo.

Então, a partir da perda de substância semântica *txa* verbo principal passou a gramaticalizar, se tornando menos lexical e mais gramatical, passando a ser usado apenas em contextos bem específicos em textos narrativos, como consta no capítulo de análise, até se tornar um auxiliar sem significado algum. Heine (1991) afirma que quanto mais gramaticalizada uma forma: (i) menor complexidade semântica, significância funcional e/ou valor expressivo; (ii) menor valor pragmático e maior valor sintático; (iii) mais reduzido o número de elementos pertencentes ao mesmo paradigma sintático; (iv) menor mobilidade sintática; (v) mais seu uso torna-se obrigatório em alguns contextos e agramatical em outros; (vi) maior coalescência semântica, morfossintática e fonética com outras unidades; (vii) maior perda fônica.

Com base nessas considerações, o percurso para a gramaticalização de *txa* traçado a partir das análises feitas é: *txa* ‘**dizer**’ > desbotamento semântico moderado > perda de autonomia sintática > retoma o significado e reitera o argumento sujeito de verbos ativos, com traço [+humano] > *txa* ‘**pró-verbo**’ > desbotamento semântico intenso > ocorrência perifrástica com perda de autonomia sintática (apenas carrega morfologia do verbo principal) > *txa* ‘**cópula**’ > desbotamento semântico total > sujeito já não se restringe ao traço [+humano], carrega informações estritamente gramaticais > *txa* ‘**auxiliar**’.

Anteriormente, em Batista (2018), uma análise sobre *txa* com a mesma proposta sobre gramaticalização foi realizada, porém, ainda carecia de mais profundidade, tanto que não havia sido definido ainda um trajeto para a gramaticalização de *txa*. Por isso, este trabalho foi

fundamental para ampliar estas análises e poder compreender de forma satisfatória o que ocorre com esta forma verbal.

Outro aspecto sobre esta pesquisa foi a possibilidade de buscar possíveis formas cognatas à *txa* em outras duas línguas Aruák mais próximas de Apurinã, a saber: Piro e Iñapari. A intenção em identificar essas formas surgiu a partir da necessidade de compreender as mudanças linguísticas, especialmente em relação ao domínio fonte, para assim, obter mais explicações acerca da gramaticalização de *txa*, mas como visto durante a pesquisa não foi possível encontrar nenhuma forma cognata de *txa* nessas duas línguas.

Como o propósito desta dissertação não se concentrou em um trabalho comparativo, esse aspecto merece ser revisitado futuramente, não somente com Iñapari e Piro, mas também com outras línguas Aruák, para que se possa compreender de forma mais ampla o processo de gramaticalização em Apurinã referente à forma verbal *txa* e talvez descobrir se este fenômeno opera em alguma outra língua Aruák de forma semelhante à Apurinã.

A partir das conclusões obtidas por meio dessas análises e a descrição aqui elaborada foi possível alcançar uma explicação mais ampla acerca os usos de *txa* em Apurinã, bem como traçar seu percurso de gramaticalização, ainda que futuramente possa ser possível que essa forma verbal se gramaticalize mais, pois o processo ainda não pode ser considerado em seu estágio final. Contudo, a hipótese a respeito da forma mais lexical *txa* (verbo pleno) tenha originado os demais domínios alvo (cópula, pró-verbo e auxiliar) pôde ser confirmada.

Através da elaboração desta pesquisa espera-se ter contribuído de forma mais consistente para a descrição do verbo *txa* da língua Apurinã, bem como realizar um estudo sobre gramaticalização dessa forma verbal, algo que até então, ainda não havia sido realizado entre os trabalhos com a língua, assim como contribuir para os estudos do processo de gramaticalização, que, ainda é pouco explorado no âmbito das línguas indígenas. Estudos como este corroboram para a descrição da língua Apurinã, que é minoritária e corre o risco de extinção, por isso, é relevante que sejam realizadas pesquisas que possam registrar o *status* atual da língua e que futuramente possam colaborar para a feitura de materiais didáticos em Apurinã.

Portanto, a relevância desta dissertação para os estudos linguísticos colabora para apresentar um estudo novo dentro do âmbito da gramaticalização, sobretudo acerca da forma verbal *txa* em Apurinã, assim como levantar novas hipóteses para futuros trabalhos, no que tange a uma comparação entre as possíveis formas cognatas aqui encontradas de forma que possam abarcar a linguística histórica e a gramaticalização. Outro fator que também se encaixa entre os prós desta pesquisa é a contribuição para o registro da língua apurinã, que por ser

minoritária sempre necessita de novos trabalhos descritivos da referida língua. que possam culminar em novas descrições.

---

**REFERÊNCIAS**


---

AIKHENVALD, Alexandra Y. The Arawak language family. In: DIXON and AIKHENVALD (eds.). *The Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, pp. 65-106.

\_\_\_\_\_. Arawak. In: STRAZNY, Philipp. *Encyclopedia of Linguistics*. New York: Fitzroy Deaborn, 2005, pp. 81-84. Disponível em: <http://www.aikhenvaldlinguistics.com/selectedpublications>. Acesso em: 31 mar. 2018.

BAGNO, Marcos; CASSEB-GALVÃO, Vânia; REZENDE, Tânia Ferreira. *Dinâmicas funcionais da mudança linguística*. Parábola Editorial: São Paulo, 2017.

BAGNO, M. *Mudança linguística*. In: BAGNO, M. Dicionário de sociolinguística. São Paulo: Parábola editorial, 2017.

BATISTA, Gabriela de Andrade. *Gramaticalização em Apurinã: o caso da forma verbal txa em comparação preliminar com outras línguas Aruák*. Universidade Federal do Pará (Trabalho de Conclusão de Curso), 2018.

BERTOQUE L. A. D. P.; CASSEB-GALVÃO, V. C. *Aspectos biofisiológicos do processo funcional da linguagem*. In: RESENDE, B. et al. *Linguagem e cognição: um diálogo interdisciplinar*. Lecce: PensaMultimídia, p. 119-139, 2015.

BRANDÃO, Ana Paula Barros. *Dicionário de Fauna e Flora Apurinã*. Belém, Pará: Universidade Federal do Pará, 2007 (Trabalho de Conclusão de Curso).

BRANDÃO, Ana Paula Barros. *A reconstrução de formas lexicais e gramaticais do Proto-Apurinã-Piro-Iñapari*. Revista científica da UFPA, 01 jan. 2007. Disponível em: [http://www.cultura.ufpa.br/rcientifica/trab\\_premiados/artigos/apbb.pdf](http://www.cultura.ufpa.br/rcientifica/trab_premiados/artigos/apbb.pdf).

BRANDÃO, Ana Paula B.; FACUNDES, Sidney da Silva. *Estudos comparativos no léxico de línguas Aruák*. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi 2. 2007, pp. 111–131.

BYBEE, Joan & HOPPER, Paul (eds). *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.

BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, J. *Language Change*. Cambridge: Cambridge Press, 2015.

CASTILHO, A. T. *A gramaticalização*. Estudos linguísticos e literários, Salvador, v. 19, p. 25-63, 1997.

CASTILHO, Ataliba de; et al. *Funcionalismo linguístico novas tendências teóricas*. Vol. 1, Editora Contexto: São Paulo, 2012.

CHAGAS, Angela Fabíola Alves. *Aspectos Semânticos, Morfológicos e Morfossintáticos das Palavras Descritivas Apurinã*. Universidade Federal do Pará (Dissertação de Mestrado), 2007.

CHAPPELL, Hilary. *Variation in the grammaticalization of complementizers from verba dicendi in Sinitic languages*. In: *Linguistic Typology*, junho de 2008. Disponível em: [http://crlao.ehess.fr/docannexe/file/1724/say\\_sinitic\\_singlefin.pdf](http://crlao.ehess.fr/docannexe/file/1724/say_sinitic_singlefin.pdf). Acesso em 3 de novembro 2020.

COHEN, David; SIMEONE-SENELLE, Marie-Claude; VANHOVE, Martine. *The Grammaticalization of ‘Say’ and ‘Do’*: an areal phenomenon in the Horn of Africa. In: Güldemann, T. et von Roncador, M. (eds.). *Reported Speech: A Meeting Ground for Different Linguistic Domains*, John Benjamins, pp.227-251, 2002, *Typological Studies in Language* 52.

D’ANGELIS, Wilmar da Rocha (org). *Revitalização de línguas indígenas: o que é? Como fazemos*. Campinas, SP: Curt Nimuendajú: Kamuri, 2019.

DIK, S. *The Theory of Functional Grammar*. Dordrecht-Holland/Providence RI-EUA: Foris Publications, 1989.

DIK, S. *Functional Grammar*. Dordrecht, Cinnaminson: Foris Publication, 1981.

FACUNDES, Sidney da Silva. *The Language Of The Apurinã People Of Brazil (Maipure/Arawak)*. Nova York, Búfalo: Faculty of the Graduate School of State University of New York at Buffalo (Tese de Doutorado), 2000.

FACUNDES, Sidney da Silva. *The Comparative linguistic methodology and its contribution to improve the knowledge of Arawakan*. In: GRANERO, Fernando Santos; HILL, Jonathan (Eds.). *Comparative Arawakan histories*. Illinois: University of Illinois Press, 2002. p. 74-96.

FACUNDES, Sidney da Silva; CHAGAS, Ângela Fabíola Alves. *Verbos e estrutura argumental em Apurinã (Aruák)*. In: STORTO, Luciana; LIMA, Suzi. *Sintaxe e Semântica do verbo em línguas indígenas do Brasil*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2014, p. 99-130.

FREITAS, Marília F. P. de. *A posse em apurinã: descrição de construções atributivas e predicativas em comparação com outras línguas Aruák*. Universidade Federal do Pará (Tese de Doutorado), 2017.

GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1995.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (Org.); Angélica Terezinha Carmo Rodrigues... [et al.]. *Introdução à Gramaticalização: Princípios teóricos & aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007

GREENBERG, J. H. *Universals of language*. Second Edition. Cambridge: The MIT Press, 1966.

HALLIDAY, M. *An Introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold, 1985.

HANSON, Rebecca. *A Grammar of Yine (Piro)*. Bundoora: La Trobe University, Australia, 2010 (tese de Doutorado).

HASPELMATH, M.; SIMS, A. *Morphology and valence*. In: *Understanding morphology*. Oxford University Press, USA; 2 edition, 2010, Chapter 11, p. 234-265.

HASPELMATH, Martin; SIMS, Andrea D. *Understanding Morphology*. 2ª ed. – Londres: Hodder Education, 2010.

HEINE, Bernd. *Possession: Cognitive Sources, Forces, and Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

HEINE, Bernd; KUTEVA, Tania. *World of lexicalization and grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

HEINE, B. et al. From cognition to grammar: evidence from African languages. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd. *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1991.

HEINE, Bernd. Ways of explaining possession. In: BARON, Irene; HERSLUND, Michael; SØRENSEN, Finn (eds.). *Dimensions of Possession*. Amsterdã, Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 2001, pp. 311-328 (Typological Studies in Language, vol. 47).

HEINE, Bernd; KUTEVA, Tania. *World of lexicalization and grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth. *Grammaticalization*. Cambridge University Press, 1993.

HOPPER, Paul. *Emergent Grammar*. Berkeley Linguistics Society, vol. 13, 1987.

HOPPER, P. *On some principles of grammaticalization*. In: Traugott, E.; HEINE, B. (orgs.). *Approaches to Grammaticalization*. Amstertam: John Benjamins, 1991, p.17-36.

HUGHES, Kevin. *A typological rarity: The grammaticalization of Garifuna auxiliary verbs*. Proceedings of the High Desert Linguistics Society Conference, City University of New York, vol. 11. 149-174., 2016.

LABRE, A. R. P. 1872 *Rio Purus: notícia*. Maranhão: Tipografia do País.

LIMA-PADOVANI, Bruna Fernanda. *Levantamento Sociolinguístico do Léxico da Língua Apurinã e sua contribuição para o conhecimento da cultura e história Apurinã (Aruák)*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará, Belém: 2016.

LIMA-PADOVANI, Bruna Fernanda. *Estudo do léxico da língua Apurinã uma proposta de macro e microestrutura para o dicionário Apurinã*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Pará, Belém: 2020.

Lin, Yen-Hwei. *Theoretical implications of Piro syncope*. In: Proceedings of the Northeastern Linguistic Society, volume 17, 409–423; 1987.

Lin, Yen-Hwei. Sonority and postlexical syllabicity in Piro. In Papers from the 28th Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society, volume 1, 333–344. Chicago, 1992.

Lin, Yen-Hwei. Syllabic and moraic structures. *Phonology* 14:403–436, 1997.

MATTESON, Esther. Piro phonemes and morphology. 11. Berkeley: Kroeber Anthropological Society Papers, 1954.

MATTESON, Esther. *The Piro (Arawakan) Language*. University of California Publications in Linguistics. vol. 42. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, [1963]1965.

MATTESON, Esther; KENNETH, L. Pike. *Non-phonemic transition vocoids in Piro (Arawak)*. *Miscellanea phonetica* 22–30, 1958.

MEILLET, A. *L' évolution des formes grammaticales*. In: A. MEILLET. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Champion, [1912], 1965.

NEVES, Maria Helena De Moura. *Uma visão geral da gramática funcional*. Alfa: São Paulo, n. 38, p. 109-127, 1994.

NICHOLS, J. *Functional Theories of Grammar*. *Annual Review of Anthropology*, v. 43, 1984, p. 97-117.

PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. *Mudança linguística: observação no tempo real*. In: MOLLICA, M.C.M.; BRAGA; M.L. *Introdução à sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2003).

PARKER, Stephen G. *Un análisis métrico del acento en el piro*. In: *Estudios Ethnolingüísticos*, ed. Stephen Parker, volume 21. Yarinacocha: Instituto Lingüístico de Verano, 1989.

PARKER, Steve. *Datos de la Lengua Iñapari*. Documento de Trabajo nº 27. Yarinacocha, Pucallpa, Peru: Instituto Lingüístico de Verano, 1995.

PAYNE, David L. *Classification of Maipuran (Arawakan) Languages Based on Shared Lexical Retentions*. In: DERBYSHIRE, D. C.; PULLUM, G. K. *Handbook of Amazonian Languages*. [S.l.:s.n.]. 1991.

SILVA, Maria de Nazaré Moraes da. *Parkatêjê língua de herança: 'minha língua ensinada do jeito que eu quero'*. Tese de doutorado. Universidade Federal do Pará. Belém, 2020.

SILVA, Rayssa Rodrigues da. *Termos de parentesco em Apurinã e em Paumari: Contatos linguísticos na região do município de Lábrea – AM*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Pará, 2019.

SOUSA JÚNIOR, W.C.; WAICHMAN, A.V.; JAIME, A.L.G.; SINISGALLI, P.A.A. "Gestão das águas na Amazônia: a bacia do rio Purus." *Workshop Gestão Estratégica de Recursos Hídricos*. Brasília, 2006. Anais I GERH: ABRH, 4 p, 2006

SOUZA, Maria Cristina de. *Documentação de relatos orais: para o estabelecimento de uma tipologia textual em Apurinça*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Pará. Belém, 2014.

SCHACHTER, Paul; SHOPEN, Timothy. *Parts-of-speech systems*. In: SHOPEN, T. *Language Typology and Syntactic Description: Clause Structure, Volume I*. 2ª ed. – Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

SCHIEL, Juliana. *Tronco Velho: Histórias Apurinã*. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2004. 286

\_\_\_\_\_; SMITH, Maira. *Levantamento Etnoecológico das Terras Indígenas do Complexo Médio Purus I: Peneri/Tacaquiri, Água Preta/Inari, Catipari/Mamoriá, Seruini/Marienê e Tumiã*. Brasília: FUNAI/PPTAL/GTZ, 2008.

SCHRÖEDER, Peter; COSTA, Plácido. *Levantamento Etnoecológico das Terras Indígenas do Complexo Médio Purus II: Paumari do Lado Marahã, Paumari do Rio Ituxi e Jarawara/Jamamadi/Kanamati*. Brasília: FUNAI/PPTAL/GTZ, 2008. p. 57-69.

TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1991.

TRAUGOTT, E. C; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A gramaticalização dos verbos passar e deixar*. Revista da ABRALIN, v. 6, p. 9-60, 2007.

VAN VALIN, R. D. *Functionalism, Anaphora and Syntax*. In: Funcional Syntax: Anaphora, Discourse and Empathy. *Studies in Language*, v. 14, n. 1, 1990, p. 169-219.

VIEIRA, E. D. et al. *Amu Asãkirewata Pupÿkary Sãkire: Vamos Falar Apurinã* (Caderno de Conversação, livro do aluno). Belém: Universidade Federal do Pará, 2019.

POVO APURINÃ. *Instituto Socioambiental*. 2019. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/povo/apurina/1512>. Acesso em: 14 agosto 2019.

WISE, Mary Ruth, ed. *Diccionario Piro (Yine): Tokanchi gikshijikowaka-steno*. Serie Lingüística Peruana No.22. Lima, Peru: Instituto Lingüístico de Verano, 2ª edição, 2008.